CINEARTE

PERGUNTE-ME OUTRA

MARY ROSA (Lins) — Pensei que já tinha me esquecido... Obrigado pela noticia, mas podia mandar-me o nome da empresa do Cinema? Parabens, o meu interesse é que o Brasil tenha novas casas confortaveis e modernas. A sua predilecta abandonou o Cinema, por isso talvez é que não lhe respondeu. Mas ella está cada vez mais bonita e fascinante... Gilberto vae bem. Vá lá como é por curiosidade: solteiro, "Mary".

JOD DE OT (Bahia) — Fay e Anita experimente, Columbia-Studios, Gower Street, Hollywood, Cal. Minna fez ha pouco "Big Brain" para a RKO-Radio, por isso experimente endereçar a este studio: Gower Street, Hollywood, Cal. Frances: o mesmo endereço. Joan: M. G. M. — Studios, Culver City, Cal.

NOT-WEN (Rio) — Só posso responder cinco perguntas de cada vez: Fay: Columbia-Studios, Gower Street, Hollywood, Cal.; Frances: RKO-Radio-Studios, Gower Street, Hollywood, Cal.; Elissa: Fox-Studios, Beverly Hills, Hollywood, Cal.; Bette e Ann: Warner Brothers-Studios, Burbank, Cal.

ARMANDO SALLES (S. Paulo — Margaret Sullavan: Universal City, California.

MARIAN CULLEN (Rio) — Infelizmente não sei. Ainda não foi entrevistada. Quando tivermos uma boa photographia publicaremos.

J. G. DE ALMEIRA (Bello Horizonte) — Não temos.

GLADYS (Rio) — Ruby: Warner Brothers-Studios, Burbank, Cal.; Oliver: M. M. M.-Studics, Culver City, Cal.; Gilberto Souto: a/c. desta redacção, rua Sachet, 34. O seu pedido vae aqui, directamente a elle: "Gladys pede para entrevistar Robert Young e Dennis King"...

FANATIC OF MAURICE CHEVALIER (São Leopoldo) — Sobre elle CINEARTE tem publicado inumeros artigos mas não tenho tempo para procurar na collecção os numeros da revista. E quanto á acquisição delles dirija-se directamente á gerencia.

Lembram-se do velho Film da Triangle, "Agulhas do diabo", com Norma Talmadge e Tully Marshall?

Lya morreu ha muito tempo. Gonzaga: Cinédia-Studio, rua Abilio, 26, Rio.

BILLIE NOVARRO (Rio) — Fay: Columbia-Studios, Gower Street, Hollywood, Cal. Rober, Franchot e Lionel: M. G. M.-Studios, Culver City, Cal. Bing: Paramount-Studios. Marathon Street, Hollywood, Cal. Só respondo até cinco perguntas.

MARY BRIAN (Bahia) — Marlene: Paramount-Studios. Marathon Street, Hollywood, Cal. Douglas vae agora para Londres mas pode escrever para United Studios, Melrose Ave. De Lilian tambem não sei. Sim, morreu tragicamente.

R. OCTAVIO (Rio) — Deve ter sido extraviada. Myrna: M.G.M.-Studios, Culver City, Cal.; Irene e Eric: R.K.O.-Radio-Studios, Gower Street, Hollywood, Cal.; Kay: Warner Brothers-Studios, Burbank, Cal. Fernand: Paramount-Studios, Joinville, França.

HUMBERTO CALIXTO (Parahyba do Sul) — Ainda não foi escolhido o titulo. Gonzaga agradece.

JUJANE (Bello Horizonte) — Agradeço o offerecimento e acceito-o. Póde enviar noticias, photos, etc. A) Mais ou menos a mesma cousa em ambos os paizes. B) Tem sido exhibidos varios. C) Alguns. D) Só sei que é de Libero Luxardo. E) Voltará.

A. C. O. L. (Bello Horizonte) — 1.° — "Eram treze", "Mulheres e apparencias", "Deliciosa", "Mulher pintada", "Ultimo varão sobre a terra", "Primavera e Outomno", "Promotor publico", "It's To Be Great Alive", "Flying Down to Rio", "Fructo prohibido" e "Cruzeiro de prazer". 2.° — Não sei. 3.° — Por falta de espaço. 4.° — Não sei. 5.° — "Sunset Pass".

NORTISTA (Rio) — Fiquei contente em saber que está no Rio. Mas eu sou um "homem invisivel"... nem pelo telephone você poderá falar commigo... só converso por intermedio desta pagina... Quanto á visita á Cinédia, procure falar com o escriptorio no edificio Odeon... penso que será possivel sim. Obrigado pela noticia dos Cinemas. "Onde a terra acaba" já passou no Parisiense e deve ter visto. Até logo!

RUDY SERTANEJO (Jequié) — Muito bem, aprecio o seu enthusiasmo. Pelo contrario, não tem descançado. Elle não tem parado desde que entrou nesta luta que tantos desgostos e aborrecimentos lhe tem causado. Tenha calma, "Rudy", é apenas questão de tempo. 1.° — Já possue. 2.° — Não. 3.° — Já foi exhibido. 4.° — Não está mais. Elle agradece o abraço.

LEWIS JACKSON DE LIGUEIREDO (Rio) — Rochelle appareceu ultimamente em "Uma loura para tres" e "Linda selvagem". Experimente Fox-Studios, Beverly Hills, Hollywood, Cal., em cujo studio ella fez o seu ultimo Film. Você sellou a sua com um sello recolhido... E o que nos enviou tambem é dos mesmos, mas eu só respondo por aqui, pela secção.

H. LIMA — 1.° — Americana. Marcella, italiana. Rita: Paramount-Studios, Marathon Street, Hollywood, Cal.

ZÉZE' SUSSUARANA (Jacarehy) Interessante como sempre a sua ultima carta. Recebi o endereço, obrigado.

A "Lux-Film", de Libero Luxardo está filmando em Matto Grosso a sua nova producção — "Anguêra" — que é todo falado com movietone da Victor-Film, de S. Paulo. Os interpretes de "Anguêra" são: Octaviano de Souza, Antonio Candido (que vimos em "Alma do Brasil"), Milton Marinho, Lina Teçay, J. P. Fernandes, Jose Benicio e Jonas Santos, um gigante negro de dois metros de altura...

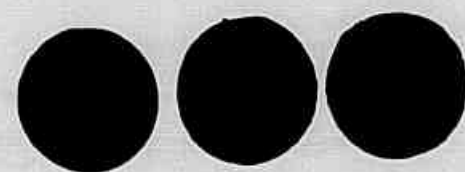
Como em "Alma do Brasil", o director Libero Luxador tambem tem um dos papeis.

A companhia está em locação na Serra do Parécys, onde se desenrola a historia.

❖

O conhecido "camera-man" Lee Garmes foi elevado a director pela Fox. A sua despedida como operador será photographando "Mario nettes", de Lilian Harvey.

Harry Hilliard e June Caprice. Hoje ainda teriam "fans"?

Mary Pickford tambem já foi uma vez "Madame Butterfly".

Joan Crawford, Jeanette Mac Donald e Grace Moore são as candidatas á "Viuva alegre", da M. G. M. com Chevalier.
Qual das tres será a escolhida?

❖ ❖ ❖

Warren William será o rei das modas no seu novo film para a Warner Brothers. Bette Davis é a sua heroina.

❖ ❖ ❖

Sam Taylor dirigirá a nova comedia de Harold Lloyd — "The Cat's Paw".

❖ ❖ ❖

"By Candleligth" vae ser o proximo Film de Elissa Landi para a Fox.

❖ ❖ ❖

Fifi d'Orsay annunciou o seu proximo casamento com Maurice Hill, de Chicago.

❖ ❖ ❖

"Flight of the Swan", que é nada mais, nada menos do que a historia da vida de Anna Pavlova, vae ser filmada por Jesse L. Lasky, para a Fox.

❖ ❖ ❖

Wynne Gibson estará no elenco de "Sleepers East", da Fox.

❖ ❖ ❖

Bessie Barriscale que ainda ha pouco vimos em "Segredos", estará no elenco de "Above the clouds", da Columbia, com Richard Cromwell e Dorothy Wilson. Que saudades dos "Sapatinhcs de pau"...

❖ ❖ ❖

Lionel Atwill foi incluido no elenco de "Nana", de Anna Sten, que Dorothy Arzner está dirigindo para a United.

❖ ❖ ❖

Thelma Todd está entre Jack Oakie e Jack Haley em "We're Sitting Pretty", da Paramount.

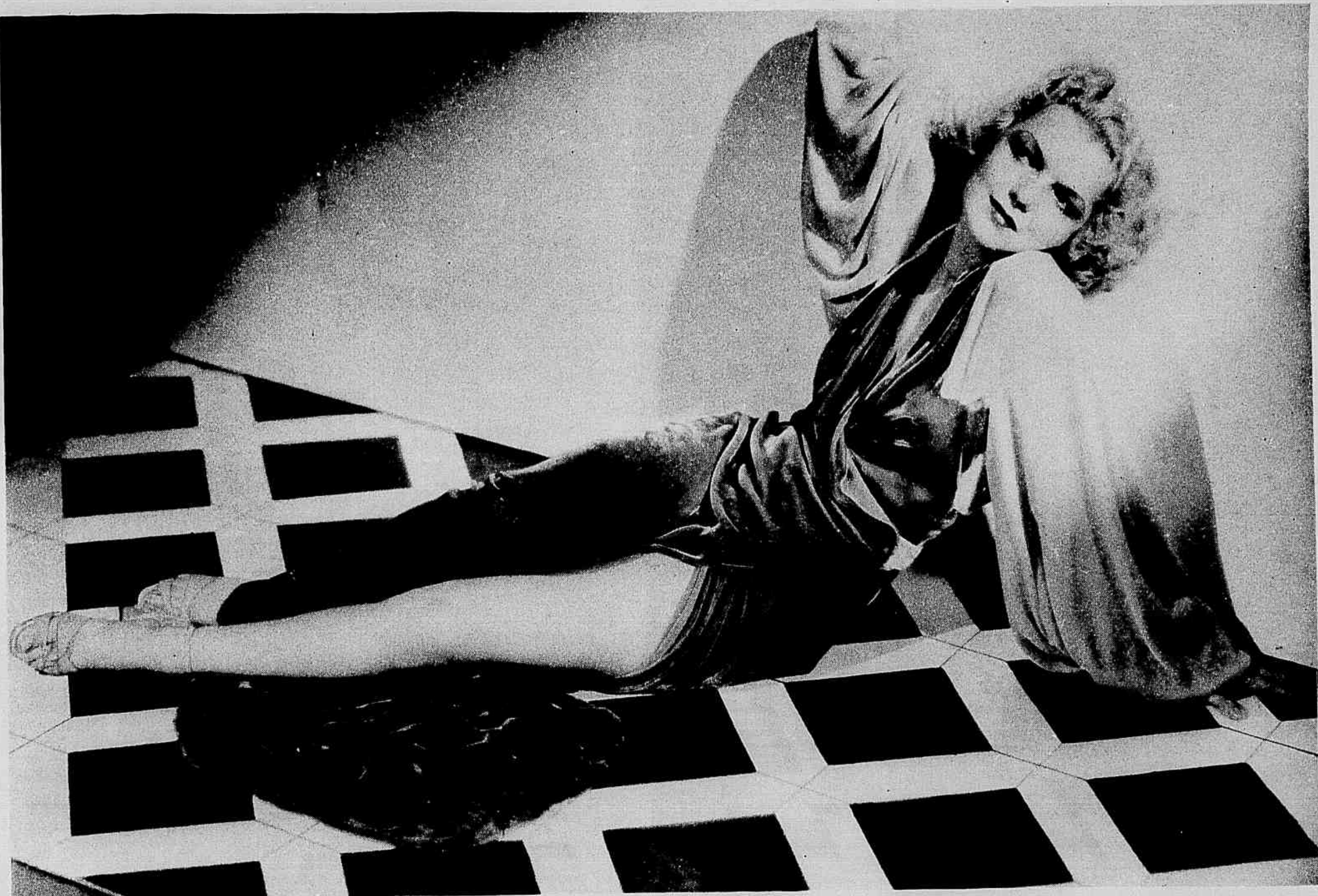
❖ ❖ ❖

Baby Peggy é outra das pequenas de "Eight Girls in a Boat", ou "Senhoritas de uniforme" que a Paramount está fazendo.
Depois de terminar o seu trabalho em "Design for Living", Mirian Hopkins fará "Ladder of Men", tambem da Paramount.

❖ ❖ ❖

A deliciosa Magda Schneider que vimos como pequena de Kiepura em "A vóz do meu coração", será a interprete da versão franceza de "Liebelei" da Ufa.

❖ ❖ ❖

Devido ao grande successo alcançado em "Bitter Sweet" Anna Neagle ganhou o papel principal de "The Queen" que a British Dominion anteriormente destinava á Jeannette Mac Donald. Anna acaba de ser pedida em emprestimo, pela Paramount.

Verna Hillie, da Paramount

CINEARTE

Greta Garbo — escriptorio particular (Private)
Mary Pickford — sala do throno.
Marion Davies — sala de recepção.
Kay Francis — sala de chá.
Bing Crosby — sala de irradiação
Genevieve Tobin — sala de baile.
Lois Wilson — sala de aula.
Ramon Novarro — sala de musica.
Gary Cooper — sala de tropheus.
Ruth Chatterton — sala de audiencias
Tallulah Bankhead — sala de fumar.
Bebe Daniels — sala de trabalho.
Will Hays — sala de conferencias.
Clive Brook — sala de estar.
George Arliss — sala de antiguidades e museu intimo.
Marlene Dietrich — quarto especial (só para homens).
Lylian Tashman — quarto de vestir.
Maurice Chevalier — quarto de dormir.
Clara Bow — quarto de banho turco.
Lupe Velez — quarto de creanças.
Myrna Loy — "boudoir".
Cecil B. De Mille — banheiro.
Richard Barthelmess — bibliotheca.
Mary Brian — enfermaria.
Edan May Oliver — "hall" e sala de escada.
Lewis Stone — escriptorio.
William Haines — corredor.
Dolores del Rio — estufa.
Norma Shearer — terraço e "pergola".
Maureen O' Sullivan — jardim.
George O' Brien — gymnasium.
Johnny Weissmuller — piscina.
ZaSu Pitts — parlatorio.
Charlie Ruggles — bar.
Robert Greig — copa.
Polly Moran — cosinha.
Marie Dressler — despensa.
Os Barrymores — sala de espera.
Constance Bennett — decimo andar
Mae Murray — sala de jury.

x x x

O conhecido comico allemão Siegfried Arno suicidou-se na Hespanha, durante uma **tournée** theatral.

x x x

Charles Farrell que iniciou a sua carreira na Paramount em dois Films celebres, voltará a trabalhar neste Studio em "She Made Her Bed", uma producção de Charles R. Rogers.

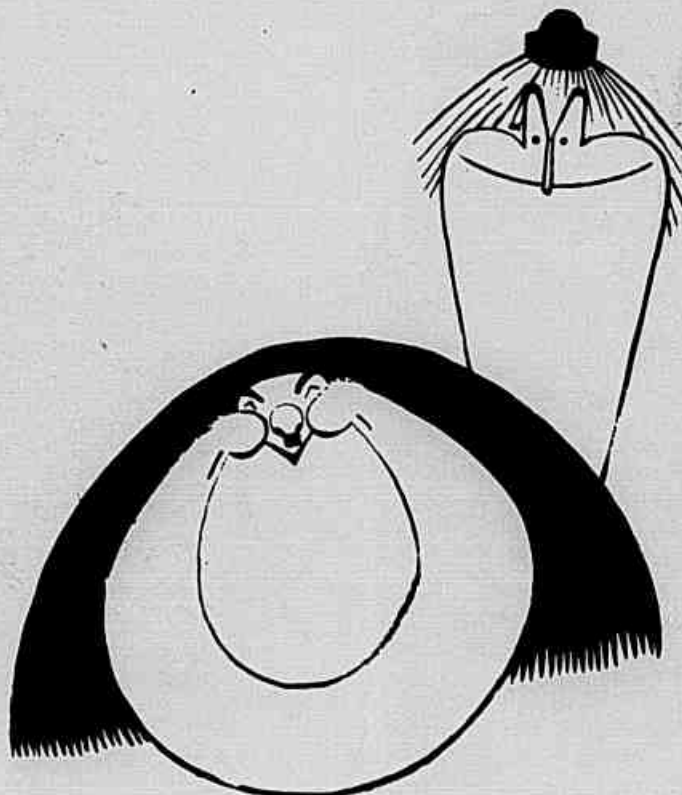
x x x

Boots Mollory casou com Bill Cagney, irmão do conhecido James.

x x x

A R. K. O. contractou Enrico Caruso Junior, filho do grande tenor, e tambem o veremos em "Flying Down to Rio." Enrico Junior será mais feliz do que o pae como artista de Cinema? Já o vimos em "Asas heroicas" e "Más intenções" da Universal.

x x x

Madge Evans é a heroina de Robert Montgomery em "Transcontinental Bus", da M. G. M. Boleslavsky o director de "Aurora de 2 vidas", dirigirá.

Emquanto Patsy Ruth Miller se divorciou do director Tay Garnett, Sally Eilers casou-se com Harry Joe Brown, tambem director.

x x x

Joe Young, irmão de Robert, trabalha na comedia "Mickey's Tent Show", da Columbia.

x x x

Alice Brady e Frank Morgan estão de novo juntos em "It Happened One Day", da Metro. William K. Howard dirigirá.

x x x

"Broadway and Back", da Warner, reunirá Barbara Stanwyck, sob a direcção de Lloyd Bacon.

x x x

Marie Dressler trabalhará com Jean Harlow em "Living in a Big Way", da Metro.

x x x

Laurell e Hardy tambem entram na "Hollywood Party", da Metro Goldwyn.

x x x

Muriel Kirkland e Mae Clarke foram addicionadas ao elenco de "Nana", de Anna Sten para a United.

x x x

Adrienne Ames diz que está tão queimada do sol que, se tirar a roupa de banho, não mostrará a marca do "maillot"...

x x x

"The House of Rothschild" será o primeiro Film de George Arliss para a United Artists. O segundo será "Sentenced".

x x x

Entre 7.000 candidatas, a Paramount escolheu Charlotte Henry para o principal papel de "Alice in Wonderland". Charlotte uma linda girl de Brooklyn já trabalhou em varios Films, entre elles "Sonho de moça", de Marian Nixon.

Cinema Brasileiro

HA muita gente no Brasil que se manifesta desejosa de fazer Cinema. Alguns, mesmo, dizem-se technicos e são os que mais criticam a nossa producção que tem sido apenas pionismo. Nada fizemos, na verdade, de real valor, mas já tem ficado mais do que provado o que parece impossivel a quasi todos: Podemos fazer, temos possibilidades, o Cinema Brasileiro é viavel. E todos continuam a sua lucta. Dizemos assim porque é lucta mesmo.

Não se trata de salientar heroismo barato, mas ha lucta e não apenas pelas difficuldades technicas e de elementos. Falta união, obediencia a organização e a planos traçados, respeito ao que é cousa seria, industrial, falta de educação, moral e, ás vezes, caracter.

Quem vir as producções lançadas neste anno, "Ganga Bruta", "Caçador de diamantes", "Canção da Primavera" e "Onde a terra acaba", producções aliás velhas, que as circumstancias obrigaram a atrazar quasi dois annos o seu lançamento, ha de reconhecer que podemos reunir alguma cousa notavel digna de consideração. Foi preciso começar, fazer alguma, errar muito, para chegarmos ao ponto em que estamos. São poucos os que tem tido a coragem da iniciativa, tendo que dar attenção a todas as partes e phases para a confecção de um Film. Aos problemas de luz, montagem, machinas e outros detalhes technicos.

Os americanos, com todo o capital, assistiram a fallencias de algumas companhias e a juncção de outras no periodo de transição para o Cinema falado. Os seus primeiros Films falados foram horriveis, quando se via que o caminho acertado estava claro...

Hollywood passou mezes de tonteira e as asneiras foram sem numero.

Nós atravessamos este periodo em que nem o grande capital em nada resolvia os problemas materiaes porque não havia machinas que falassem, accessiveis. Estes Films que citamos, além de tudo, tem o signal desta época que atravessamos. E sob o ponto de vista technico, podemos dizer que já estamos preparados para alguma cousa.

Talvez peor seria que tivessemos muita cultura Cinematographica, mesmo sem a pratica, e não tivessemos technica... Hoje já ha varios apparelhos que falam e podem pôr a nossa industria dentro do progresso material. Algumas, mais de três, vieram e estão vindo dos Estados Unidos.

Nobre Jocoso, um dos principaes interpretes de "O Caçador de diamantes", Film de Victor Capellaro. Em baixo, Nobre numa scena do Film, reproducção de um quadro de A. Ribeiro

Outras, mais de dez, foram e estão sendo feitas aqui mesmo. Aquelles que desejam fazer Cinema, que acham como é verdade, ser possivel produzirmos cousa melhor, podem começar agora. Temos varios Studios ou conjuntos equipados. O mais caro está feito.

Quem hoje quizer fazer um Film gastará apenas o dinheiro de sua confecção.

Esperemos os capitalistas e os homens que quizerem arcar com a iniciativa de produzir um Film.

A este ponto é preciso chegar o Cinema Brasileiro.

Capital de muitos, esforços de muitos outros.

Ha muita gente que pensa que o capital para a confecção de Films de qualquer companhia americana, vem della só. Não, cada Film da Fox, Paramount, Metro Goldwyn ou First vem de um capitalista ou um grupo delles.

Cada Film, assim como tem um director, tem um financiador.

Vamos produzir! Que venham os talentos e os capitaes. Os que tem trabalhado para o nosso Cinema até então, já fizeram muito e sem um nickel official. Já provaram as possibilidades que são realmente formidaveis e deram movimento e attenção. Hoje já se discute Cinema Brasileiro diariamente nos jornaes.

Precizamos aproveitar a embalagem. Cinema Brasileiro não é o patriotismo que muita gente julga. O brasileiro intelligente e culto já sabe ha muito tempo o que é patriotismo, se bem que o Brasil, pela sua indole especial ainda é alguma cousa no mundo porque se deva pugnar. Paiz pouco contaminado, sem ambições de conquistas, feliz apezar de tudo, com varios problemas mundiaes já naturalmente resolvidos, o Brasil ou este pedaço de terra em feitio de presunto poderá salvar o mundo...

E acaso é patriotismo, montar uma fabrica de louças ou de casimiras no Brasil?

Deve-se fechar o Instituto de Musica porque não temos musicos de notabilidade mundial?

Vamos fazer Cinema e deixemos de conversa fiada. Consolemo-nos com Hollywood com tantas machinas, dinheiro e cerebros de todo o mundo, accusada de Standard, material e atrazada...

A tehnica chineza é melhor? Pois adoptemos a technica chineza. Mas vamos fazer Cinema. Com a actividade, apparecerão a personalidade e as nossas tendencias artisticas. O que é preciso é fazer.

Florelle é a "estrella" de "Mariage A Responsabilitè Limitée", da Vandor.

Olivette Thomas, estrella do Film "Puxa" de Luis Seel

Cinemas e Cinematographistas

A "Associação Beneficiente dos Operadores Cinematographicos" do Rio de Janeiro commemorou o 7.° anniversario de sua fundação e o "Dia do Operador" realizando uma sessão solemne, cujo aspecto aqui reproduzimos em duas photographias especiaes para CINEARTE.

HAMAMOS a attenção dos interessados, exhibidores e empregados de Cinema para o decreto n.° 23.152 de 15 de Setembro de 1933, publicado na primeira pagina do Diario Official de 20 de Setembro que "Regula a duração do trabalho dos empregados em casas de diversões e estabelecimentos connexos", que deixamos de transcrever por ser um tanto longo.

x x x

Em Rosario, no Rio Grande do Sul, a Prefeitura Municipal vae montar um novo Cinema, que depois de installado será arrendado a particulares.

A nova casa terá apparelhamento de Som.

x x x

Após renhido pleito, foi eleita "Rainha" do Cinema Avenida, de Bagé, no Rio Grande do Sul, a senhorita Neiza Braga. Ficaram collocadas em segundo e terceiro logares as senhoritas Nilza Marques e Córinha Gomes.

x x x

Nelson Osorio, da Publicidade do "Broadway — Programma", casou-se com a senhorita Zaida Cordeiro de Castro. "Cinearte", embora com atraso, felicita o novel casal, desejando-lhe felicidades.

x x x

O "Imperial", de Porto Alegre, exhibiu o conhecido Film de Marie Dressler — "Emma" — numa vesperal "avant-première", dedicada ás senhoras gaúchas, ao sympathico preço de 2$000 a poltrona.

x x x

Gavilon & Saidenberg Limitada serão os distribuidores do "Broadway Programma" no Sul. O Cinema "Apollo", de Porto Alegre, vae ser o primeiro exhibidor e a estréa será com "Ave do Paraiso".

x x x

Em Lins (S. Paulo) inaugurou-se o "Cinema Para Todos", que é uma linda casa, dotada de apparelhos Western e outras cousas agradaveis. "Possuida" foi o Film inaugural.

x x x

O "Capitolio", da Empresa José Failace, em Porto Alegre, festejou o seu 5.° anniversario no dia 12 de Outubro.

No dia 19 de Outubro foi inaugurado officialmente o novo edificio do "Cinema America", da Empresa Ribeiro, no Rio.

x x x

Em Garanhuns (Pernambuco) o "Cinema Gloria" mudou os seus antigos apparelhos sonoros por novos, marca "Cineton". E aquelles apparelhos foram installados no "Popular". Fica assim, Garanhuns com duas casas equipadas.

x x x

Veiu ao Rio, o gerente da Universal em S. Salvador — Caetano Caramurú Genuno.

x x x

O antigo "Theatro Alvaro de Carvalho" de Florianopolis, actualmente arrendado a Empresa Cinematographica Imperial Ltda., tomará o nome de "Cine-Theatro Royal". Esta futura casa de diversões será dotada de um apparelhamento duplo "Z S V" "Nitzsche".

x x x

Inaugurou-se no dia 12 de Outubro o "Cine Odeon", de Florianopolis. Este Cinema está dotado de apparelhamento simples "Cinephon". O Film inaugural foi "A Esquina do Peccado".

x x x

O "Cine-Imperial", de Florianopolis, tambem exhibe os Films da Fox.

x x x

O "Cine-Palace", de Florianopolis, cerrou temporariamente as suas portas.

x x x

O "Cine-Imperial", de Florianopolis, exhibiu simultaneamente, com o "Cine-Odeon", o Film da Universal, "A Esquina do Peccado", no dia da inauguração deste. Caso raro na inauguração de um Cinema.

x x x

Em Lageado (Rio Grande do Sul) os clubs Gymnastica e Sportivo Lageadense installaram movietone nos Cinemas de suas sédes, apparelhos que foram inaugurados, respectivamente, com os Films "Beijos Viennenses" e "O Congresso dansa".

x x x

PARA OS EXHIBIDORES

Phrases de reclame de Films colhidas nas reclames dos mesmos:

SEGREDOS — "Segredos de horas felizes... Segredos de amor que o tempo levou comsigo... Segredos... Segredos de mulher... Segredos de amor que se desfez...

Segredos que ellas não contam a ninguem... e que procuram esquecer, como si não tivessem occorrido os tristes factos que os justificam.

Segredos de horas amargas, de transes e desventuras, que o tempo leva comsigo, deixando no coração apenas residuos de uma cicatriz mal fechada.

Segredos que todas as mulheres encerram dentro de si... Uma chimera desfeita, uma illusão perdida... Um affecto que não resistiu á acção do tempo... Um marido que só continua a ser, em apparencia... que ella perdeu mas que apparenta ainda lhe dar amôr...

Emquanto luctou para ser alguem...

—

...foi fiel á esposa e companheira de todas as horas. Ambos atravessaram a phase aspera da vida, apoiados um ao hombro do outro. No dia em que o triumpho lhe sorriu, não faltou outra mulher ansiosa de compartilhar, a seu lado, o conforto que a outra havia ajudado a construir, sacrificio sobre sacrificio...

Mary Pickford — mais enternecedora, mais artista e mais bella que em todas as suas primitivas creações.

Mary Pickford — com o seu poder subtil de externar o prazer e a dôr, maneiada por **Frank Borzage** — o homem que dirige celluloides com a preoccupação dominante da Espiritualidade e do subjectivismo.

—

Os paes...

...não concordavam no seu casamento com aquelle rapaz de condição inferior, pobre, humilde...

Que importava? Ella amava-o — e era tudo. Sacrificios a esperavam a seu lado? Tanto melhor... A dôr retempera o affecto. O coração revigora-se ao calôr da adversidade vencida. Com elle, por elle, iria ao fim do mundo...

E foi!

Mas soffreu... Conheceu as dôres que bem poucas mulheres terão sentido, no matrimonio. O primeiro rebento daquella união feliz, levou-o á primeira adversidade maior. E tudo supportava, com resignação, stoicismo, tendo-o ao seu lado, para confortal-a...

Depois...

...elle subiu! Venceu! Triumphou! Os homens o invejaram e as mulheres o cubiçaram... Foi quando a maior dôr lhe estava reservada. Tudo ella soube esconder. Era o segredo da sua felicidade — e não teria, com esse segredo, triumphado?

x x x

COMMISSÃO DE CENSURA CINEMATOGRAPHICA

Relação dos Films examinados de 25 de Setembro a 15 de Outubro de 1933:

O assalto — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Approvado.

Ouro e trapos — Universal Pictures Corporation U. S. A. — Approvado.

Estrellas radiophonicas n.° 1 — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.

Estrellas radiophonicas n.° 2 — Vitaphone Varieties U. S. A. — Approvado.

O vidente — Drama — First National Pictures Inc. U. S. A. — Improprio para menores. — Approvado.

Uma viagem de Nainz a Coblença — R/C Filme — Film educativo.

Os tres leitõesinhos — Desenho — Walter Disney (Distr. da U. Artists U. S. A.) — Approvado.

QUEM ERA

"Martyrios e Venturas"

"Dominio das illusões"

No Sanatorio de Arizona

"O mais forte"

"Cossacos"

"La Boheme"

GEORGES CLEMENCEAU escreveu um dia o enredo para um Film americano — **O mais forte** — uma historia que tinha o seu inicio no momento historico da tragedia de Saravejo e finalisava no instante memoravel da assignatura do tratado de Versalhes. Em meio disso girava o thema — "Deve a alma da mulher influir nos destinos do mundo, governando-o. . . ?". O "Tigre" formulava a sua propria resposta, dizendo que sim e mostrava que a "mais forte" e poderosa força do Universo é o Amor e o Amor é a alma da mulher. . .

O mais forte foi vendido á Fox e depois de Filmado e exhibido, redundou num fracasso, mas **O mais forte** teve uma qualidade bem cara aos "fans" e ficou sempre lembrado na historia do Cinema: a estréa de Renée Adorée nelle ! William Fox, querendo usar de uma deferencia para com Clemenceau, resolveu entregar o principal papel da sua historia a uma artista franceza e a escolhida foi Renée, esta Renéesinha querida que a morte acaba de levar, uma das mortes mais choradas de Hollywood nestes ultimos tempos. Renée era a alma mais bella que o Cinema já teve.

Renée era artista desde os cinco annos de edade. Desde pequenina fôra dansarina acrobatica. Tinha sido artista de "vaudeville", cantora de "cabaret" e figura de companhia ambulante. Estivera em Londres representando em comedias musicadas. Trabalhara nas "Follies Bergere" de Paris. Como dansarina percorrera a Australia, Canadá e estava em New York, apparecendo nas comedias musicaes de Schubert quando lhe surgiu o convite da Fox para viver a heroina do drama de Clemenceau. Nessa epoca Renée já andava cansada da sua vida de circo e do palco e desejava mesmo experimentar o Cinema para variar, aquelle convite de um studio americano encheu-a de grande contentamento. Foi assim que Renée entrou nos studios americanos numa experiencia apenas, como se viu depois, deante do insuccesso de bilheteria do Film.

Foi apenas uma "chance" que ella teve para experimentar a nova forma de arte em sua vida e nessa experiencia Renée começou a gostar da representação Cinematographica. Maior então se tornou o desejo de abandonar o palco e ingressar definitivamente no Cinema.

O fracasso de **O mais forte** fez com que o seu nome que se tornara falado quando a escolheram para a sua protagonista, voltasse a obscuridade anterior, mas alguns mezes mais tarde a sorte sorriu a Renée Adorée. . . O Cinema precisava do seu typo interessante. A sua figurinha deliciosa, "charmant", "sui-generis" mesmo, estava destinada a angariar uma grande popularidade entre os "fans" do Cinema. Renée era uma verdadeira bonequinha de carne. Nos seus tempos de circo, na França, Renée de La Fointe era o "numero" mais applaudido do pavilhão de seu pae. Naquelle circo ella não era apenas a "écuyére" que corria no cavallo em pello: Renée tambem trabalhava no trapezio e dansava bailados com uma graça unica. Tambem cantava e era a verdadeira adoração do publico. Ninguem a chamava pelo seu nome — ella havia sido baptisada de Renée-Adorée: a "adoravel". . . E não foi só a França que a adorou como a grande attracção do circo de seu pae: tambem Petrograd, Madrid, Coppenhagen, Londres e outras cidades.

Quando a Fox annunciou o seu nome como a heroina da obra do "Tigre", todo o mundo ficou curioso por conhecer a artista franceza contemplada com o convite que muitas outras desejavam... mas quem viu o Film, não poude mais esquecer o typo da adoravel "estrellinha". E o desejo de vel-a em outros Films melhores, assaltou todos os **fans** ! Esse nosso desejo realizou-se um anno depois para que tambem amassemos a meiga francezinha e a adorassemos tanto quanto os frequentadores do velho circo em que trabalhara. . . Devemos a verdadeira entrada de Renée Adorée no Cinema a Tom Moore. E tambem devemos, em parte, á nossa velha conhecida e admiravel Alice Joyce. A heroina de tantos Films agradaveis na veterana Vitagraph, foi a esposa que illuminou a vida do sympathico interprete de "Cem dollars por mez" e tantos outros esplendidos Films da Goldwyn antiga.

Um dia elles se divrociaram. A "estrella" de "Chispa divina", divorciando-se de Tom, deixou no coração delle uma vaga que devia ser prehenchida por Renéesinha. . .

Foi em 1921 que Tom conheceu Renée. Um encontro casual de verdade, numa festa em New York, dada por aquella loura bonita que tanto nos deliciava nos Films da World — Rubye de Remer. A interprete de "Amargor de um desejo" tambem contribuiu para que Renée tivesse a sua verdadeira opportunidade no Cinema: foi Rubye quem apresentou a delicada francezinha de Lille ao seu amigo Tom, que andava justamente á procura de um typo de pequena para fazer o papel de sua irmã no Film **Made in Heaven.** Tom procurava uma menina de typo irlandez, mas não pensou mais nessa exigencia desde que viu o rostinho gracioso de Renée. Elle não só a desejou para o papel do seu Film como tambem a desejou para a heroina do Film de sua vida real. . . Tom Moore não resistira aos encantos da delicada "girl" gauleza ! Renée era tudo para elle desde o primeiro instante em que a vira e não foi sem emoção que elle lhe apertou a mãosinha fina e perfumada, quando Rubye apresentou-os.

— How do you do, Miss Adorée

— How do you do, Mr. Moore.

E Tom Moore logo convidou-a para trabalhar no seu Film, convinte que Renée acceitou com uma das maiores alegrias da sua vida. E até o fim da festa elles não mais se separaram. A' sahida da mesma já estavam noivos e com a data do casamento marcada para um mez depois. . .

Rubye de Remer estava radiante porque em sua casa nascera um romance dos mais lindos que ella já presenciára e Rubye só desejava que o novo casalzinho fosse feliz, muito feliz mesmo. . .

Durante a festa Tom commentava entre Rubye e Renée a coincidencia do titulo do seu Film com a figurinha da francezinha e dizia: **"Made in Heaven"...** você parece mesmo ter sido feita no céo... Miss Adorée ! . . .

Duas semanas mais tarde, Renée chegava a Los Angeles para Filmar **"Made in Heaven"** que depois teve o titulo trocado para **Heartsease.** Lembram-se daquelle Film encantador que o velho Odeon exhibiu — **Uma flôr por uma canção?** Pois era **"Made in Heaven"** ! Foi durante a Filmagem delle que o romance de Tom e Renée culminou. O publico não viu isso porque no Film Renée apenas era a irmã de Tom, a heroina era a querida Helene Chadwick. Mas o **unit** no studio, presenciou bem o romance... com certeza com inveja. . .

Tom e o director Victor Schertzinger esperavam Renée na estação. E a Filmagem começou depois e com ella o romance. . . tão lindo e poetico quanto o de Garbo e Cavin Gordon. . .

Duas semanas depois realizava-se o casamento. Foi simples a cerimonia: apenas estavam presentes os padrinhos — Jack Pickford e Mabel Normand (agora Renéesinha foi visital-os. . .) e a mãe de Tom.

Mas depois do casamento, o casal offereceu um almoço aos seus amigos, em regosijo a felicidade que envolvia os seus corações. Neste almoço estavam presentes: May Allison, Alice Lake, Edna Purviance, Lottie Pickford, Cedric Gibbons, o marido de Dolores del Rio, que já nesse tempo era o director artistico dos Films Goldwyn, e outras pessoas.

Depois o casal foi passar a lua de mel em Honolulu. E tal era o amor e a paixão que elles sentiam um pelo outro que os idyllios que tiveram entre as palmeiras daquelle recanto paradisiaco, se tivessem sido Filmados teriam mostrado o mais romantico de todos os Films dos Mares do Sul. . .

Renée tinha então dezenove annos. Imaginemos que noiva bonita ella não foi !

De volta da "honeymoon", Tom continuou a trabalhar nos studios de Culver City, que ainda nem sonhavam em fazer fusão com os da Metro, mas já cobiçavam Filmar "Ben Hur". . . e Renée tambem fez outros Films. Foram **Sunny** (talvez a primeira versão daquelle que vimos com Marilyn Miller...) **Oh uncle, On What a girl** e **The Dancer,** cujos titulos brasileiros não nos recordamos.

Tudo fazia crêr que aquelle verdadeiro casamento de amor, seria uma felicidade sem fim. Infelizmente não foi. Um dia surgiu a incompatibilidade de genios, partida de Tom. E Renée tudo fez para evitar o divorcio. Este entretanto, foi inevitavel.

Como consequencia disso Renée voltou ao Cinema, do qual chegára a afastar-se, dedicando-se inteiramente ao lar do seu querido Tom.

E foi naquelle mesmo studio em que ella um dia experimentara a emoção nova de trabalhar para as "cameras", que Renée fez a sua "reentrée". Nesse contracto com a Fox, ella foi a pequena de Burk Jones em **Herdeiros extemporaneos,** quando o sympathico "cow-boy" estava nos seus dias de gloria, offuscando o prestigio do seu collega Tom Mix, no mesmo studio. . .

Emprestada Renée voltou a Goldwyn, fazendo um pequeno papel em **Flôr da Irlandia,** de Colleen Moore — e — outro no grande Film de Marshall Neilan **O festim do forateiro,** com Claire Windsor, Frank Keenan, Rockliffe Fellows e Eleanor Boardman.

Depois Renée trabalhou ao lado do saudoso William Russell em **semelhança confundivel** e a seguir, com John Gilbert **A' margem da vida,** quando elle ainda não imaginava em vir a ser o grande amante da téla, mas já apparecera num no grande Film que foi **Vergonha,** lembram-se? Em **A' margem da vida,** Renée fazia uma camponezinha franceza. . . mas apesar de passado na França, o Film não era de guerra. . . John Gilbert tinha uma luta notavel com Noble Johnson. . . Foi a primeira que Renée e John trabalharam juntos, um "test" accidental de **The Big Parade**. . .

Passando a Metro Goldwyn, Renée figurou em **Martyrios e venturas,** um esplendido Film da policia canadense. Pat O'Malley era o homem que amava "Andrée La Grange", um dos typos mais interessantes que a linda francezinha interpretou em sua carreira. A inesquecivel Barbara La Marr, Wallace Beery e o saudoso Earle Williams, tambem figuravam. A bizarra Barbara fazia uma das suas celebres sereias — "Camille Lenoir" — mas trabalhava em poucas scenas. . .

Conta-se que numa scena de **Martyrios e venturas,** Renée tinha que chorar e ella para agradar ao director Regi-

RENÉE ADORÉE

nald Barker, chorou tanto, imprimiu tamanha sinceridade á scena que naquelle dia não poude ser Filmada nas outras...

Ainda na Metro, apreciamol-a em **Dragões do mar,** um interessante Film de pescadores com o grande Frank Keenan, Barbara Bedford, Robert Frazer e Joseph Dowling. Renée era a "Becky Keeler", filha do "homem miraculoso" que amava o filho interprete das **Campainhas,** que tambem era pescador, mas ficára rico e cheio de preconceitos... Achava que "Becky" era "desigual" para o filho... e contrariava o namoro... Não é preciso dizer que no fim da fita, Frank Keenan até se orgulhava de ser sogro de Renée... Nesse Film, de novo, Renée foi dirigida por Reginald Barker.

Na Universal, vimol-a em **Seis e cincoenta,** a historia de um trem que fazia uma joven esposa — "Hester Taylor" — sonhar com a Fifth Avenue e o Great White Way... Orville Caldwell era o galã, o marido que não tinha as ambições da esposa: a vida se resumia para elle no prazer de vender o leite das suas vaquinhas á fabrica de lacticinios local... Recordam-se?

Iniciando então o seu melhor contracto, com a Metro, Renée fez muitos, variando de vez em quando, as luzes dos "sets" de Culver City, emprestada á Universal, Paramount e Pathé, para a qual fez um Film. Este repertorio curioso e cheio de tantas recordações para nós, é que vamos relembrar agora aos leitores, embora avivando mais a saudade da figurinha subtil da artistazinha que não mais veremos na téla. Agora não podemos mais alimentar a esperança de vêr a mesma **"Melisande"** dizer **"I Love You"** para o americano Jim Apperson, na nova versão falada do "Grande desfile" que a Metro ainda não fez porque esperava que a francezinha ficasse boa e pudesse viver novamente aquella doce camponezinha...

Lua de mel e fel... — Conrad Nagel official de marinha transferido para as Phillipinas, não queria partir sem levar a sua noiva e por falta de tempo esperava casar-se com ella no trem, onde naturalmente viajaria um padre... Lembram-se das complicações em que Conrad e Norma Shearer viam, apesar de durante a viagem encontrarem dois padres? Mas uma das cousas mais deliciosas do Film era Renée Adorée ! Ella era francezinha "Francine" que durante a guerra fôra namorada de Conrad e... tambem viajava no trem...

O bandoleiro — historia hespanhola, dirigida por Tom Terris o homem que fez **"The Girl From Rio"**... Renée era a "Petra" que amava o "Ramon" Manoel Granado... Que "señorita" adoravel ella foi ! O Film tinha uma tourada e tambem uma "farra" na casa do "Marquez de La Torre", feito pelo conhecido caracteristico Gustav Seyffertitz... um verdadeiro "numero" como fidalgo hespanhol...

The Big Parade — o Film que deu a verdadeira opportunidade a Renée Adorée ! O Film que foi começado por Von Sternberg e terminado por King Vidor, que aliás o refez todo. Quem poderá esquecer o namoro e os idyllios de soldado americano John Gilbert com a perfumada "Melissande"?

Em **O grande desfile,** Renée divinisou o amor na téla, espiritualisou-o, foi o romance mais lindo que até hoje vimos no Cinema ! Relembrar o que foi **The Bib Parade** seria escrever um artigo... mas nós escolhemos para recordar aquella scena da sua despedida de John, precedida daquellas outras em que ambos se procuravam numa ansia louca, quasi desesperados, julgando não mais se verem, antes de John partir para o "front"... São scenas que nunca mais se apagaram da nossa lembrança, pela sua belleza e pela sua formosa expressão artistica !

E a côr local da França que existia no Film, se devia em grande parte a Renée. Ella ajudou immenso King Vidor a compôr aquellas scenas do camponio francez.

O destino dos homens — Outra historia de guerra, mas passada em Paris... escripta por Elinor Glynn... dirigido por Victor Schertzinger o homem que dirigira Renée na sua segunda contribuição para o Cinema, no memoravel Film com Tom Moore... Lew Cody a outra franceza Paulette Duval e a antiga "batting-girl" de Mack Sennett Harriet Hammond, tomavam parte. Lembramo-nos bem do contraste interessante que existia nas tres figuras femininas da historia...

Esposas por troca — dirigido por Hobart Henley, uma esplendida comedia sobre casaes, com boas observações e que fazia a gente pensar em Lubitsch... pois até Creighton Hale, um dos interpretes do seu **Circulo do Casamento** (que aliás foi **Uma hora comtigo...**), era um dos interpretes de **Esposas por troca**... Eleanor Boardman e Lew Cody eram os outros. Renée era a mais encantadora das duas esposas, a "Elisa" que não sabia cozinhar...

Fraquezas de Hercules, com Ralph Graves, um Film de boxeur.

Elle e a Cigana — Que Filmzinho bom ! Que Filmzinho interessante foi **Elle e a Cigana !** Conrad Nagel namorava e amava mais uma vez Renée Adorée que era uma cigana linda, linda, differente, fascinante ! E os que hoje adoram Lupe Velez com o seu caracter turbulento, precisam saber que já nesse tempo Renée fazia isso de "morder", descompôr, etc.... Mas... foi só neste Film. Na realidade ella nada tinha de "velez"...

Von Sternberg foi o director.

O Falcão negro — Uma historia passada no celebre "Limehouse" de Londres... com Lon Chaney num duplo papel... O artista admiravel de **O choque** era um emerito transformista como em **Trindade maldicta** e morria no final, victima de si proprio. Renée fazia a dansarina franceza "Fifi" que amava Owen Moore... Um Film caracteristico de Tod Browning.

La Boheme — a historia de Rodolpho e Mimi. Num papelzinho simples, quasi decorativo, para não offuscar a "estrella" Lillian Gish, a "Musette" que Renée Adorée viveu, uma borboleta alegre, mesmo assim fazia pensar... Foi a segunda vez que Renée trabalhou com King Vidor.

A Flôresta Ardente — com Antonio Moreno, não foi um Film da policia do Canadá como **Martyrios e venturas** que o proprio Reginald Barker dirigira.

O Gigante de aço — da Paramount, dirigido por Alan Dwan. Renée era uma cantora de "cabaret", bailarina que se apaixonava por Thomas Meighan, marido de Aileen Pringle... Foi um dos papeis tragicos de Renée Adorée: a "Carita" que se precipitava ás aguas de um rio. O seu papel era tão bonito que a gente ficava com pena !

O galante conquistador — o celebre Film de Ramon Novarro que foi archivado por que não prestava. A Metro chegou a vender o "scenario" a

"The Big Parade"

Paramount e esta fez um dos Films de Menjou. Mas depois, com retoques, **Galante conquistador** foi exhibido... Lembram-se da modista que Renée fazia neste Film? Ella era tambem a esposa do criado de Ramon, o Edgar Norton... Ga-

"Mr Wu"

lante conquistador tinha tambem o detalhe de ter sido o Film em que se despediu do Cinema, o gorducho e admiravel Willard Louis.

Mr. Wu — Outra vez ao lado de Lon Chaney, amando Ralph Forbes e ainda estão na nossa lembrança os idyllios occultos que elles tinham.

(Termina no fim do numero).

"Sevilha dos meus amores"

ROULIEN preparava-se para uma breve viagem de surpresa a Buenos-Aires, quando o circuito **West Coast Theatres** annuncia a **opening,** na California, de seu ultimo Film **It's Great To Be Alive,** no Loew's State, formidavel e luxuosissimo palacio, onde são lançados os Films da Fox e da Metro. A direcção da Fox Film pede e propõe a Roulien que este appareça em pessoa no palco, juntamente com as exhibições do Film. Roulien nega-se, pois não estava preparado para tal. Diz que se não conformaria com a simples idéa de falhar numa tentativa theatral, num genero a que deu a pratica de quasi toda a sua vida. "Falhar em Cinema", diz elle, seria differente, pois é coisa que estou aprendendo !"

A direcção da Fox insiste, tendo certeza do successo que o aguarda. Discute, exige... e Roulien desmancha todos os seus planos de viagem á America do Sul, perde dez por cento da passagem que reservára... e perde tambem a paciencia ! Estrilla em perfeito inglez, sem respeitar caras... e prepara-se para, mais uma vez, dar prova do seu perfeito senso profissional e disciplinar, acceitando, finalmente, a offerta.

Columnas nos jornaes! Os radios da California annunciam a "West premiere" do Film, accrescentando "With Raul Roulien, **latin singing idol and star of the picture IN PERSON !"**.

O programma do palco era mundial, coqueluche de Londres e amigo pessoal do Principe de Galles; astro luminoso dos palcos de luxo da Broadway. Herbert Mundin, comediante inglez da Charlot's Revue e que interpreta o papel de creado no Film, toma parte no mesmo **show.** Bailarinos de fama, **girls** — oh! estas **girls** americanas! — uma orchestra como só na America e tudo isto com os nomes do elenco do Film formavam um conjuncto precioso de celebridades reunidas num só cartaz ! E, lá em cima, bem acima de todos, o primeiro entre os primeiros, um nome nosso, bem nosso, tão nosso que sôa mais carioca do que francez — **Raul Roulien !** Nas marquises, nos cartazes da porta, nos annuncios luminosos, como só os americanos ousam executar, um nome, Roulien, sempre Roulien... (e nem uma allusão ao nome do Brasil...)

A frente do theatro é uma orgia de luz, num pisca-pisca rythmado, como se fossem palpebras incendidas de alegria !

Faltam seis horas apenas para o panno levantar. Roulien ainda não sabe o que fará. Uma coisa, apenas, lhe disseram, teria de preencher quinze minutos do espectaculo. Está indeciso, emquanto o director do theatro arregala os olhos de espanto, assustadissimo. Não podendo conter-se, elle vae e fala a Raul, perguntando-lhe o que elle pretende realizar ou se cahirá na vulgar apresentação de certos astros de Cinema que, ao pisarem o palco, morrem de susto instantaneo?

Esta phrase do "manager" é como um raio de luz para a imaginação rapidissima de Roulien. Isso mesmo: Elle imitará a apparição pessoal dos grandes astros... Faltam oito minutos para o espectaculo. Perto de tres mil pessoas, entre as quaes, talvez dois mil e quinhentos "peccados" (a sala regorgitava de senhorinhas encantadoras, a fina flôr californiana...) O theatro ainda écoava com as gargalhadas fragorosas, arrancadas pela estupenda farça musical da Fox, que acaba de receber a sua consagração. Começa no palco a revista phantastica. Ed Lowry, o publico o conhece de sóbra, é recebido com uma salva de palmas e elle diverte a platéa. Mais numeros do programma... Herbert Mundin, grandes applausos... Um numero excentrico pela orchestra e agora, annuncia Ed: "A primeira apparição em qualquer palco dos Estados Unidos do "star" que acabaes de apreciar no Film — "Raul Roulien"! Aqui, pedimos um instante ao leitor que páre e pense na impressão que sentiu Roulien quando ouviu o seu nome gritado pela primeira vez num palco de celebridades; no seu primeiro contacto directo com o publico desta terra que consagra ou abate logo no primeiro golpe... e Roulien que conhece o peso de todas as responsabilidades theatraes, sabia que ia "improvisar..."

Mas, continuemos: "Raul Roulien", gritara Ed Lowry. Roulien que, ha vinte minutos, passeava nervosamente pelas coxias, pára electrisado. Seus olhos despejam raios. Elle, conforme o costume dos nossos artistas, benze-se antes de pisar o palco — e entra em scena!

Applausos tão enthusiastas como os que receberam os artistas anteriores marcam a sua entrada. Não mais enthusiastas, entretanto... Roulien começa a tremer, timido, e usando da phrase banal empregada por outros astros. O publico percebe a pilheria e estoura numa gargalhada unica, que parece não querer parar mais! Trava-se um debate entre Lowry, Roulien e Herbert Mundin, numa scena estupendamente comica. Roulien toma, então, conta do publico. Todos riem... assistencia, a propria orchestra, os porteiros e as indicadoras, typos "platinum-blonde".

O dominio é completo. Nesta discussão então vieram á luz todas as sympathicas allusões ao Brasil, que a reclame esquecera. Ed suggere que Raul cante qualquer coisa e o publico concorda, exigindo-o, com frenesi. Raul canta I Cover The Waterfront, uma das mais lindas e populares melodias do momento. Mas, o publico, impaciente, querendo sempre mais (parecia-me a mim estar no Lyrico, numa daquellas noites de festival de Roulien...) reclama a canção thema do Film, I'll Build a Nest.

Chega a ovação definitiva. Bis, bis, bis... pedem todos os labios. O espectaculo atraza-se de vinte e cinco minutos, o que faz um total de quarenta minutos de apparição de Roulien no programma. Desce o panno e a caixa do theatro se enche de uma multidão audaciosa. Sim, meus caros leitores, vocês não sabem como é terrivel e feroz essa tribu que se chama na giria de Hollywood — os "autograph hunters". Caçadores de autographos! Foram cinco, dez, vinte, cem —: varias centenas delles. Em caderninhos, em albuns, em retratos, em bolsas e... até na blusa de um pyjama de seda... Sim, meus caros, aqui as garotas, não contentes de serem perigosas, ainda vêm para a rua, trajando pyjamas de seda... quasi tanto ou mais provocadores ainda do que as suas donas!

Mais tarde, a secção de luxo. Parecia até o mesmo desfile de elegancia e belleza do Palacio Theatro, nas segundas-feiras, quando o Leão apresenta mais um dos seus successos.

Dolores del Rio compareceu. Batia palmas, alegre e contente; Charles Farrell, o sempre amigo de Roulien, tambem compareceu, levando pelo braço Virginia Valli, a sempre lembrada **Heroina de Sangue Azul...**

Raul e Dolores numa scena de "Flying Down to Rio" da R. K. O.-Radio.

Roulien

(De GILBERTO SOUTO)

Por signal, que Dolores voltou dias mais tarde, o que parece provar que ella gostou bastante do espectaculo.

Dez e meia da noite. O panno desce pela ultima vez, fechando o capitulo da estréa de Roulien num palco americano. Eu estava tão cansado quanto elle.

Estivera tão nervoso quanto os seus primeiros momentos, antes de entrar em scena. Fumara mais cigarros do que os necessarios para um detalhe de impaciencia e nervosismo... Estava fatigado, pois tambem fizera força e torcera pelo successo do nosso patricio. Mas, que prazer constatar o triumpho ruidoso, completo de Raul !

Guiámos o automovel para Santa Monica... (é costume de Roulien contemplar o mar, á noite...) Elle não fala, está silencioso e pensa. Parámos nas Pacific Palisades, e o olhar de Raul mergulha nas trevas na noite em direcção ao Sul, para o extremo Sul... Leio o seu pensamento, o seu primeiro pensamento depois de cada successo... Via-o desembarcar no Rio e embrenhar-se pela saudade que sempre sente pela sua terra querida... Seus olhos pestanejam... Eu lembro-me então do pisca-pisca rythmado, na frente do theatro, que acabára de presenciar o triumpho completo de um brasileiro...

Vocês querem que eu fale no Film, não é verdade? E' bom, esplendido, agradavel, leve, cheio de graça e malicia, de montagens luxuosas, com garotas lindas e encantadoras. Sou obrigado, entretanto, a fazer uma ligeira critica. Não gostei de toda a sua sequencia inicial, que aliás não está na versão hespanhola. Roulien está contrafeito e forçado. Explico, porém, a causa de tudo isto. Causa mais material do que artistica. O Film principiaria com um jogo de Polo, onde Raul ia tomar parte, cavalgando, realmente, a sua montaria. Em virtude do accidente de que foi victima, e de que, aliás já tratei em chronica anterior, elle não poude realizar tal scena. A direcção foi obrigada a escrever outra sequencia para o Film, o que foi feito com falta de tempo e precipitação natural.

(Continúa no proximo numero).

MAIS ALGUMAS SCENAS DE "FLYING DOWN TO RIO". DA RKO-RADIO.

RAUL ROULIEN E DOLORES DEL RIO.

ROULIEN E GENE RAYMOND SAO RIVAES NA DISPUTA DO AMOR DE DOLORES...

RAUL E GINGER ROGERS.

A ultima entrevista de VALENTINO

Quaes eram as esperanças, os temores e as ambições de Rodolpho Valentino no fim da sua vida ? Dez dias antes de morrer, o celebre actor concedeu esta entrevista, que só agora, depois de sete annos, veio a lume na America. Por ella se vê que o incomparavel artista não se julgava um homem feliz.

RODOLPHO VALENTINO andava muito preoccupado, durante os mezes que precederam a sua dramatica morte, em Agosto de 1926. O futuro trazia-o inquieto, o pensar na sua situação financeira affligia-o, e mil difficuldades o assaltavam de todos os lados. Comprehendia bem que do exito ou fracasso de "O filho do sheik" dependia toda a sua futura carreira na téla, mas bem pouca era a sua fé nesse Film, conforme elle proprio me declarou, dez dias antes de morrer.

Estive duas vezes com elle, durante a Filmagem da pellicula, no inicio dos trabalhos e pouco antes de Valentino partir para o éste, a tentar a operação que lhe foi fatal. Posso dizer que é esta a ultima entrevista que o artista concedeu, pelo menos em Hollywood.

Da primeira vez, estava Valentino muito aborrecido por causa da demora nos trabalhos da producção. A companhia devia viajar para Yuma, a tirar scenas de deserto.

— Temos que esperar, disse-me o actor, com um ar enfadado. Não ha outro remedio. O pessoal do "Beau Geste" anda por lá e já alugou todos os camelos disponiveis !

Achei graça ao caso, mas hoje comprehendo que para "Rudy" aquillo devia ser uma das tantas difficuldades que o atormentavam.

E' já do dominio publico que Valentino morreu endividado, mas, na epoca, a convicção geral era muito outra. As questões com a Paramount trouxeram-no afastado da téla por espaço de dois annos e o prestigio do astro entre o publico soffreu immenso com a publicidade escandalosa que se deu ao caso. As pelliculas, que se seguiram, exceptuando-se possivelmente "Monsieur Beaucaire", não alcançaram grande exito de bilheteria. Valentino andava assustado...

— Não sei o que me está guardado, disse-me o actor, de accordo com as notas que tomei nesse dia. Tenho que tentar genero "differente". Parece-me que devo começar de novo .. Principiar tudo outra vez...

"Não posso continuar a fazer papeis de "Grande Amoroso", ainda que este Film alcance successo. O publico já uma vez se cansou de mim nesse genero. Cansar-se-á outra vez. **Tenho certeza disso.**

"A senhora já sabe que é sempre o que acontece aos actores que se dedicam ao typo de papeis em que me especializei. O artista é endeusado pela publicidade, é o homem de personalidade "fascinante". Ao cabo de certo tempo, a parte masculina do publico começa a irritar-se, com mui sincera e activa irritação. Ouve-se rosnar, com frequencia: "**Isto** é que é o tal "Grande Amoroso?". Depois a porção feminina das platéas principia a provocarnos. Ellas entram no Cinema já de prevenção contra a gente: "Dizem que este mocinho é "fascinante", sempre quero ver se é capaz de me "fascinar" a **mim !**" E' assim que as filhas de Eva nos tratam. A situação é insustentavel e o actor acaba por não se poder aguentar. Esses taes papeis são falsos, artificiaes, e apenas se devem representar durante um certo tempo. Ninguem pode fazer successo nelles indefinidamente.

— Já comecei a comprehender que, nessas condições, **não me posso manter.** Não ha quem seja capaz de impingir, anno após anno o mesmo typo de personalidade. Especialmente um typo tão definitivo como o que adquiri, por alguma estranha magia"...

Estas palavras de Valentino mostram que o artista acabara por descobrir uma coisa que a gente do palco já ha muitas gerações conhece, mas que Hollywood ainda está a aprender com bastante lentidão.

— **Têm** que me deixar tentar novo genero! — protestou o actor. Doutro modo, lá se vae a minha carreira ! Dentro de pouco tempo, cahirei no esquecimento. Sei disso !

"Mas preciso de representar sempre com indumentaria rica e variada, movendo-me em scenarios de muita côr e pittoresco. Não posso apparecer com roupas communs e duas são as razões. Primeira, os trajes que toda a gente usa não dão com o meu typo; segunda, só me sinto á vontade num papel, enfeitado e dentro de scenarios exoticos. São coisas que não posso evitar, porque sou assim mesmo."

Na vida real, Valentino tambem era "assim mesmo". Tinha que viver no meio de luxo e esplendor e foi por isso que se endividou a comprar bellas collecções de armas antigas. Foi por isso que se arruinou a adquirir moveis trabalhados por artistas de outras epocas. Tinha que se rodear de todas essas coisas.

Depois, continuou a dar-me conta do seu plano de salvação.

— Já pensei em fazer um papel de "cowboy", tendo por fundo a bella e romantica paizagem do velho sudoéste.

Mostrei provavelmente surpresa e o actor comprehendeu a razão do meu espanto.

— Naturalmente, não será um Film do oéste dos muitos que se vêem por ahi, apressou-se em explicar. Ha de ser uma verdadeira pellicula, uma pellicula onde palpite toda a turbulencia, todo o pittoresco dos primeiros tempos da historia do sudoéste da America. Tambem por lá andaram typos latinos, hespanhoes e até italianos ! Eu não ficaria assim tão deslocado. Como a senhora sabe nem todos eram "virginianos".

Continuou a falar sobre os seus projectos, as suas theorias. Espaço, côr, movimento... rythmo de acção vertiginosa... uma epopéa. Convenceu-me de que se devia tentar o Film, tal e qual elle o via.

Estava certo de que eu o podia ajudar. Se suggerissemos, pela imprensa, que o artista devia fazer um Film assim, chamariamos a attenção dos chefes das revistas para a idéa e, eventualmente, a do publico. Caso a acolhida

(Termina no fim do numero).

Verna Hillie

Mimi Jordan

CLARK GABLE ESTUDA A SUA ALMA

CLARK GABLE passa noites em claro, a fazer o exame da propria alma. Será que o abuso da introspecção lhe tenha tirado a força e o impeto ?

— Estou "mudado", disse-me Clark Gable, ha pouco, emquanto passavamos em revista os seus tres annos de Hollywood.

Quando o artista começou a fazer sensação na téla, fui entrevistal-o e, entre as coisas que, na occasião me disse, nunca mais me esqueci destas palavras:

— Nunca "mudarei". Se fosse novo aqui e fizesse logo successo, talvez levasse a coisa a serio. Mas não sou novo. Já aqui estive ha cinco anos, sózinho, desamparado, sem vintem no bolso. Ninguem reparou em mim. Ninguem manifestou desejos de me conhecer. E sei muito bem que, apesar da maré ser agora boa, o barco em que ando a navegar continua a ser exactamente o mesmo. Sei que todos estes amigos que me festejam, se fariam immediatamente ao largo, como outróra, se a sorte de repente me começasse a fugir. E' por essa razão que não pósso levar a coisa a sério.

Já tinha ouvido outros actores dizerem o mesmo, quando a fortuna entrou a bafejal-os, mas esses foram os primitivos que estiveram em Hollywood. Por isso, passei estes tres annos a observar attentamente Clark, á espera dos primeiros signaes de arrogancia e vão orgulho. Mas confesso que perdi o tempo, pois, pelo que vejo Clark não mudou nada.

Se por um lado, porém, perdi o tempo, por outro sahi ganhando, pois, durante esse intervallo, fui conhecendo Clark melhor, e posso dizer que o respeito e a amizade que já lhe dedicava, á medida que progrediam as nossas relações, não fizeram senão augmentar.

No dia desta segunda entrevista, estando nós a merendar, lembrei-me, de repente, de felicital-o, por não haver perdido a cabeça, cumprindo a palavra e não mudando realmente em nada.

— Estás enganado, sorriu Gable. Estou "mudado", não do modo que talvez imagines, mas noutras coisas. Dizem que o caracter está sujeito a constante e gradual transformação e que, em cada sete annos, se é um novo homem. Já sabia que a gente se desenvolve, em resultado da experiencia, para melhor ou para peor, mas tinha tambem a impressão de que o caracter se transforma sempre na mesma direcção. Vejo agora que laborava em erro.

"Uma noite destas, regressando duma festa, metti-me na cama, mas não conseguia conciliar o somno. Levantei-me, vesti um roupão e sahi para o quintal. Eram quasi duas horas da manhã, a estrada em frente da casa estava deserta, não se ouvia senhum ruido e nenhuma luz brilhava a não ser a da lua. Puz-me a pensar em mim proprio e no futuro.

"Senti-me um pouco aborreciido, por não me ter sido possivel tomar parte numa caçada; puz-me a resmungar contra a minha condição de escravo do Cinema, mas, subito, comprehendi que, muito pelo contrario, fôra Hollywood que me dera, pela primeira vez na minha vida, a coragem de **ser eu mesmo**.

"Sempre fui homem de genio exaltado e não posso negar que Hollywood me ensinou a domal-o. Não faz muito tempo, estava eu a discutir com um dos mandões do studio a respeito de determinado papel. De repente, percebi que o sangue me começava a subir á cabeça. Antes, porém, que perdesse as estribeiras, tive sufficiente força de vontade para dizer: "Sinto muito, mas agora me lembro que marquei hora com uma pessoa. Depois falaremos". E sahi logo, para não atirar com algum desafôro, de que depois me viria a arrepender. Voltando-me a calma, regressei então ao studio e expuz tranquillamente as minhas razões.

Clark e Walter Huston

"Tentar obter qualquer coisa, dentro duma organização tão complexa como a dos studios, a poder de gritos e de barulho, é quasi o mesmo que teimar um passaro em voar contra a furia dum cyclone. As explosões de raiva, além de nos indisporem com as pessoas contra as quaes são dirigidas, deixam-nos em pessimas condições. Prejudicam-nos não só as relações diplomaticas, mas tambem a voz, a expressão physionomica, o trabalho deante da camara e o aspecto geral.

"Outra coisa que Hollywood me ensinou foi a differençar entre amigos e conhecidos. Os amigos são raros e acho que, em troca da sua amizade, lhes devemos dispensar muito maior consideração e importancia que aos simples conheci-

(Termina no fim do numero).

Clark Gable como figurante em "Veteranos e calouros" quando ainda não sonhava em ser o galã de Joan e Norma Shearer...

(DE GILBERTO SOUTO, REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD)

Perdi muito do meu enthusiasmo com o Cinema falado... — disse Clarence Brown

FAÇAMOS justiça a quem tem talento. Clarence Brown merece uma entrevista, pois é credor da amizade e da admiração de muitos **fans**. Não, destes que preferem, apenas, as "estrellas" seductoras e cheias de fascinação ou os galãs elegantes e de sorriso bonito. Ha tambem os **fans** que sabem apreciar um homem do quilate de Clarence Brown, que sabem distinguir onde, realmente, está o valor verdadeiro de um Film e — muitas e muitas vezes, da propria "estrella" e do galã. Os directores nem sempre recebem da massa de frequentadores de Cinema o devido applauso. Vivem na sombra da camera, escondidos por detrás dos reflectores e das luzes fortes que attingem, apenas, um alvo — a "estrella" ou o galã. Uma vez por anno, apenas, elles vão até á galeria de retratos e pôsam para o photographo do studio — pois poucos são os pedidos de photographias. Nem sempre são procurados para uma entrevista e passam annos seguidos envoltos na obscuridade. Não é direito isso.

Um homem como Clarence Brown merece que sobre elle se diga alguma coisa, que se escreva sobre sua personalidade, seu grande valor e a belleza que encerra seu espirito de escól.

Eu tenho tido muita sorte entrevistando directores, pois todos com quem tenho falado são de uma gentileza extrema. Ainda não recebi um **não** ou uma excusa para a entrevista reclamada. E um director é o homem mais atarefado de um studio, pois sobre seus hombros recahem tarefas varias e complicadas. Elle lê historias, discute possibilidades de successo, tem conferencias com os scenaristas e encarregados da continuidade. Depois, escolhe o seu elenco, approva as montagens, os vestidos, dá ordens para a chamada do elenco; verifica as luzes, os angulos da camera, os trabalhos de **trucs**, a machinaria — Corta muitas vezes o proprio Film ou, pelo menos, assiste a esse trabalho e, além de tudo isso, elle tem que prestar attenção ao tempo de Filmagem não póde ir além do prazo estipulado pela direcção do studio... E' pouco para um só homem, não acham?

Clarence Brown é um homem de estatura mediana. Cabellos grizalhos, de maneiras affaveis e de vóz serena. Elle fala devagar, sem mostrar muito enthusiasmo no que vae dizendo. Ha, porém, uma grande firmeza nas suas palavras e um tom convincente nas suas phrases. Notei, porém, que elle gosta de conversar sobre Cinema e, no dia em que com elle palestrei, ao que parece, estava disposto, talvez mais do que nunca, a discorrer sobre varios detalhes da sua arte. Eu havia notado nos seus ultimos Films uma falta daquelle fogo antigo, daquella chamma que crepitava em suas scenas. Não parecia o mesmo Clarence de outros tempos, quando nos dava Films notaveis, obras memoraveis que ainda estão na memoria de quantos vêm Cinema. Elle é o director elegante, artistico por excellencia, cujas scenas offerecem um refinamento de attitudes, de momentos delicados, intercalando-se, dando-se as mãos.

Notem seus trabalhos — ha belleza em cada quadro. Na arte e delicadeza mesmo na scena mais brutal. Clarence é dos maiores directores de Hollywood e, hoje, sendo apontado como director de romances de amor, por excellencia, elle entretanto iniciou a sua carreira dirigindo um Film de mysterio, com um crime indecifravel! Parece mentira mas é verdade. Para os que se recordam de passados Films, aponto aqui **Libello Tremendo** (The Acquital), trabalho da Universal em que Norman Kerry apparecia.

Seu escriptorio, no studio da Metro Goldwyn-Mayer, é dos mais elegantes, sem o ser exaggeradamente moderno. Duas salas — uma da sua secretaria e aquella onde elle trabalha, longas e longas horas. Um bom gosto apurado, tal qual elle procura imprimir nas scenas de seus Films. Poltronas e um grande sofá de couro azul. Retratos, livros e papeis. Clarence sempre se traja com distincção, mas simplesmente. Não usa ternos exaggeradamente elegantes, mas nota-se seu cuidado em escolher roupas. E elle é um artista! Mas, ao contrario dos pseudo-artistas, esses que vestem mulambos e usam cabellos longos (por falta de dinheiro para o barbeiro...) e que se inculcam **bohemios** (synonimo de desleixo e falta de banho...) elle é uma creatura civilizada!

Clarence Brown personifica o americano educado, intellectual, artistico e sentimental. Elle faz parte de um grupo de americanos que os outros povos desconhecem, pois só apontam o "yankee" como o millionario, rei do cobre, amante do "dollar", bocal e rude. Quanta illusão em conhecer a alma de outros povos, principalmente a do americano. Falam, discutem e apontam o americano como uma cre-

Reminiscencias: Lendo a historia da "Carne e o Diabo" para Garbo, John Gilbert e Lars Hanson...

CLARENCE BROWN

atura pouco romantica e sentimental ! Que dizer então desses creadores de pequeninos poemas romanticos que são os **blues** e as canções populares dos Estados Unidos ? Dos que escrevem essas baladas e essas melodias populares ? Dos autores de peças theatraes e dos que fazem esses Films de Hollywood ?

Clarence me disse — "Eu sou um sentimental, por isso gostei, por questões pessoaes, de **Romance.** Ha uma grande belleza nessa peça e como era bonito aquella scena do velho bispo, recordando o grande **romance** da sua vida, todo elle nada mais do que a memoria da grande "estrella", aquella Rita Cavalini, irriquieta, voluvel e exquisita ! Quanta belleza naquellas flores murchas e no lencinho ainda perfumado ?"

Tinha uma serie de perguntas a fazer a Clarence Brown. Elle attendeu-me com cortezia — mas, ao recordarmos juntos seus passados Films, elle muda de logar. Pede-me que me sente numa poltrona macia e elle vem para junto de mim, sentando-se no sofá de couro azul.

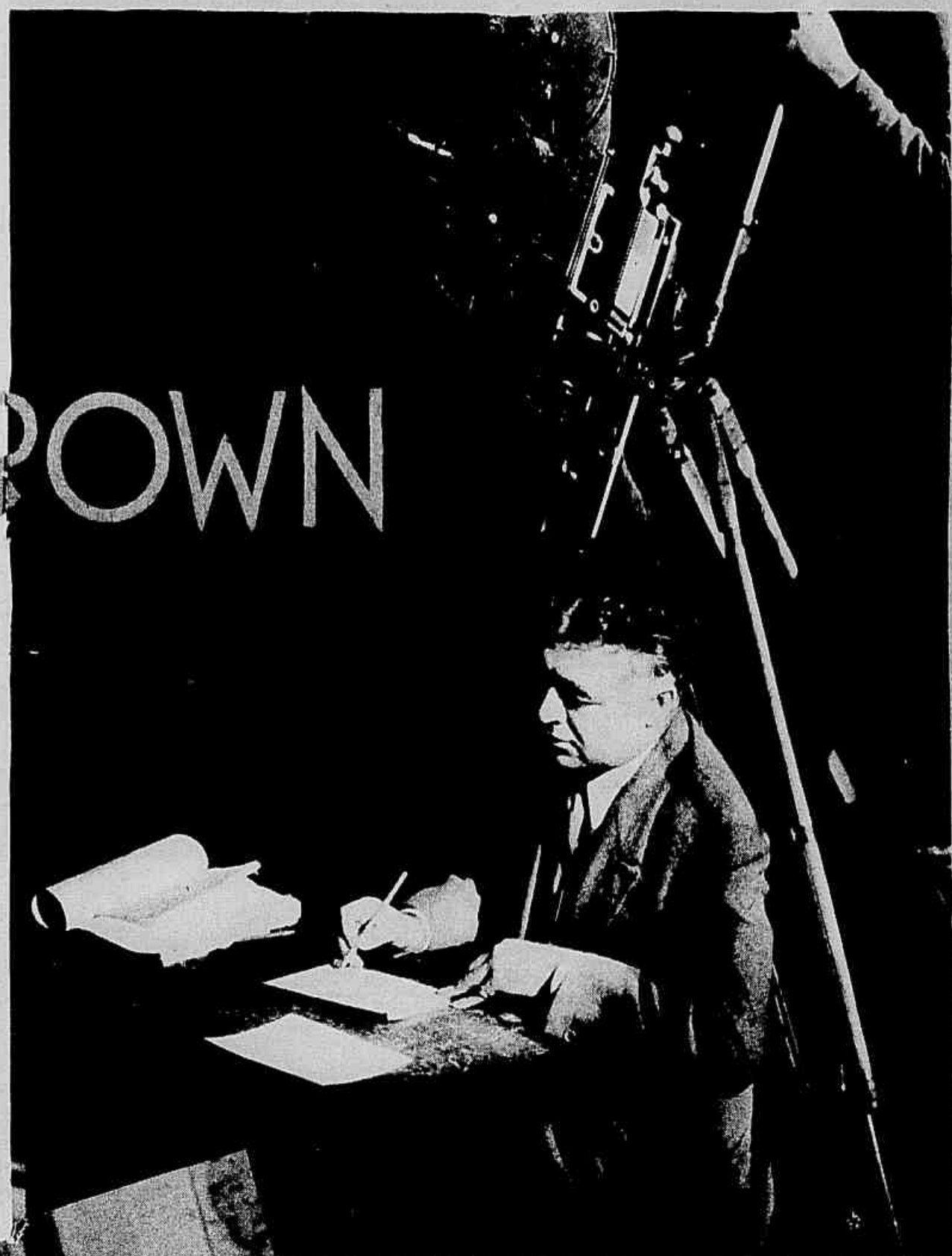
Tomou mais interesse na palestra. Começou a falar com serenidade, com gosto, com verdadeiro enthusiasmo de seus velhos Films, de seus antigos trabalhos, de Cinema em geral.

Recordo-lhe **Libello Tremendo** um Film que differe tanto dos seus actuaes romances de amor. Era uma historia de mysterio.

Elle me diz: "Foi meu primeiro Film para a Universal. Desse tempo, recordo com gosto **"Mãe é sempre Mãe"**, (The Goose Woman), e a seguir **"A' mingua de amor !"** diz-me elle.

"Ha dias, falei com Laemmle Junior. Disse-me elle que pretende reviver, **"A' mingua de Amor"** e, confessou-me que, ha dias, passou todos os meus antigos Films. Affirmou-me que elles — mesmo com mais de oito annos de idade, ainda são espectaculos modernos. Parece incrivel que com tanto tempo passado ainda elles tenham interesse e actualidade. Mas, concordo com a palavra de Carl Laemmle Jr. porquanto taes trabalhos são baseados em sentimentos humanos, amor, paixão odios, intrigas, sentimentos eternos."

Digo-lhe que fizeram, ultimamente, **"Mãe é sempre Mãe"**. Elle me responde: "E' verdade! O sr. viu-o?" Digo-lhe que sim e como do trabalho delle. "Ha certos Films que não devem ser feitos de novo, pois perdem muito em comparação á primeira emoção que despertaram." Clarence Brown concorda commigo. Bem imagino porque. Elle creou no trabalho de Louise Dresser uma obra immortal, bellissima, cheia de detalhes Cinematographicos, de belleza, humanidade e emoção. A versão falada perde immenso, comparando-se á silenciosa.

Peço-lhe, então, que me fale no Cinema silencioso e nos **talkies.** Reparem e prestem attenção nas palavras de Brown: "Os **talkies** vieram matar o genio inventivo do director. Nós pouco creamos, agora, com o Cinema falado. Eu mesmo sinto que perdi muito da minha habilidade creativa. Naquelle tempo, tinhamos que trabalhar muito mais. Nosso cerebro procurava sempre idéas novas, maneiras ineditas de detalhar um Film, uma scena. Hoje, com uma simples palavra no dialogo dizemos muito. Tornou-nos preguiçosos, indolentes. Perdi muito do meu enthusiasmo, posso affirmal-o. Sómente, em dois dos meus ultimos trabalhos, eu me approximo dos meus antigos trabalhos. Em **Possuida** e, recentemente, **"Night Flight".** Neste ultimo, por exemplo, tenho apenas cerca de dez paginas de dialogo. O resto é Cinema, acção, detalhes, movimento. Por exemplo, em **Mãe é sempre mãe** eu mostrava Louise Dresser, bebendo "gin" pela garrafa. Depois, ella a atira por cima do hombro e a machina acompanhando o movimento mostra-a cahindo num caixote onde se vêm dezenas de outras garrafas vasias. O publico immediatamente comprehendia. Ali estava uma mulher que era uma ebria inveterada. Hoje, com uma simples phrase — a gente descreve um bebado no Cinema !

"Quer ver outra scena ? Neste mesmo Film, eu tinha outro momento em que o rolo daquelle phonographo primitivo cahia ao chão e se quebrava. Era como o verdadeiro symbolo da vóz da cantora que acabára, e por isso ella vivia mergulhada naquella vida abjecta e miseravel. Hoje, já quasi que não podemos intercalar taes scenas, detalhes ou symbolos. Affirmo mais uma vez, eu proprio perdi muito da minha antiga inspiração, pois as condições actuaes não nos facilitam tanto como dantes. O Cinema falado veio tambem retardar o movimento dos Films de vinte e cinco por cento, se bem que essa demora quasi não seja notada. Ella, entretanto existe. Antigamente, desenvolviamos uma scena obedecendo a esse principio do **tempo visual** até attingirmos o seu gráu mais intenso. Para supprir esta demora, este atrazo de movimento visual, fomos obrigados a crear um outro tempo — o **auditivo.** Os dialogos devem ser rapidos, um após outro, num rythmo tal, que o movimento auditivo possa, em parte, compensar o atrazo visual. E' o unico meio de remediar essa falta."

Pergunto-lhe se elle vê Films estrangeiros, europeus por excellencia: "Pouco vejo do Cinema europeu. Quando da minha ultima viagem á Europa, assisti a duas producções — **Senhoritas em Uniforme e "M"** (este Film a que Clarence se refere, creio ser o mesmo trabalho de Fritz Lang, já exhibido no Rio, sob o titulo de **O vampiro de Dusseldorf**), pelliculas estas que estão sendo exhibidas aqui nos Estados Unidos. O primeiro, pela sua extrema naturalidade e pela esplendida **performance** de Dorothéa Wieck, agradou-me immenso. Ambas, entretanto reputo dois bons Films. Deixei tambem de acompanhar, por algum tempo, o movimento do publico. Reconheço ser isso um mal. Um director deve assistir a Cinema em meio a uma platéa, afim de notar nella a reação de scenas e sequencias."

Por estas palavras de Clarence Brown notei que elle, realmente estava perdendo o seu interesse e enthusiasmo pela arte onde foi

(Termina no fim do numer

Sabiam que Clarence Brown é um dos melhores aviadores de Hollywood? Aqui está elle com o campeão de paraquédas Spud Manning.

Com Helen Hayes e John Barrymore durante a Filmagem de "Night Flight". Clarence acha Helen uma artista admiravel.

A Má Estrella de

Com Edmund Lowe numa scena de "Her Bodyguard"

Com Jean Hersholt em "The Crime of the Century"

WYNNE GIBSON tem tudo, menos uma coisa: sorte. Na verdade, tem ganho muito dinheiro e são sem conta os admiradores que lhe escrevem cartas de applauso, mas o grande exito, o papel de sensação que põe um artista acima do commum dos collegas, sempre lhe escapa das mãos, no ultimo momento. Justamente no instante em que Wynne se julga senhora delle, surge um braço invisivel que lho arrebata.

E o mesmo se passa na sua vida privada e domestica. Os dois casamentos de Wynne acabaram ambos em divorcio, quando a artista já se julgava amada e feliz para sempre.

Já desde o principio que um grande azar a parece perseguir. A familia de Wynne nunca teve nenhuma ligação com o theatro. A actriz terminou a sua educação escolar na Wadleigh High School, de New-York, e, depois de se formar, algumas collegas suas entraram para o theatro musicado.

Um dia, appareceram-lhe em casa e convenceram-na a acompanhal-as até um theatro, onde se dizia haver necessidade de coristas para uma nova "musical show". Entre outras coisas, Wynne aprendera tachygraphia e dactylographia na escola. As amigas falaram ao empresario nessas habilidades de Wynne e o homem olhou para a moça, de alto a baixo, com um sorriso approvador.

— Tenho uma idéa de arromba, disse o typo, meigamente. Você planta-se no meu escriptorio, trabalha alguns dias, e, depois, vou eu e chamo os ra[illegible]s dos jornaes para lhes dizer que, ao cabo de corre[illegible] todo o New-York, á cata duma actriz que me servisse para determinado papel, a encontrei no meu proprio escriptorio, na pessoa da minha secretaria. E' o que se chama uma publicidade de rebimba!

Wynne achou a idéa realmente de arromba e, na manhã seguinte, apresentou-se no escriptorio.

— Não aconteceu nada, diz ella. Passei o dia sem ter que fazer, sem escrever uma só carta. A unica coisa que o sujeito tinha no tal escriptorio era um cofre com joias que costumava offerecer ás suas victimas, quando a occasião o exigia. No segundo dia, porém, mal entrou o "patrão", tentou abraçar-me. Não sabia bem do que se tratava, mas como já lera muitas novellas, puz-me a gritar. Um empregado do escriptorio ao lado acudiu e fui salva.

Wynne não disse nada á familia do que occorrera e, quando as amigas se lembraram de pedir logar em "Tangerine", foi com ellas. Com surpresa sua, contrataram-na para fazer uma das "seis mu[illegible]inerzinhas".

A companhia seguiu para Atlantic City, Baltimore e Washington. Nesta ultima cidade, surgiu o pae de Wynne, que deu logo com a filha.

— Vae-te vestir e já na minha frente! intimou o velho, severo. A' carreira de Wynne no theatro parecia terminada, mas a moça tinha grande amor pelo palco e, quando chegou a New-York em companhia do pae, já o tinha quasi convencido de que ha coisas muito peores no mundo do que representar para o publico. Pouco depois, obtinha um papel como corista de "June Love".

Foi Ray Raymond o intelligente sujeito que, indo á caixa, depois dum espectaculo, perguntou ao ensaiador:

— Quem é aquella lourinha de verde, sexta a contar da esquerda, no desfile?

O ensaiador deu logo todas as informações precisas. Seguiram-se as apresentações e, dentro de pouco tempo, Wynne cantava e dansava no principal papel duma nova revista de Ray.

Depois, os maus fados voltaram a perseguil-a.

— Passei por tantas vicissitudes, murmura Wynne, que já nem me lembro. Andei por seca e meca, sem parança, á procura de emprego. Sempre me arranjava para trabalhar em peças musicadas, mas, antes de subirem á scena, havia os ensaios, que duravam quatro ou cinco semanas, sem se receber nada. E muitas vezes, as peças nem chegavam a se aguentar uma semana no cartaz. Depois, havia os longos intervallos sem emprego.

"Uma vez, vi-me apenas com dois centavos no bolso, dinheiro que alguem deixara em cima duma mesa e que eu apanhara. Pagava, nessa occasião, só pelo appartamento, cento e vinte dollars por mez, e não tinha esperanças de me collocar tão cedo. Peguei nos dois centavos, convencida de que me dariam sorte, e andei tres ou quatro milhas a pé, até chegar a quatro milhas a pé, até chegar a casa duns amigos, onde sabia que havia um jogo de bridge.

"Entrei e comecei a ganhar, mas, quando chegou o momento de receber o que me deviam, informaram-me que já não pagavam as apostas havia duas semanas. Todos os lucros dos jogadores eram depositados num cofre para pagar as despesas da festa planejada para uma noite de domingo.

Lá se foi toda a minha sorte! Tive que voltar para casa a pé e quasi que me deu um ataque de nervos! Logo a seguir arranjei emprego e no domingo tomei parte na festa. Fomos ao Dinty Moore e lá comemos bifes de quasi tres dedos de grossura"

Wynne tornou a fazer parte da companhia de Ray, representando em "Castles in the Air", peça com que o elenco percorreu a costa do Pacifico. Foi uma *tournée* muito accidentada. Wynne casou-se e divorciou-se. Ray foi morto numa tragedia domestica. Wynne fala agora dos seus casamentos com magoa, mas sem rancor.

— A culpa foi minha, diz ella. Ray aconselhou-me a que não casasse com o meu primeiro marido e, melhor do que elle, devia eu saber que ia fazer asneira. Uma mulher nunca se deve casar com um homem que não seja, pelo menos, cinco annos mais velho do que ella. Os maridos mais velhos já sabem bem o que é a vida. E mais, a gente nunca se deve casar senão com um homem que já tenha sido casado.

— Mas nem todos os homens são viuvos ou divorciados, protestei eu. Ha uma primeira vez em todas as coisas.

— Pois que casem as outras com elles, replicou Wynne, com indifferença. As minhas idéas são estas e dellas não me afastarei.

Depois do segundo divorcio, a actriz esteve um anno na Europa, voltando para recomeçar a mesma vida em peças musicadas de pouco exito.

Em 1929, estreou "Jarnegan" ao lado de Richard Bennett. Estando a companhia em Philadelphia, Wynne fez o seu debute no Cinema, representado a irmã de Helen Kane em "Nothing but the Truth", no Studio da Paramount em Long Island. De dia, trabalhalhava no Film e, á tarde, tomava o trem para Philadelphia, onde apparecia de noite em "Jarnegan".

Na primavera de 1930, veio para Hollywood, fazendo "Filhas do prazer" (da M. G. M.) e "The Fall Guy" (da RKO). Nada aconteceu de azarento. A M. G. M. deixou-a ir para Los Angeles tomar parte na producção theatral de "Molly Magdalene". Quando essa peça sahiu de scena, Wynne fez a amante do pistoleiro em "The Gang Buster", com Jack Oakie. O seu trabalho nesse Film proporcionou-lhe um contracto com a Paramount e Wynne parecia já definitivamente lançada: Apresentou papeis magnificos em "June Moon", "Emoções de esposa", "Mulheres Suspeitas", "Almas Captivas", "Um senhor Mundano" e "Ruas da Cidade".

Chegando o momento da opção, Wynne foi ao escriptorio de um dos "executivos" da Paramount.

— Acho que não a podemos conservar comnosco, disse o grande homem. A senhora sahe muito cara.

— Não falemos de dinheiro, replicou Wynne. Falemos a meu respeito. Por que foi que o senhor me contractou?

— Por que foi? — repetiu o grande homem, espantado. Ora essa!

— Por que foi que o senhor me contractou? — insistiu Wynne. Vou eu propria responder. O senhor contractou-me, porque achou que eu valia alguma coisa, não é assim? Porque achou que podia ter algum lucro commigo, não é verdade?

— Claro, concordou o homem.

— Mas o senhor não me poz á prova, proseguiu Wynne. Mandou dar-me algum papel onde eu pudesse realmente mostrar o que valho? E estarei agora, depois de um anno de experiencia, menos apta a representar do que na época em que o senhor me contractou?

— Não! confessou o sujeito.

— Pois, então, concluiu Wynne, nestes proximos seis mezes, pague-me o salario que achar razoavel dê-me papeis onde eu possa, de facto, mostrar as minhas habilidades, e, depois, sim, falaremos a respeito de dinheiro. Combinado?

— Combinado, annuiu o homem.

Wynne soffreu um corte terrivel no salario e, para começarem a pôr à prova os seus meritos, fizeram-na "estrella" de "Tudo contra ella". O Film falhou e Wynne levou as culpas, embora, na verdade, não lhe coubesse a minima responsabilidade no fracasso da fita. O argumento era mediocre e seguia, passo a passo, mas sem nenhum brilho, o modelo duma producção melhor construida, que já fôra posta no mercado. Os mandões dos Studios, porém, não admittem que seja coisa muito natural escolherem mal um argumento. Quando um Film vae para o porão, empurram sempre as culpas para cima dos outros. Quando não é o adaptador o bode expiatorio, ha o recurso de dizer que o ensaiador é uma cavalgadura ou que a "estrella" não presta. Os que berram e protestam e sabem defender-se são absolvidos, mas Wynne não gosta de discutir, e teve que bancar o hollandez da anecdota.

Atiraram-na de novo para as "pontas", onde fez amantes de vagabundos, mulheres da vida airada e coisas parecidas. Depois, entrou com George Bancroft em "Homem de peso", apresentando um dos melhores trabalhos do anno. O modo como cantou "Every

WYNNE GIBSON

One Knows It But You" faz-me desconfiar que Wynne é a unica actriz no Cinema capaz de poder exhibir-se com successo em qualquer club nocturno. O Film alcançou grande exito e concorreu ao premio da Academia.

— Até que emfim! exclamou Wynne. Estou "feita"!

Mas os designios dos productores são tão impenetraveis como os juizos da Providencia. Quasi todos os papeis de Wynne têm sido de mulheres de moral duvidosa. A sua reputação no palco foi feita como "comèdienne". Depois do exito de "Homem de peso" seguiram-se mais pontas, a que Wynne deu grande relevo, entre ellas o papel de amante de George Raft em "Valentino", desempenhando-se brilhantemente ao lado de gente como Raft, Roscoe Karns, Alison Skipworth e a travessa Mae West. Finalmente, naquella mulher das ruas, que entrava em "Si eu tivesse um milhão", Wynne contribuiu, na minha opinião, com o melhor papel desse Film.

Chegou novamente a época de renovar a opção, mas a actriz já aprendera a sua lição. Queria ver-se livre do contracto, de modo a ficar com o caminho desembaraçado, para fazer os papeis que entendesse. Já recebera até offertas doutros Studios, mas a Paramount acabou ficando com ella, augmentando-lhe o salario e fazendo-lhe novas promessas.

De facto, deram-lhe os principaes papeis femininos de "The Devil is Driving" e "Crime of the Century".

— Então? — exclamei, à guisa de consolo. Sempre chegou aos papeis principaes!

—E' verdade, murmurou Wynne. Num Film, quem faz tudo é Edmund Lowe e noutro, morro logo no meio da historia. Mas não faz mal!

Wynne sabe encarar as coisas com philosophia.

— Não faz mal! E' brincar e cara alegre! Se não consigo fazer os papeis que quero, outra os fará, talvez mais precisada do que eu.

Wynne é assim. Vivamos e deixemos os outros viver. E' comer, beber e ser feliz. Amanhã, a gente morre! Amanhã, tambem, talvez a gente obtenha a opportunidade com que ha tanto tempo sonha. As desillusões não amarguram a alma de Wynne. E' mulher muito pratica.

Tem cabello castanho claro e olhos esverdeados. Abreviou o nome de Winifred para Wynne e é uma das mais encantadoras donas de casa do Cinema, ou fora delle.

Tudo tem sido contra ella... mas Wynne Gibson é optimista...

E' consummada jogadora de bridge. E' senhora tambem duma pelle que não pede remendos ao sol da manhã e possue um bom humor que a capacita a rir-se dos proprios infortunios. Diz pilherias e conta passagens da sua vida dum modo que nos faz esquecer o tempo e o espaço e até a casa e a familia.

Podia vir a ser uma grande "estrella", se o destino não lhe fosse tão adverso. Mas venha a ser ou não, será sempre um dos nomes da minha lista de "regulars", lista até agora tão limitada: Gibson, Blondell e Lombard.

Depois deste artigo escripto, Wynne já trabalhou outra vez com Edmund Lowe em "Her Bodyguard". Fez uma enfermeira em "Emergency Call", voltando ao Studio da Radio — é actualmente figura num Fim da Universal.

Numa das noites em que exhibiu o Film "Attracção dos ares", o "Cinema Brasil", em Haddock Lobo, da empresa Ribeiro quiz supprimir a exhibição de uma comedia, fazendo correr em seu logar a primeira parte daquelle Film, causando protestos da platéa que reclamou obrigando o operador a retirar a parte do Film e exhibir a comedia. Mas, parece que com ordem do gerente, o operador exhibiu a comedia com uma projecção irritante. Essa pressa de terminar cêdo a ultima sessão, nos Cinemas do Sr. Ribeiro, não é novidade e elle proprio já tem chamado á ordem os seus gerentes, sabemos com certeza. Chamamos-lhe pois a attenção para mais este facto!

+ + + "Gambling Lady será possivelmente o proximo Film de Barbara Stanwyck para a Warner Bros.

+ + + Cecil B. De Mille desde já está se aborrecendo com os córtes que a censura fará no seu novo Film "Cleopatra"...

+ + + No anno passado foram estreados na China 60 Films chinezes.

No Japão foram feitos tambem 60 Films incluindo 13 com som. No corrente anno até Junho a China já produziu 20 Films falados.

OS IRMÃOS MORGAN

(Photo Reyes)

ANK E LPH

Ralph Morgan, o medico de "Humanidade" e o Czar de "Rasputin", com a sua filha Claudia Morgan

Frank Morgan é aquelle medico de "O inimigo da Light"

Charles Butterworth, aquelle atropellado de "O inimigo da Light", é um dos amigos dos Morgan.

QUEM SABIA QUE JEAN HARLOW ADIVINHAVA O FUTURO?.

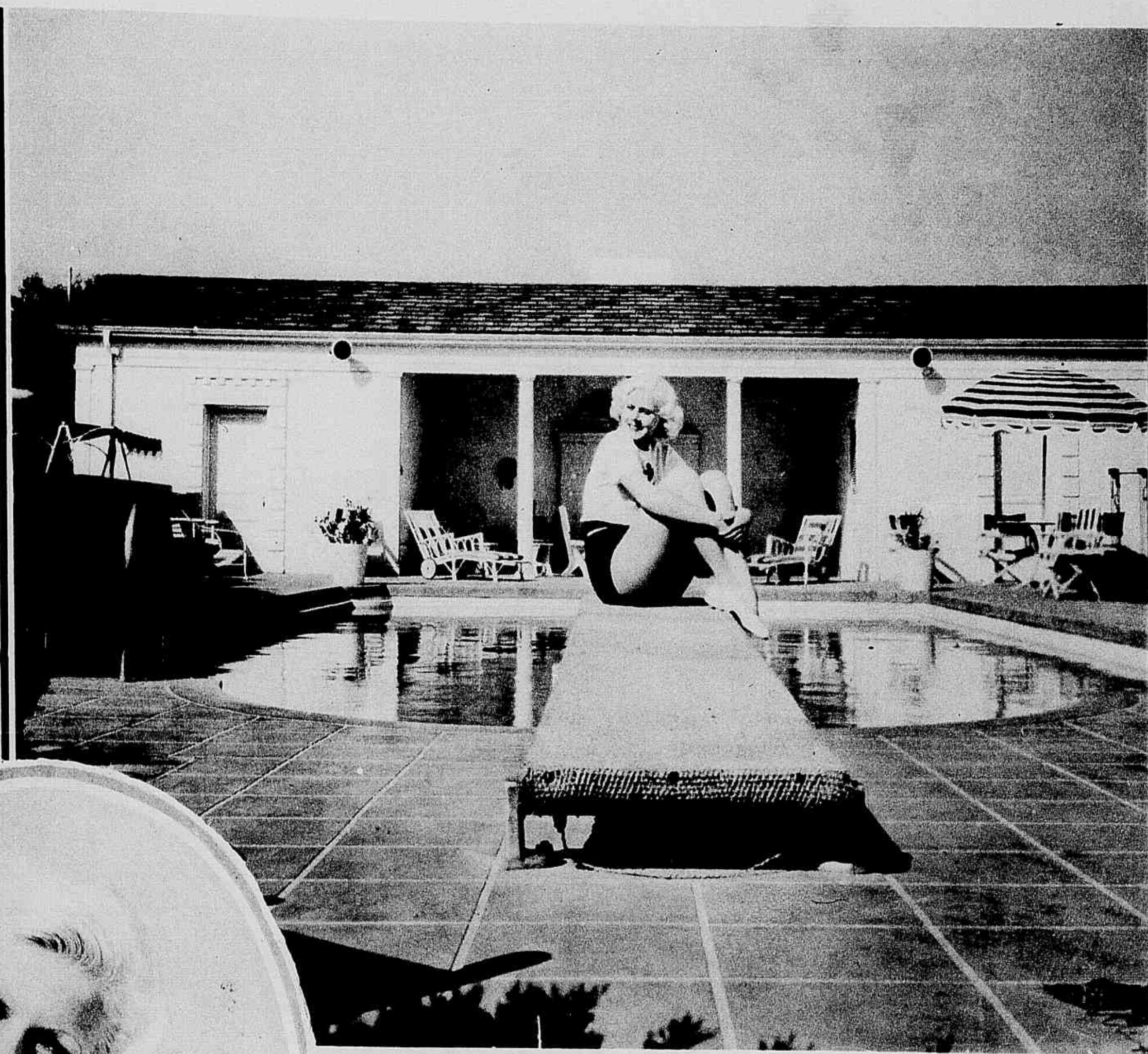
E esta a mais curiosa historia que o leitor já leu sobre qualquer estrella. Jean não o sabe explicar, mas tem o dom de "advinhar" tudo o que está para vir e só uma vez defrontou o Inesperado! Jean Harlow sabe da sua vida com muita antecedencia. Sempre o soube e só uma vez falhou. Algumas previsões assombrosas deixaram-me profundamente convencida de que Jean possue extraordinarias faculdades psychicas, que estão muito acima da simples "intuição feminina". Ella nunca falou a esse respeito, apesar de ser minha amiga ha bastante tempo, mas, no outro dia, perguntando-lhe eu se costumava prever o futuro, respondeu-me promptamente que "sim."

A primeira indicação que tive dessa estranha faculdade de Jean creio que foi ha dois annos e meio, durante o hiato na carreira da actriz, depois da Filmagem de "Anjos do Inferno". Estava na casa della em Beverly Hills, numa das raras occasiões em que a vi realmente aborrecida. Questões a respeito do contracto com o "productor" Howard Hughes, o salario relativamente baixo que lhe estavam a pagar, o facto de já haverem transcorrido seis mezes depois do lançamento de "Anjos do Inferno", sem lhe darem outro papel, tudo isso a tinha "arriado". Por espaço duma hora, Jean esteve a tagarellar sobre a possibilidade de abandonar Hollywood para sempre. Então, subitamente, exclamou:

— Não sei por que é que estou a dizer isto, se tudo me está a entrar pelos olhos! Este intervallo na minha carreira, esta inactividade forçada, que significam senão que preciso dum descanso, duma opportunidade para refazer as forças, afim de fazer face aos dias de balburdia e confusão que me esperam?

Accendeu um cigarro, olhou para o fogo que, na lareira, alegremente crepitava, na melancolica frialdade daquelle dia de outomno, e, quando tornou a abrir a bocca, a voz era baixa e compassada:

— Não devo desbaratar enegias, barafustando agora ou pensando em coisas que me amofinam.

Embora não deixasse de estranhar aquellas palavras, esqueci-me dellas, e, só mais tarde, muito mais tarde, as relembrei, quando vi o nome de Jean misturado a uma das mais terriveis tragedias que se têm desempenhado sobre a cabeça duma mulher jovem.

A secretária da actriz já uma vez me citara um caso. Uma tarde, ella e a Sra. Bello, mãe de Jean, esperavam a actriz de volta dum salão de belleza. De repente, appareceu o copeiro com um bahú.

— Que é isto? perguntou a Sra. Bello, surpresa

— Miss Harlow acaba de telephonar do salão de belleza, pedindo-me que trouxesse este bahú para o quarto della, respondeu o creado, sem deixar tambem de demonstrar espanto.

Ao sahir, a joven patroa não falara absolutamente em viajar.

— E' engraçado! exclamou a Sra. Bello.

Quando a filha chegou, perguntou-lhe:

— Vaes-te mudar?

— Não, respondeu Jean. Vou viajar. Parto em breve e, por isso, achei conveniente mandar subir o bahú. — Mas pensas em partir para onde? bradou a Sra. Bello, assombrada.

— Não penso em coisa alguma, querida, replicou Jean. Mas sei que vou partir em breve, e mais nada! Bom. Mudemos de assumpto... Bobagens minhas...

Vinte e quatro horas depois, Jean recebia um telegramma que a fez partir para uma "tournée" de "personal appearance" de sete semanas.

Hontem, fui ao camarim de Jean na M. G. M., para a cumprimentar, emquanto a actriz merendava entre scenas de "Amar e ser amada." Vestia um caricato uniforme de asylo e tinha a sua famosa cabelleira modestamente repartida ao meio. Conversavamos sobre Hollywood, comendo um excellente sandwich de frango e bebendo café, quando, de subito, Jean pareceu preoccupada. Embora continuasse polidamente a prestar attenção á palestra, reparei na mudança da actriz.

Finalmente, disse-me:

— Desculpe-me... Mas aconselho-a a telephonar para sua casa... Parece-me que alguem lhe quer falar sobre assumpto muito importante!

Telephonei. De facto, o assumpto sobre o qual me queriam falar era tão importante, que se deixasse o telephonema para mais tarde teria um prejuizo em dinheiro bem razoavel!

JEAN NÃO SABE EXPLICAR

Mais tarde, perguntei-lhe:

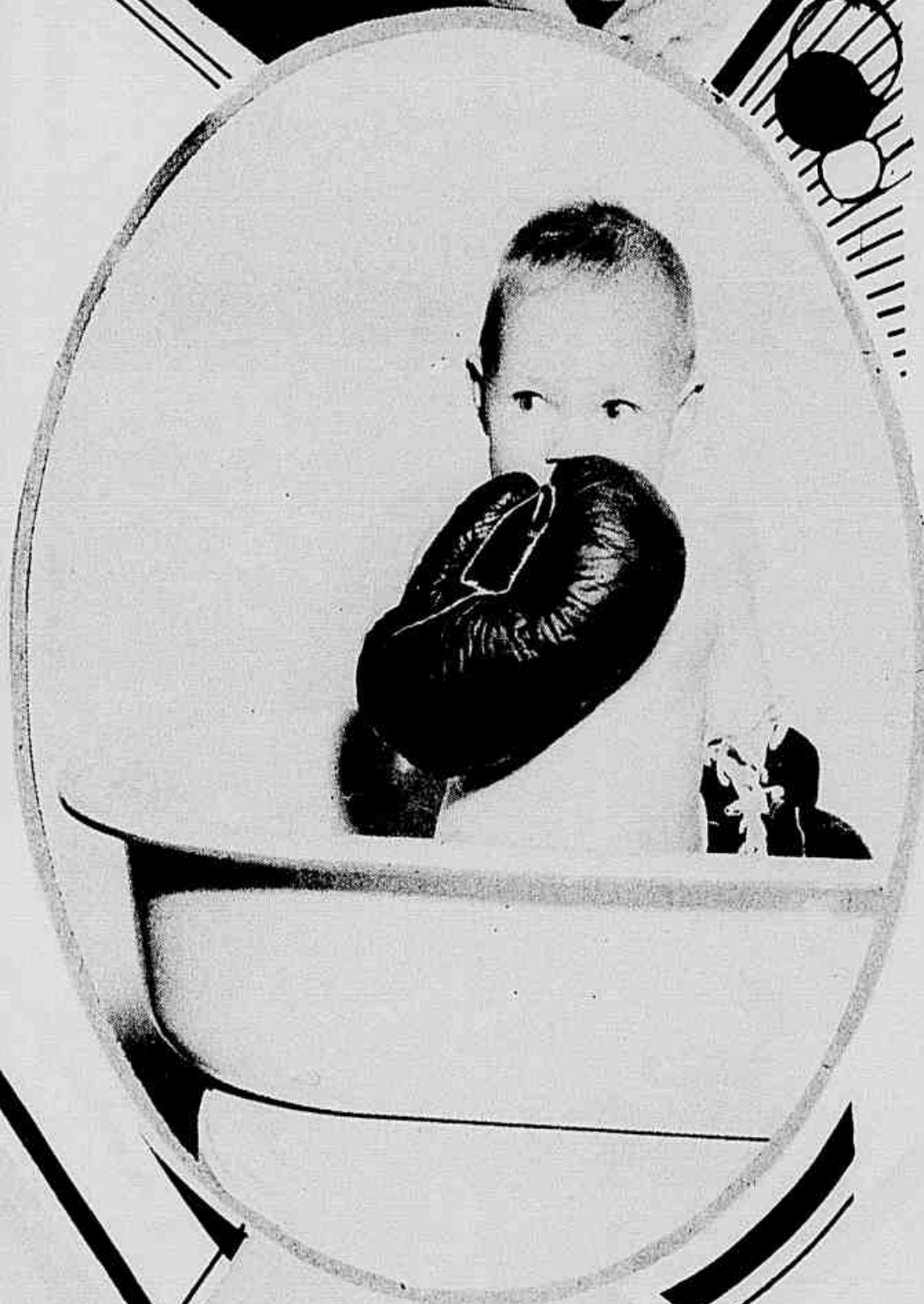
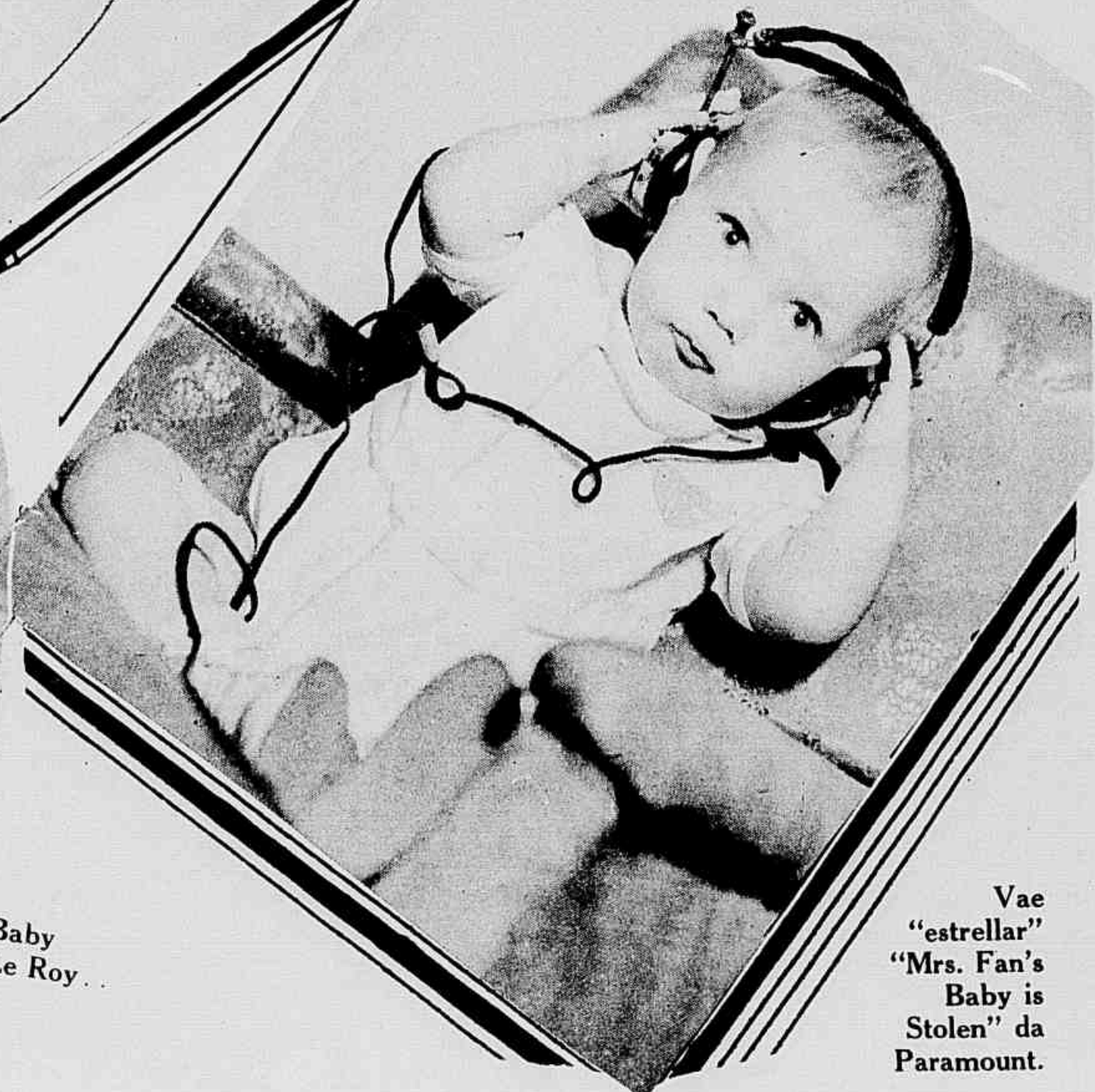
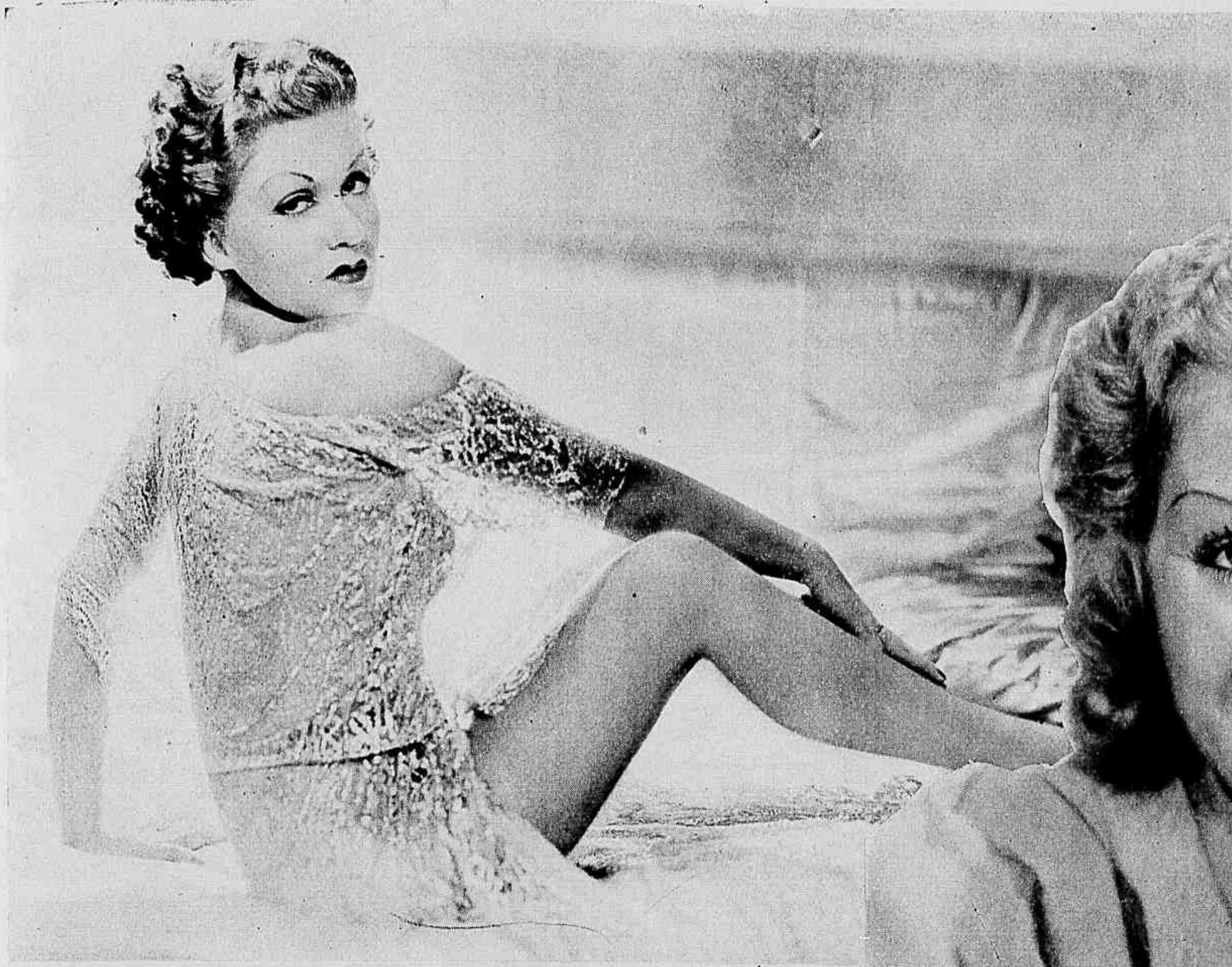
— Esse dom de advinhar as coisas vem-lhe sempre? E' dominante na sua vida?

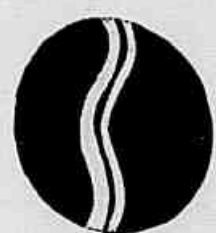
A pergunta pareceu embaraçal-a. Jean estava presente, quando a secretária me referiu a historia do bahú e lembra-me que, no momento, tentou desviar a conversa.

— Não sei se sou realmente vidente, respondeu em tom meio ironico. Nunca liguei muita importancia a essa coisa de prever os acontecimentos. Não se trata de "visitações", não ouço vozes mysteriosas, nem nada parecido. Não tenho visões, nem sonhos, nem nunca desconfiei que alguem estivesse a tentar communicar-se commigo doutro mundo. Não sei exactamente explicar, **mas sei as coisas!** A's vezes, surprehendo-me a mim propria a falar de factos que ainda não aconteceram, mas com tanta naturalidade que parece que realmente já se passaram!

"Só houve uma coisa na minha vida que não presenti, antes da sua occorrencia! Fora essa estranha excepção, **nunca me aconteceu nada que me surprehendesse!** Até mesmo os presentes de "surpresa" que me dão já espero por elles!

(Termina no fim do numero)

O bébé de Chevalier em "Beijos para todas"

Baby Le Roy.

Vae "estrellar" "Mrs. Fan's Baby is Stolen" da Paramount.

Grace Bradley

MATERIAL
NOVO EM
HOLLYWOOD...

Grace Bradley

Vestido de setim preto, costas muito decotadas. Capa circular em arminho.

Claudette Colbert em "chiffon" prateado.

Mabel Marden

em crépe rosa com "puffs" e laço em seda azul.

Claudette Colbert

"Negligée" de setim branco com botões japonezes de setim preto e applicações de flores claras.

Tobby Wing
Blusa vermelho, verde e branco em crépe estampado. Jaqueta de velludo negro.

Dorothy Jordan

Vestido para a rua em lã azul marinho com gola, mangas e chapéo de crêpe azul e branco.

Ginger Rogers

"Ensemble" de sport, saia de linho e blusa de jersey verde e branco com botões verdes.

Lyda Roberti

Lamé ouro com riscos, grande decote.

Alice White

Grace Bradley

Sequins de ouro, decote em "V".

Na festa de Travis Banton *Carole Lombard* usou este vestido. E' crêpe negro com o mantelete de pello de macaco.

ADRIENNE AMES

O seu chapéozinho é em palha "beige" e velludo azul

"Rumba" chama-se esta toilette em que Travis Banton apresentou sua ultima creação. E' de organdy branco com tafettas negro.

Tambem para jantar velludo e setineta

Vestido typo sport em lã escoceza, luvas curtas, chapéo e mangas em linho pardo.

"Ensemble" em setim branco e preto guarnecido com raposa prata.

Vestido para jantar em crepe com setim negro.

Richard Cromwell, Judith Allen e Ben Alexander.

DE MILLE SEM AMBIENTES E SEM BANHEIRAS...

"This day and age" da Paramount

De Mille e os filhos de varios artistas conhecidos: Wallace Reid, Eric Von Stroheim, Fred Kohler, Carlyle Blackwell, Neal Hart, Bryant Washburn e Frank Tinney.

De Mille e Richard Cromwell

Charles Bickford, Richard e Eddie Nugent

Durante a Filmagem

Harry Green e Charles Bickford

A opinião de
os males

Frank Borzage, durante a Filmagem de "Segredo

COM maior frequencia do que nunca, sincera e interessadamente, as mentes reflexivas de Hollywood perguntam: "Que se passa com o Cinema? Melhores artistas não póde haver, e os Films, em si mesmos, alcançaram já um alto nivel artistico. Por que motivo então o publico abandona os Cinemas? Quaes são os pontos debeis das pelliculas? Quatro directores dos mais eminentes, Ernst Lubitsch, Frank Borzage, Cecil B. de Mille e Mervyn Le Roy, tomam o pulso de Hollywood e dão cada qual a sua receita.

Não é que o Cinema de subito se tenha visto a braços com terriveis problemas, nem que a obra demolidora de milhares de criticos se tenha abatido, de repente, sobre elle. Pelo contrario, a presente depressão financeira não deixou, até certo ponto, de lhe prestar um beneficio, pois aggravou e poz á mostra algumas debilidades da industria que, nos dias de prosperidade, se ignoravam. Essas debilidades tornaram-se por demais evidentes, tendo contribuido, em não pequena medida, para as difficuldades que actualmente assoberbam os Studios, difficuldades que lhes chegam até a ameaçar a propria existencia.

O QUE O CINEMA PRECISA

Esses quatro directores, que conhecem a fundo a arte das pelliculas, aconselham, em resumo, o seguinte:

Acabar com o presente systema do productor omnipotente, o qual delega a cinco homens o poder de determinar o que cento e vinte e dois milhões de pessoas têm que ver no Cinema.

Responsabilidade indivisa durante os trabalhos de um Film, com o director investido de toda a autoridade. Isso acabaria com o actual e iniquo systema da "supervisão".

Systema unitario de producção, com os productores a fazerem individualmente os Films no mesmo Studio.

Reducção dos grandes salarios, com a consequente deminuição do custo da producção.

Renovação de methodos na selecção dos materiaes do Cinema, ficando os productores e directores de comprovada capacidade com o privilegio de levarem á tela qualquer argumento que lhes agradasse.

Melhoria no systema de distribuição de papeis, dando-se maior attenção ás **pontas.**

Supressão da actual pratica de se entregar a varios escriptores a preparação de um só argumento.

Mais estreita cooperação entre o departamento de distribuição, que vende os Films, e o departamento de producção, que os faz.

Deminuição no numero dos Films apenas feitos para "encher linguiça".

Apresentação dos Films egual á das peças de theatro, sem entrada de publico no meio do espectaculo.

Classificação dos Cinemas, divididos de accordo com o genero de Films exhibido em cada qual. Uns levariam apenas comedias outros dramas psychologicos e outros producções de grande espectaculo.

E' PRECISO ACABAR COM OS SUPERINTENDENTES DO CINEMA

— Muitos dos defeitos dos Films têm por causa directa a omnipotente superintendencia, que entrega nas mãos de cinco homens o poder de determinar o que milhões de pessoas hão de ver na tela.

Assim fala Ernst Lubitsch, o homem cujas brilhantes subtilezas crearam um novo padrão de enscenação.

— Esses superintendentes inspeccionam, cada um, cincoenta Films, mas nenhum delles seria capaz de fazer um só. Precisamos acabar com essa ditadura e adoptar o systema unitario de producção. Os productores deveriam ter, individualmente, toda a responsabilidade nos trabalhos de um Film desde o momento em que a producção começa até estar prompta para ser entregue ao exhibidor. Isso viria estimular o espirito de competição, tão necessario para o verdadeiro esforço creador.

"Não é pretender que todos os Films sejam assombrosos. Sempre houve e sempre haverá um pequeno numero de Films que se distinguem de todos os outros, como sempre houve e haverá, todos os annos, um pequeno numero de livros e peças superiores.

"Mas, para augmentar as probabilidades de exito, temos que acabar definitivamente com duas ruins coisas que actualmente se praticam. Uma é a balda dos Studios entregarem um argumento a uma porção de escriptores. Não ha, por conseguinte, nenhuma unidade de pensamento, nenhuma evolução definida de situações, nenhum desdobramento logico de caracteres. A historia do Film transforma-se assim numa moxinifada.

"A outra coisa ruim é o systema da "supervisão" O Director que tivesse dado provas bastantes de competencia não devia ter "supervisor". Só os principiantes, ou incapazes de resolverem a totalidade dos problemas que se apresentam ao ensaiador, é que deveriam contar com a ajuda de um "supervisor" ou de um "productor associado".

Artisticamente, já nos adaptamos muito bem a essa tremenda invenção que se chama o Cinema falado. Os nossos artistas são superiores, o nosso nivel artistico mais alto.

ESCASSEZ DE IDEAS

"Os cyclos estão condemnados. Em cada profissão, porém, em cada negocio, ha creadores e imitadores. Não ha um numero bastante de ideas originaes, nem "leaders" sufficientes, para que se possa evitar a avalanche de Films que se repetem uns aos outros. E' uma falha para a qual não existe remedio. Um Film não representa senão um esforço artistico, a perfeição é illusoria e inattingivel. Apenas podemos acommodar algumas das situações e condições, passiveis de correcção.

"Estamos, por exemplo, numa situação em que simples homens de negocio se mettem a discutir scenas dramaticas, homens que marcam arbitrariamente prazos para uma producção e que têm um modo dogmatico de apontar as falhas e bellezas dum Film. Essa phase passará.

"A industria do Cinema precisa urgentemente de um homem que reorganize a situação das casas que exhibem os Films. Temos grande quantidade de Cinemas com cadeiras de mais. Os taes prologos deviam ser abolidos. Os Cinemas deviam esr classificados de accordo com o genero de producções que apresentam. O publico deveria procurar taes e taes casas, por lá encontrar os Films da sua predilecção.

"A difficuldade maior actualmente é que os Films artisticos não dão renda. E' preciso coragem para produzir uma "Cavalcade" ou um "Não matarás". As massas preferem a pachuchada á arte. Espero que a nova geração saberá apreciar a arte e valorizal-a.

"Se quizermos porém, justiça á industria do Cinema, teremos que admittir que a gente do celluloide possue realmente o que se chama "espirito precursor" vive em eterna actividade experimental. E cada passo para a frente é dado por elles proprios e com os proprios recursos. Contrariamente ás artes da musica, da pintura, o Cinema não é subsidiado por protectores ricos. Paga pelos proprios erros e luta pelo seu aperfeiçoamento sem o auxilio de ninguem.

UMA VASSOURADA GERAL

— O Cinema necessita bem de uma limpeza em regra, diz Frank Borzage, o homem que com "Depois do casamento" ganhou o premio da Academy na temporada passada, e que costuma dizer as coisas ás claras.

"Nunca poderá haver, em Cinema, um padrão de producção. O presente esforço para adaptar o fabrico de Films ás praxes da producção industrial é um erro como outro qualquer. Começa que o custo de uma fita não é factor determinante, quer essa fita seja uma maravilha, um exito formidavel ou uma pinoia sem remissão. "Depois do casamento" não custou relativamente mais de dois mil e quinhentos dollars e, no entanto, foi um successo.

"Os Films são productos de temperamentos. Ninguem os pode produzir como quem porduz automoveis. A producção em grande escala, em series, é basica e estructuralmente erronea.

"Admitto que o cabeça de um Studio seja um homem de negocios, mas esse homem de negocios deveria distribuir autoridade por outra especie de "supervisores", com carta branca para acceitarem as coisas ou não.

"O nosso actual systema de "supervisão" não passa, na verdade, de um processo de controle indeciso

quatro directores sobre de que padece o Cinema

Lubitsch

em que presumidos ajudantes, ganhando salarios enormes, vivem num constante receio de desagradarem ao productor-chefão. Desapprovam taes e taes scenas só porque se lembram que, mezes antes, o chefe torceu o nariz a coisa semelhante num Film differente. Estragam, assim, ás vezes, trechos magnificos que poderiam estabelecer a differença entre um Film vulgar e outro brilhante.

"Só um homem deveria ter o controle de tudo, desde o momento que se assentasse a Filmação desta ou daquella historia: o ensaiador. O systema actual dá margem a balburdia egual á que se nota num exercito sem commandante.

"Nós, os do Cinema, temos feito grandes artistas, grandes escirptores, grandes ensaiadores. Só nos faltam productores grandes bastante para se deixarem substituir por outros. E' a estupidez a tolher a intelligencia.

"Gastamos cem milhões de dollars por anno a fazer Films e, por causa do acanhamento mental de meia duzia de productores, o negocio até parece que está a dar o prego.

"Respeito a industria do Cinema e sou feliz dentro della, mas quero-a mais sã, mais forte. Quero que ella se saiba livrar com garbo das difficuldades, que presentemente a tolhem.

OS PATRÕES NÃO CONHECEM O NEGOCIO

Cecil B. de Mille cujo nome é synonimo de Film apparatoso declara que a vida do Cinema está ameaçada pelo crescimento de parasitas.

— Desalojaram experimentados fazedores de pelliculas e entregaram os negocios do Cinema a estranhos, a financeiros do Este que não conheciam nem os gostos do publico nem os problemas do Studio. Os argumentos são arbitrariamente escolhidos por gente que não entende do riscado, em vez de se deixar a tarefa aos cuidados de productores e directores. No dia em que se modificar essa situação, outros serão os proces-

sos de se procurar bom material, com o resultado de que os Films serão muito melhores.

"As estrellas e os executivos recebem salarios exorbitantes e é por isso que em cada dois dollars que se gastam numa fita só um volta á casa. Por espaço de treze annos, nunca tive salario de nenhum Studio. Recebi sempre pelo systema de percentagem. As estrellas deviam ganhar de accordo com a renda de bilheteria que produzem, pois é essa a maneira mais exacta do seu valor. Não é serio um Studio perder dinheiro com artista, assim como tambem não é serio negar a uma estrella nascente os proveitos de um momento de popularidade.

"Devem-se reduzir as despesas desnecessarias. Ha, porém, o perigo de que a repentina mania de economizar se estenda tambem aos prazos determinados para a Filmação das pelliculas, em prejuizo destas.

E' preciso reformar os departamentos que fazem a distribuição dos papeis. Ha gente nova com habilidade que não é aproveitada, assim como ha gente velha que não recebe o tratamento que merece. O pessoal encarregado da distribuição dos papeis não vae por bom caminho.

E' costume lançar as culpas de tudo sobre os Studios. O Studio é o campo productor. Mas o departamento de distribuição — o campo vendedor — deveria tambem ter a sua dose de responsabilidade nos males que affligem a industria. Ambos departamentos muito teriam a lucrar se trabalhassem em mais estreita união. Um Film faz successo e o departamento de distribuição grita por mais Films eguaes áquelle. Nem se lembram que o gosto do publico muda a toda a hora, e que não é possivel fazer uma porção de pelliculas ao mesmo tempo. E' que os homens não vêem o futuro; só o presente existe para elles

Mervyn Le Roy

Cecil B. De Mille

LE ROY QUER MAIS SENTIMENTO

Mervyn Le Roy, o joven director que fez sensação com o Film "O Fugitivo", assim summariou as suas impressões sobre a situação do Cinema:

— Muito Film insonso, muitos escriptores e artistas, que fazem as coisas machinalmente, sem nenhum interesse.

E pontifica:

— O tamanho de uma fita não quer dizer nada, o sentimento tudo! A historia deve ser humana, o ensaiador e os artistas devem acreditar nella, de modo que possam transmittir á platéa a sua propria emoção, a sua propria convicção, as suas proprias sympathias. Dize uma historia com o coração que a tua cotação entre o publico logo augmentará. Reflecte a vida em todas as fitas que fizeres e terás uma industria pujante.

"Os Films melhorariam muito se nos fosse concedido mais tempo na preparação do argumento, no ensaio das scenas, e nos retoques finaes. Façamos menos pelliculas, mas melhores!

"Uma intensa sinceridade deve caracterizar sempre cada phase do preparo de um Film. O papel dos artistas principaes não é mais importante que imprimir realidade ao simples fechamento de uma porta por um actor de "pontas".

"Não se dá ao dialogo a importancia que se devia dar. Se eu fosse productor não acceitaria director que não desse valor ao dialogo. E' a base de um bom Film. Uma simples palavra pode deitar tudo a perder. Em "O Fugitivo", uma scena, na qual apenas sete palavras se pronunciavam, foi ensaiada cincoenta e quatro vezes e Filmada mais de vinte e quatro. Da intonação, da expressão, da emoção contida naquellas poucas syllabas, dependia todo o Film. Ou sahia a scena mais dramatica e culminante ou a fita ia por agua abaixo.

"Os angulos photographicos, as grandes montagens scenicas, nada valem. A peça é tudo no Cinema, como tambem o é no theatro. Como corollario, seria bom que imitassemos a gente do palco, no que diz respeito ás casas que exhibem Films. Uma vez começado o espectaculo, não entra mais ninguem. Os Films passariam a ser assistidos por todos desde o principio, o que seria excellente. Como estão as coisas, os que entram no meio, ou no momento culminante da fita, perdem uma grande parte da diversão. Para isso, naturalmente, é preciso primeiro educar o publico, mas os Cinemas não tardarão a adoptar o systema."

Quatro eminentes directores acabam de responder á momentosa pergunta: "Que ha com o Cinema"? Todos quatro suggeriram soluções. Qual é a do leitor?

"Nothing else Matters" é o primeiro dos dois Films que Colleen Moore fará para a R. K. O. William Seiter dirigirá.

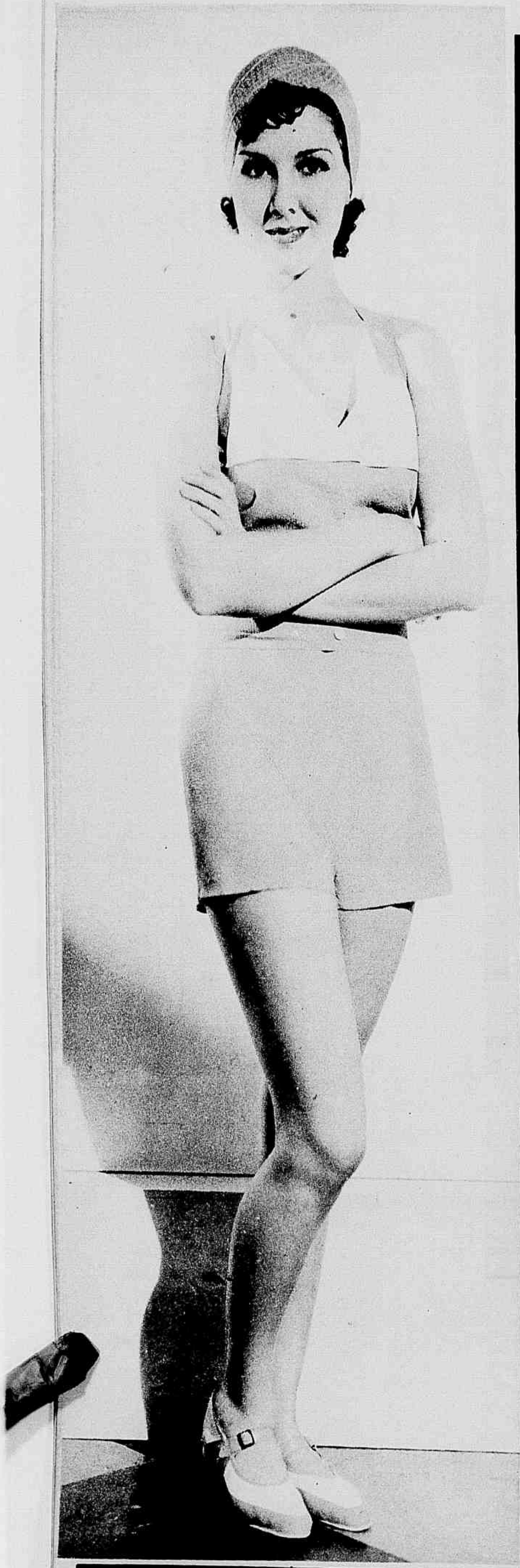
x x x

Johnny Bow, irmão de Clara, trabalha no novo Film della para a Fox — "Hoopla". E' a primeira vez que elle trabalha no Cinema.

x x x

Lupe Velez, o director Ernst Lubitsch, Dita Parlo, Lita Grey Chaplin, e outras figuras conhecidas apparecem em "Mr. Broadway", da Broadway-Hollywood, producção em que tambem figuram Jack Dempsey e Primo Carnera. O protagonista é Ed Sullivan e o director Johnnie Walker.

x x x

Gary Cooper, Cary Grant e Sir Guy Standing serão os principaes em "Lives of a Begal Lancer" que foi começado a tempos e depois archivado, pela Paramount.

A rapida ascensão de Jean Parker, ainda na escola, faz reviver no Cinema a historia da Gata Borralheira. Por que razão será a historia da Gata Borralheira a mais popular de todas? Porque é muito real.

E' preciso não adoptar uma expressão cynica e proclamar, como replica, que, depois das cambalhotas da Depressão, já não é possivel acreditar em fadas e noutras phantasias da mesma bitola. Para se ter absoluta certeza de que não deliro, quando affirmo que a varinha de condão ainda vale alguma coisa, basta attentar nos milagres do Cinema.

E pensar, especialmente, na joven e linda Jean Parker e na sua sorte estupenda.

Contando apenas dezesete annos e meio, Jean é já candidata ao firmamento da M. G. M. E' uma pequena que vae dar que falar, pois o enthusiasmo que, por sua vez, despertaram Leila Hyams, Anita Page, Dorothy Jordan e Joan Marsh, suas antecessoras no studio da Metro-Goldwyn, está agora todo concentrado nella. Poderá Jean supplantar essas collegas no favor do publico ?

A historia dessa celebridade em embryão começa no dia em que um jornal de Los Angeles lhe publicou o retrato, retrato que chamou a attenção duma senhora com influencia no mundo do Cinema. Foi assim que uma simples alumna duma escola superior de Pasadena se viu subitamente envolvida numa aventura das mais empolgantes.

Luiza Fazenda já me disse um dia que, apesar de todas as caraminholas que por ahi correm, o verdadeiro segredo para se triumphar em Hollywood é apenas a occasião.

E que exemplo illustrará melhor essa formula fatalista do que o caso de Jean? Totalmente desconhecida, sem luxo de "toilettes", sem protecção, sem nenhuma experiencia do palco, Jean, duma hora para a outra, viu-se elevada aos pinaculos da fama. Certamente que não é a primeira a encontrar o caminho livre e desembaraçado, sem concorrer para isso, mas pode-se dizer que nunca nenhuma se viu assim transformada em Gata Borralheira do Cinema quasi sem o saber.

A sua rapida sahida da obscuridade teve inicio no momento em que uma professora lhe pediu para figurar de "Natação", num dos carros allegoricos, que tomaram parte no prestigio realizado em Pasadena, no Anno Novo de 1932. Jean e mais as suas companheiras ouviram, emocionadas, as palmas da multidão que atulhava as ruas. E estava já a terminar a festa, quando os photographos dos jornaes surgiram a pedir ás pequenas que consentissem em posar.

E, caso estranho, de todas, foi Jean a unica que viu o seu retrato numa edição da noite.

Jean diz modestamente, quando conta a historia da publicidade gratuita que a guindou ao Cinema:

— Talvez fosse por eu estar de roupa de banho. Provavelmente queriam que os leitores vissem pernas.

Os leitores, mas não Ida Koverman, secretaria de Louis B. Mayer, magnata do Film. Ella gostou doutras coisas no retrato e mandou pedir ao jornal que descobrisse o paradeiro da tal Mae Green, o verdadeiro nome de Jean. Depois, partiu um emissario com a missão de solicitar de Jean que se apresentasse no escriptorio da sra. Koverman na terça-feira seguinte.

— Eu não sabia nada a respeito de Hollywood, recorda Jean, com uma gargalhada, e respondi ao emissario que terça-feira não podia ir, por ter que fazer, mas que iria na quinta. Na verdade, não me desagradava a idéa de ser actriz, mas não queria começar emquanto não terminasse o curso na escola. A proposito, ha cinco artes que me interessam por egual: theatro, dansa, musica, pintura e literatura. Sempre estive convencida de que se me especializasse numa dellas me sahiria bem.

Na escola, Jean sempre se distinguiu na dansa, na pintura de cartazes e nas melodias para piano. Nunca representou. A sua idéa de escrever uma novella que pinte honestamente a juventude de hoje, está posta de parte por ora, mas não esquecida.

Quando a desembaraçada Jean, então com dezeseis annos, appareceu no studio, a importante sra. Koverman exclamou:

— Você é que é a pequena que não quiz vir cá na terça-feira, por ter mais que fazer?

— Sim, senhora, respondeu Jean, com a maior naturalidade do mundo.

Assombrada com tamanha displicencia, a sagaz dama, a quem Jean chama agora a "minha protectora", fel-a immediatamente passar por um prova photographica e sonora. Jean não levou muito tempo a deixar-se convencer de que não devia ser tola, dando um ponta-pé na sorte.

Assignando contracto e mudando de nome, Jean não se encheu de vento, como é a praxe. Mas ainda para os ami-

Com Jackie Cooper em "Divorcio na familia"

gos, continuou a frequentar a escola, indo diariamente a Culver-City para aprender as lições sobre arte dramatica de Oliver Hinsdale, seu tutor de studio.

— Depois de cinco mezes de preparação, a escola entrou em ferias de verão, e Jean recebeu um pequeno papel no Film de Jackie Cooper "Divorcio na familia". Em seguida, entrou em "Rasputin e a Imperatriz", fazendo uma das filhas do Czar. A opinião dos criticos confirmou as esperanças da sra. Koverman e, no inverno passado, Jean já fez papeis mais importantes.

Embora se mudasse para mais perto do studio, Jean conseguiu conciliar as duas coisas, os estudos e as actividades Cinematographicas, o que prova que não lhe faltam nem intelligencia nem habilidade. Não frequentou as aulas, mas foi a Pasadena fazer todos os exames. Em Junho, tendo feito dois papeis para a Columbia, conseguiu uma semana de licença para se ir formar com as suas condiscipulas.

— O unico desapontamento foi no instante de ser lido o testamento da aula. Prophetizava-se o futuro de toda a gente, menos o meu.

Dois dias antes, a propria Jean desenhou o vestido com que tomou parte no grande acontecimento.

a Borralheira

Arranjar uma entrevista com ella é mais difficil que ligar-se uma pessoa a uma grande "estrella".

A não ser domingos, ou num dia, ou outro, Jean está sempre muito occupada, ou no studio, ou a descansar para o dia seguinte ou a assimilar diligentemente os conselhos de Mr Hinsdale e da sua protectora. Um dia destes, merendámos juntos no restaurante do studio, onde, terminando a historia da sua entrada para o Cinema, Jean continuou a falar a respeito das suas opiniões.

E' tão parecida com Mary Brian, que poderia passar por sua irmã mais nova. Pequena, delicada, com cabellos castanhos e olhos côr de avellã, enormes, com o mesmo brilho dos de Mary, ambas se assemelham physicamente uma á outra, embora sejam de temperamentos muito differentes.

— Quem me dera não crescer em edade! exclama Jean, impulsivamente. Não quero ficar callejada!

Depois, proclamando o seu horror pelas meninas de tranças, declara, paradoxalmente, que não pretende nem quer fazer de ingenua no Cinema.

— Por que é que as ingenuas têm falhado como "estrellas"? — pergunto.

— Porque fingem desconhecer as questões de sexo, responde Jean promptamente:

Palavras que não deixam de ser um tanto incoherentes ouvidas dos labios duma creatura, que diz não querer crescer, nem conhecer nada da vida.

A minha impressão é que Jean, no fim de contas, já está mais callejada, deante de certas realidades desagradaveis, do que Mary Brian. Já chegou ao que podemos chamar a edade madura hollywoodeana. Todavia, convem dizer que não póde haver termo de comparação no que respeita á vida que Mary e Jean levaram em casa. A de Jean não foi das mais agradaveis. Nascida em Deer Lodge, Montana, e filha dum artista, veio para Los Angeles em creança. Os paes divorciaram-se e tornaram a casar, cada qual por sua vez, e Jean sentiu que nem um nem outro a comprehendiam. Tem vivido os ultimos cinco annos com um casal conhecido dos paes.

— Não ha nenhuma actrizinha que não se lamente de infelicidades imaginarias, mas eu tenho realmente do que me queixar. Já lidei com gente muito ruim.

Tudo isso, naturalmente antes da sra. Koverman mover a varinha de condão.

Jean tem de facto um temperamento muito diverso do de Mary Brian. Não liga importancia a festas nem á "premieres". Não é nada quieta. Quando se exalta, é um turbilhão. Nas reuniões com as companheiras, embora decentes, as roupas são dispensadas por incommodas. Gosta de andar dum lado para o outro, de fazer o que lhe dá na veneta e classifica-se a si propria, em coisas de coração, como pertencente ao typo Hepburn.

Os rapazes de Hollywood não a impressionam.

— Amor? Jean hesita. Pois sim, mas é segredo. Elle tem apenas dezesete annos, como eu, e a minha protectora não acredita que levamos a coisa a sério. Terminou o curso commigo e quer ser actor. A minha protectora viu-lhe o retrato

(Termina no fim do numero).

Numa scena do "Segredo de Madame Blanche".

ONDE VIVE UNA MERKEL.

A VOZ FANHOSA TAMBEM VALE DINHEIRO...

FUTURAS ESTRÉAS

(FILMS VISTOS EM HOLLYWOOD POR GILBERTO SOUTO)

"One Sunday Afternoon".

THE NIGHT FLIGHT (Metro Goldwyn-Mayer) — Quem leu o livro de St. Exupéry, escriptor francez que obteve com sua obra o Premio Femina de 1931, ha-de dizer que delle não se poderia fazer um Film. Pois, a habil direcção de Clarence Brown, o scenario de Oliver H. P. Garrett e a interpretação de um punhado de grandes artistas conseguiram realizar um Film de valor, emocionante, artistico, lindo e que marca um passo na carreira dos "talkies". E o Film tem tudo quanto o livro conta — além de varias outras scenas, acrescentadas por effeitos de bilheteria, mas que ainda mais auxiliaram ao agrado que elle obterá junto ao publico. Clarence conquista mais uma victoria. Impressiona a narrativa que elle deu ao Film, maravilham seus "shots", arrebatam e enthusiasmam certas de suas scenas. Agora vejam o elenco — John e Lionel Barrymore, Clark Gable, Helen Hayes, Robert Montgomery, Leslie Fenton, Myrna Loy, William Gargan, C. Henry Gordon. Myrna Loy faz a esposa de um piloto brasileiro, interpretado por William Gargan. O papel delles e de Bob Montgomery é curto, mas expressivo.

O Film, porém, perence a John Barrymore. Elle está sincero, bom, natural. Devemos fazer justiça a esse artista, quando elle quer, ou talvez quando trabalha sob direcção de um grande mestre. Barrymore é de uma naturalidade que impressiona. Depois delle, Helen Hayes brilha em varias scenas. Os demais estão subordinados á historia, á idéa literaria do livro. Prestem, entretanto, attenção ás scenas que precedem á morte de Clark Gable. Nellas, Clarence Brown deu expressão, realidade, belleza!

Vejam este Film e admirem a obra de um grande director. No correr de suas scenas, John Barrymore fala em Porto Alegre, Florianopolis, Santos, Rio de Janeiro etc. O Film é passado em Buenos-Aires, mas quasi que inteiramente desenrolado em interiores. Ha ligeiras scenas da vida de rua da capital portenha. A photographia é de Oliver T. Marsh.

MIDNIGHT CLUB (Paramount) — O Film pecca, logo de principio por sua idéa absurda, como a que offerece, mostrando um grupo de ladrões elegantes que, para despistar a policia, tinha no bando "doubles" tão parecidos com elles proprios que ninguem poderia accusal-os. E estes "doubles", no Film, são representados pelos proprios artistas — o que torna a idéa tão inverosimil que não é levada a serio por ninguem. Clive Brook, Helen Vinson e Allan Mowbray são os "raffles" londrinos, elegantemente trajados e

"Midnight Club"

roubando de casaca e luvas! E representam duplos papeis. George Raft, desta vez, regenerou-se e faz um detective. Sir Guy Standing, Alison Skipworth, Billy Bevan e outros completam o elenco. Direcção de Alexander Hall e George Somnes. Helen Vinson é linda e lembra, em muitas scenas, a Dorothy Mc McKail.

VOLTAIRE (Warner Bros.) — Film sumptuoso, com montagens ricas, muito luxo e indumentaria, reconstituindo a côrte de Luiz XV e cujo fito é dar ao publico de hoje uma idéa do caracter do famoso Voltaire. George Arliss é Voltaire, o escriptor extraordinario, cujas obras eram o pesadelo do futil soberano francez. Encarando o trabalho de Arliss sob o prisma de observação, podemos affirmar que elle offerece mais uma grande caracterização. O Film, entretanto, como está, arrasta-se em algumas scenas, onde ha certa theatralidade — como por exemplo na sequencia em que, quasi pelo espaço de um minuto, George Arliss fica monologando. A acção se retarda em outros pontos, onde esta falta, que se não concebe em Cinema — se repete. O resto do elenco é bom, brilhando, depois do principal artista Doris Kenyon, que nos dá uma Mme Pompadour linda, seductora e cujas toilettes são riquissimas e luxuosas. Theodore Newton, Margaret Lindsay, Reginald Owen e Allan Nowbray apparecem em outros papeis. E... não ha um romance amoroso! Direcção de John Adolfi e photographia, por vezes soberba e maravilhosa, de Tony Gaudio.

"Torch Singer"

"Three Cornered Moon"

MY WEAKNESS (Fox Film) — Apesar deste Film ser o segundo que Lilian Harvey faz para a Fox, esta producção será lançada aqui nos Estados Unidos como o debute artistico da popular "estrella" européa em Hollywood. Os admiradores da graciosa Lilian podem esperar um espectaculo delicioso, sob todos os pontos de vista. Historia leve, cheia de incidentes comicos, malicia e tudo isto envolto numa montagem cuidadosa, rica, moderna, elegante. E' um encanto para os olhos e para os sentidos o novo Film da Fox, que foi produzido por De Sylva, nome bastante conhecido, dirigido por David Butler e interpretado pelos seguintes artistas: Lew Ayres, Henry Travers (que tanto exito alcançou em "Reunion in Vienna", no papel do velhote) — Charles Butterworth, Harry Langdon, Sid Silvers, um novo artista que obteve successo immediato, Irene Bentley, Adrian Rosley, Susan Fleming, Barbara Weeks, Mary Howard, (filha de Will Rogers), Adrian Rosley, Susan Blake e Dixie Frances. O assumpto é uma farça, com liberdades de toda sorte. Imaginem que Harry Langdon interpreta o papel de Cupido... e é elle quem conta a historia, rimando suas palavras ao som de uma musica deliciosa. Ha varias canções, todas bonitas e saltitantes. Ha, por exemplo, um numero musicado que é cantado por "bibelots" de porcelana, bonecos de madeira, cachorrinhos de velludo... e até pela celebre figura do "Penseur" de Rodin! Este numero é de um effeito soberbo, pela novidade e pela habilidade com que foi feito. Lilian está bonita, elegante, seductora. Mostra-se a mesma comediante de sempre, senhora de "charme" e de maneiras tão elegantes e graciosas que dominou a sua platéa americana, logo no primeiro instante. O Film, visto aqui em "preview", foi recebido sob os mais calorosos applausos e está destinado a ser um grande successo. A Fox, no Brasil, póde contar com um grande exito!

BABY FACE (Warner Bros.) — Barbara Stanwyck num papel que não é bem do genero em que estamos habituados a vel-a — mas que essa artista soube interpretar com habilidade extraordinaria. Este Film agradará bastante, pois tem luxo, romance, assim como scenas, mais ou menos, audaciosas... Barbara interpreta uma mulher cuja ambição era desmedida e que para alcançar o seu intento não tinha escrupulos... e, assim, subindo sempre, ella chega a casar-se com o presidente de um banco de New York. Está linda, seductora, maliciosa — um typo completamente differente daquella adoravel ingenua de "Flôr dos Meus Sonhos".

Ao seu lado, vemos George Brent, Donald Cook e outros. Ha ambientes muito ricos, toilettes maravilhosas que, certamente, vão interessar ás "fans" dessa notavel "estrella" da Warner Bros.

ONE SUNDAY AFTERNOON (Paramount) — Baseada numa peça theatral do mesmo nome, a nova producção da Paramount acompanha muito de perto o original.

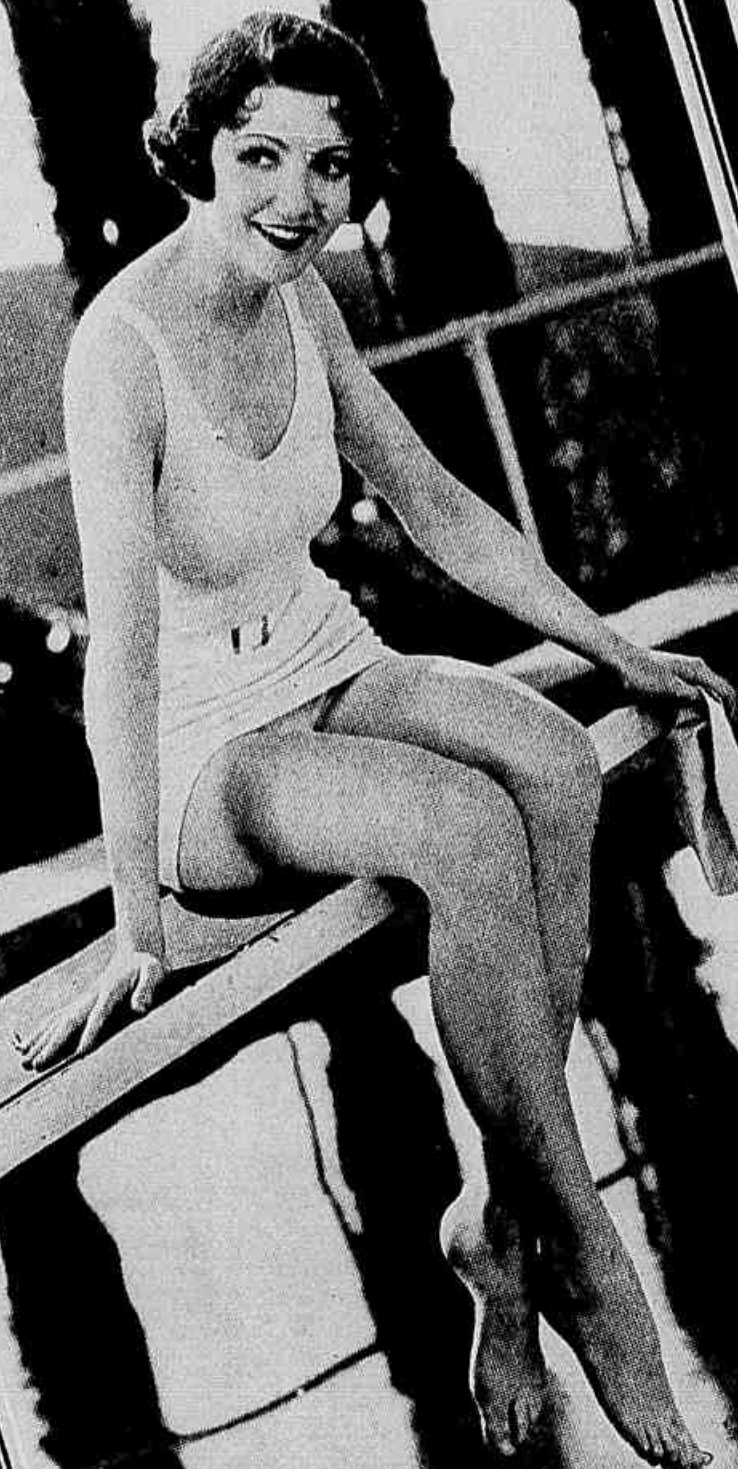
(*Termina no fim do numero*)

"Tugboat Annie".

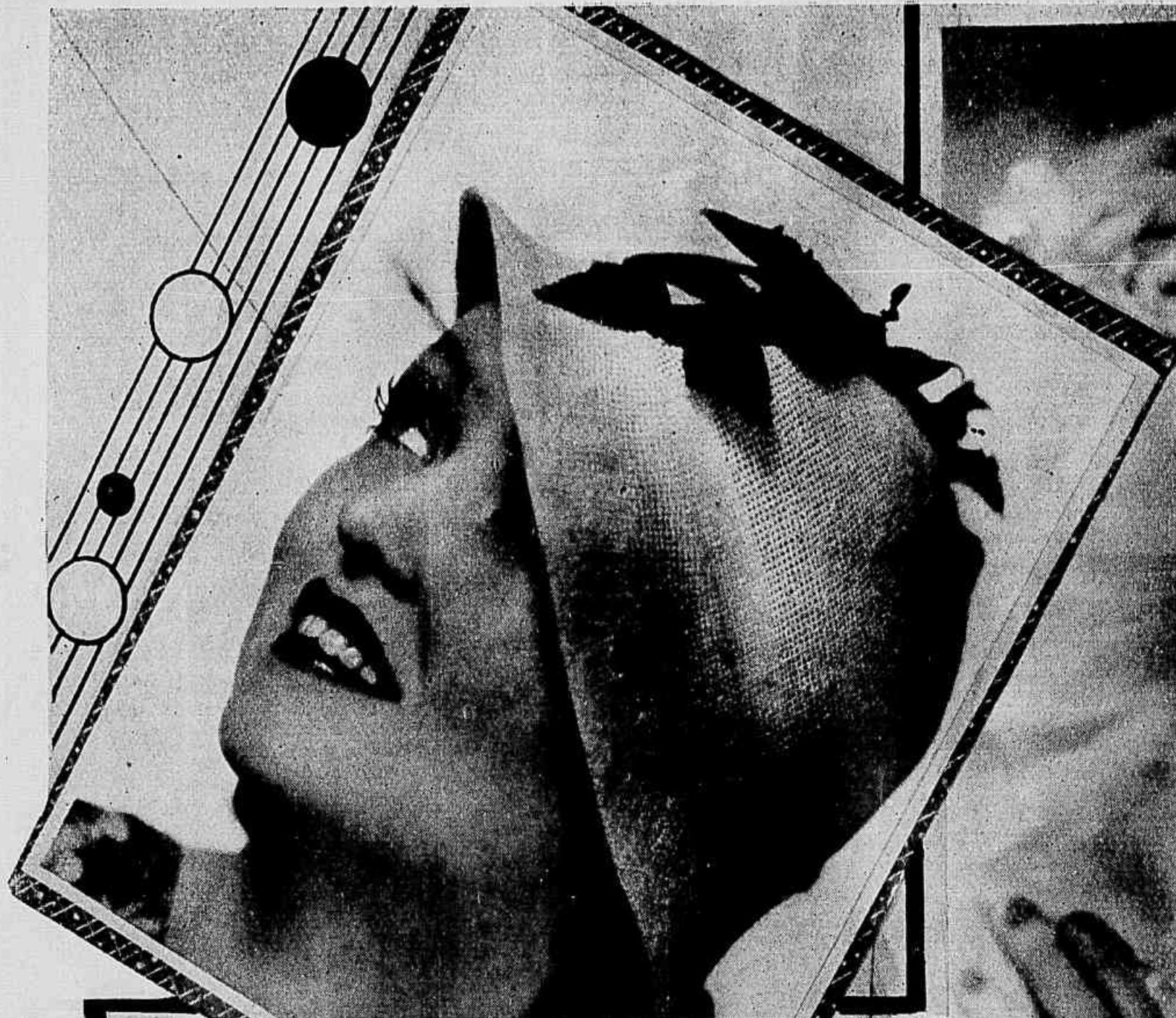
SCENAS DE "ROMAN SCANDALS", PRODUCÇÃO DE SAMUEL GOLDWYN PARA A UNITED ARTISTS.

A MAIS RECENTE DE EDDIE CANTOR...

JA' ESTA' FAZENDO CALOR...

CLAUDETTE COLBERT

Grace Poggi na sua "rumba" estylisada.

ALTHEA HENLEY

CAROLE LOMBARD

LONA ANDRE'
A NOVA MARAVILHA MORENA DA PARAMOUNT

Não foi a "mulher panthera" mas breve será estrella...

Noite de Natal

O architecto Lepage e Honoré, o velho servidor da familia faziam muito gosto no casamento de Monique com Lendié, o escripturario de um dos grandes cartorios da cidade Luz, mas o coração de Monique não estava de accordo com elles. Ella não amava Lendié e prompto...

Nas vesperas do Natal, Monique vae visitar a sua antiga companheira de collegio — Viviane — hoje figura conhecida do "demi-monde" e a sua amiguinha a convida para a ceia em que Viviane reunirá um grupo de amiguinhos alegres, entre os quaes estava o sympathico industrial Gérard Cardoval.

Durante a festa Monique e Gérard se enamoram. O grave "monsieur" Lepage não consentira em deixar que a filha comparecesse á reunião sem a sua companhia ou a de Honoré e este não vê com satisfação aquelle inicio de namoro. Aliás elle ali se achava, tomando parte na ceia, victima de um "truc" de Monique, que lhe affirmára tratar-se de uma simples visita da Viviane... mas como não podia rejeitar o convite que a promotora da festa lhe fizera, logo á sua chegada, não tivera outro remedio senão conformar-se e acceitar o convite com um sorriso fingido.

Na festa Monique é chrismada com o nome de "Ninon" e á mesa senta-se ao lado de Gérard, e bebe todas as taças de Champagne que Gérard enche para ella e o desespero de Honoré é grande... Embriagada Monique se dirige a Honoré e lhe diz que Gérard é o homem a quem ella ama. Aborrecido, mas forçado a não demonstrar o que sente, Honoré limita-se a convidar diversas vezes Monique para retirar-se, mas esta de combinação com Gérard, manda furar os pneumaticos do carro de Honoré e depois attendendo ao pedido deste, prepara-se para retirar-se. As despedidas são feitas mas desnecessario será dizer-se que Honoré e Monique retornam á festa, porque estavam a pé, como se costuma dizer...

Não havia remedio senão esperarem pelo dia seguinte e isto era justamente o que Monique queria!

Foi uma noite adoravel para Monique e ella se apaixona verdadeiramente pelo joven industrial. O contrario entretanto se passa com elle: Gérard que julga que Monique, aliás "Ninon"... não passa de uma simples pequena foliona, das convidadas de Viviane.

Elle, Gérard, fica gostando della e tanto que no dia seguinte começou a procural-a insistentemente. Gérard não sabia a que attribuir o facto de Monique ter-lhe negado fornecer o seu endereço, suppondo-a como elle pensava, uma mulher alegre de Paris...

E' quando elle se lembra de que Viviane bem poderia dizer-lhe onde elle poderia rever Monique. Isso entretanto de nada vale, porque Viviane guarda segredo, devidamente instruida pela amiga... Henry Garat porém, não desanima e por intermedio de Viviane envia presentes a "Ninon"... O peor entretanto é que quem recebia os presentes era Honoré e empenhado como estava de que Monique casasse com Lendié... os presentes jámais chegavam ás mãosinhas de Meg Lemonnier...

Naquelle dia, Monique estava ameaçada do pedido de casamento do escripturario do cartorio... e de facto elle foi a sua casa para pedil-a ao pae.

E foi aliás a sua desgraça, a confirmação de que elle devia deixar de parte a pretenção de obter o amor da pequena.

Monique e Gérard

Mais do que nunca elle deixou transparecer que aquelle casamento era um negocio e Monique desgostosa manifestou-lhe o seu repudio, definitivo.

Honoré estava indignado e mais do que elle o Snr. Lepage, cuja situação financeira não era das melhores e dependia tanto do casamento.

Felizmente no dia seguinte Lepage arranja um comprador para o palacete em construcção no qual elle empregou todas as suas economias e que deveria ser vendido a Lendié em troca da mão de esposa de Monique...

Emquanto isto, Cardoval continúa esperançado em descobrir a casa de Monique e para tal vae mais uma vez á residencia de Viviane. Desta vez a "Ninon" que elle tanto procurava lá estava e não foi esquiva ao convite que Cardoval lhe fez para um jantar.

Entretanto elle tambem lá encontra o amante de Viviane, um millionario americano, que era muito ciumento e o toma por um rival seu... "Ninon" porém, salva a situação.

Mas Honoré estraga o plano dos namorados fechando "Ninon" em casa...

A compra do palacete de Lepage está ajustado com Carbonnier o **factotum** de Gérard, que ignora que Ninon é filha de Lepage. O negocio fica fechado mas depende apenas de um detalhe: da senhorita Ninon, futura esposa do comprador, gostar do palacete. E Lepage longe está de suppor que Ninon é a sua propria filha, porque elle não fôra á festa e Honoré tambem pensava que "Ninon" era algum termo galante, em uso pelas parisienses como Viviane...

Ninon gosta da casa e Gérard compra o palacete. Para inaugural-o o industrial organisa uma festa veneziana á qual Lepage comparece e fica furioso quando descobre que Monique é a amante do homem que lhe salvara a fortuna.

Mas depressa a verdade se esclarece: Ninon não é outra cousa senão a futura esposa de Gérard, tanto mais que aquella festa não tinha outro intuito senão solemnisar o pedido de casamento de Monique por Cardoval ao seu pae...

Tudo termina bem. E tanto para Lepage ou para Cardoval e Monique como para Bob o amante de Viviane, que ainda desconfiava de Gérard, aquella noite de Natal não poderia ser mais alegre do que foi.

Felicidade Prohibida

Segredos

I. F. 1 não responde

Aurora de duas vidas

Viver na morte

FELICIDADE PROHIBIDA (The Stranger's Return) — M. G. M. — Producção de 1933.

De uma historia simples de Phil Stong, passada no campo, King Vidor encontra o motivo para apresentar um dos seus Films mais artisticos, obra prima de belleza Cinematographica, sentimento e psychologia.

"Felicidade prohibida" é um Film exquisitamente lindo, soberbo na sua descripção Cinematographica, um Film rural differente e nenhum outro pintou com tanta sinceridade o espirito da vida do campo. Mas King Vidor aproveita isto apenas como "background" e o que elle estuda no Film é a alma do fazendeiro em conflicto com os que o cercam. E que maravilhas Vidor nos mostra! Só nos detalhes daquelle almoço e na chegada de Lionel, já se sente que o Film é extraordinario. Mas o interesse começa verdadeiramente é na sequencia da chegada de Miriam Hopkins á fazenda. Aquellas scenas na estação definem a alma de Lionel de uma maneira encantadora: o seu interesse pela chegada da netinha, o dialogo que elle tem com Stuart Erwin, em que diz que gostaria que o trem chegasse atrazado, a maneira reservada, semi-rispida com que recebe Miriam, modificada depois, naquelle "close-up" lindo á porta do carro, exteriorisando a sua satisfação por achar Miriam parecida com o filho, são verdadeiras maravilhas de observação. Aliás o Film é rico de observações admiraveis: aquelle orgulho de Lionel pela fazenda e a maneira com que elle mostra a neta as terras que adquiriu dos outros herdeiros; a enteada levantando-se da mesa, quando Lionel fala na comida da guerra civil; o cachorro na egreja; o contraste das conversas de Miriam e da esposa de Franchot Tone; aquelle dialogo de Lionel em que elle diz que vae á missa aos domingos, á procura de paz; e muitos outros.

Depois o romance de Miriam e Franchot, que cousa humana e deliciosamente natural! O primeiro contacto intimo daquellas almas jovens, no baile culminado no idyllio do automovel de uma originalidade unica e o da rêde, onde King mostra mais uma vez as ramagens celebres no principal idyllios de seus Films... Pena é que o romance de Miriam e Franchot não fosse mais explorado, si bem que o final seja bellissimo e muito suggestivo.

A loucura imaginaria de Lionel é agradabilissima e serve para analysar as situações da historia. Notem como Vidor evita os arroubos do ridiculo, na scena da escada, em que o fazendeiro ameaça a familia com a espada na mão... A unica cousa que é de lamentar é que essa loucura tenha transformado Beulah Bondi num caracter de quasi villão. Os Films de verdadeira arte são aquelles em que interessam e agradam, sem emoções materiaes e villões... E' o unico deslise desta nova obra prima de King Vidor. Mas a morte de Lionel motiva uma scena admiravel pelo sentimento calmo e sereno como o director descreve o seu effeito em Miriam Hopkins. E que linda que é aquella outra em que Lionel se senta na escada, na sua ultima apparição no Film! E tambem a primeira oração de Miriam como chefe da casa.

Lionel Barrymore tem no vôvô Storr, um dos mais bonitos papeis de sua carreira, só comparavel ao que teve em "Não matarás" e este aqui agrada mais do que aquelle no Film de Lubitsch porque é mais humano e mais espontaneo. A sua caracterisação como velho é perfeita e as piadas que motiva em todo o Film, momentos esplendidos de comedia. Miriam Hopkins, surprehende-nos com uma fascinação nova e um desempenho notavel. Talvez nenhum outro Film a tenha mostrado tão linda e, está elegantissima na scena do baile e na outra da egreja. Valeu a pena o seu namoro com Vidor, durante a Filmagem... Reparem os seus olhos na scena do automovel com Franchot... Este, esplendido como sempre! Stuart Erwin, optimo na comedia, especialmente na bebedeira. Nunca vi Grant Mitchell tão agradavel. Irene Hervey, Beulah Bondi e Aileen Carlyle, completam o elenco.

Adaptação do proprio autor da historia e Brown Holmes. Linda photographia de William Daniels, o "camera-man" predilecto de Garbo.

Um argumento humano, real como a propria vida, cheio de contrastes e psychologia e é tambem um dos Films mais felizes nos dialogos. Pena que os letreiros não os traduzam. Ha cousas admiraveis.

Não percam. **"Felicidade prohibida"** é o verdadeiro Cinema em todo o esplendor de sua arte!

Cotação: — EXCEPCIONAL.

SEGREDOS (Secrets) — United Artists — Producção de 1933.

Uma esplendida reapparição de Mary Pickford, depois de uma longa ausencia de nossas télas. **Kiki** o seu ultimo Film feito no inicio de 1931, uma historia maliciosa, não foi exhibido entre nós. Por isto Mary não vinha ao Brasil desde **Mulher Domada.**

Mas a querida **namorada do mundo** tem um logar gravado na admiração dos **fans** e sua reapparição em **Segredos** veio reaviva-la.

Mary escolheu para sua volta, um Film que é um encantador poema em imagens — uma digna e adoravel moldura para o seu encanto sempre joven e radiante. A Mary Pickford que nos resurge é ainda aquella deliciosa e joven figurinha que applaudimos em **"Papaezinho Pernilongo", "A garota"**, e tantos outros Films silenciosos.

Segredos é aquella historia que Norma Talmadge fez com Eugene O'Brien já ha alguns annos e que a propria Mary ha dois annos atraz, começou a interpretar junto com Kenneth Mac Kenna e depois archivou...

Mary, intelligentemente, escolheu para a dirigir neste argumento nada menos que o admiravel Frank Borzage — e elle faz do Film algo notavel. Um Film dramatico mas poetico, sentimental, cheio de sequencias adoraveis, contando a vida e a alma da pequena rica que tudo abandona, afim de seguir o homem amado.

O inicio é fina comedia, poesia e romance dos mais deliciosos; o primeiro idyllio entre Mary e Leslie Howard no jardim; a fuga... Drama forte, cheio de uma excellente emoção são os trechos no oéste. E Borzage consegue ahi lavrar um tento: apresentar o **far-west** de uma maneira completamente inedita num Film. Um **far-west** pintado em côres tragicas admiraveis. A sequencia do combate traz lindos effeitos de luz em quadros esplendidos e observações optimas como o horror de Mary, ao matar um homem. E é ahi que está a scena culminante do Film, em arte e emoção — a morte do filhinho de Mary e ella tentando occultal-o do marido.

Outras scenas lindas, traz o Film e entre ellas sobresahem-se: aquella em que Mona Maris vem ao baile, a scena entre a amante e a esposa. E depois, a sequencia que tem um sentimento macio e suavemente amargo, quando Mary revela ao marido, o seu segredo — que fora sempre conhecedora dos **segredos** delle...

Os trechos finaes são todos de um bonito sentimento, uma delicadeza admiravel e espiritual. Boas ligações harmonisam todas sequencias, com fusões e detalhes esplendidos. A jornada pelo deserto e a tempestade, estão mostradas em angulos e **shots** que desesperarão os inimigos de Hollywood...

Mary Pickford ainda é uma deliciosa comediante e uma artista de meritos notaveis. No seu lindo papel, ella vae da mocidade á velhice... e sua caracterisação de velha é uma das cousas mais adoraveis do Film. Leslie Howard ainda bem que não seja o typo ideal para o papel, está tão bem dirigido e é tão bom actor que consegue agradar e convencer. Ha um quê especial e esplendido na sua representação e nas scenas em que envelhece está magnifico.

Mona Maris entra só numa sequencia, num papelzinho um tanto anthipatico. Mas está linda e envolve a sua parte naquella seducção morna e **exquisita** que lhe é peculiar. C. Aubrey Smith, Blanche Frederici e Ned Sparks, optimos. Doris Lloyd, Herbert Evans, Virginia Grey, Allan Sears, Theodore Von Eltz, Hyntly Gordon, Ethel Clayton, e Bessie Barriscale são os outros, sendo que estes veteranos surgem como os filhos de Mary e Leslie!

Baseado numa peça de Rudolph Besier e Mary Endgington. Frances Marion fez o scenario e Ray June, photographou. Esperamos que Mary volte o quanto antes em outro Film tão encantador como este seu delicioso **Segredos**, com um sabor exquisito de risos e lagrimas... e onde tanta gente vae rever os seus proprios segredos...

Cotação: — MUITO BOM.

I F 1 NÃO RESPONDE (I F I Ne Repond Plus) — Ufa — Producção de 1933 — (Prog. d'Art).

Versão franceza.

Uma idéa original, curiosissima e uma realisação esplendida fazem deste Film uma obra invulgar.

A TELA EM

Uma ilha fluctuante em pleno oceano, como back-ground para um romance de amor e o conflicto de mais um triangulo — é de optimo effeito.

A parte technica do Film é esplendida e sem duvida alguma, obra de poderosa imaginação. A ilha, para a aterrisagem de aviões em pleno oceano, é notavel. E tanto dá ao Film uma immensa originalidade quanto uma fortissima emoção. As sequencias ahi desenroladas depois do attentado, são de extraordinario suspense — apesar de adivinharmos qual a solução final de Charles Boyer...

O triangulo amoroso do Film sem ser inedito, tem contudo um sabor novo no meio dos empolgantes accidentes que agitam o desenrolar da historia. E ajuda a intensificar a emoção que o Film traz.

O lado psychologico do drama está tratado com grande habilidade e ha scenas de admiravel sentimento como, por exemplo, a volta de Charles Boyer e a surpresa de Danielle Parola.

Mas a qualidade principal do Film é a intensa emoção espalhada por todo elle, que vae num crescendo constante até o climax.

Charles Boyer tem um trabalho verdadeiramente admiravel, numa sobriedade semelhante áquella que o caracterizou no Film americano O homem de hontem. Boyer domina o elenco onde tambem estão: Jean Murat, excellente na sua parte e a figurinha fina e decorativa da agradabilissima artista que é Danielle Parola.

Esplendida photographia, com apanhados notaveis.

E' um dynamico, fortissimo e emocionante Film de aventuras — quasi excepcional no seu genero — esta admiravel producção de Erich Pommer, o homem que na America supervisionou optimos Films e agora a

Fox acaba de prender para o seu departamento na Europa...

Cotação: — MUITO BOM.

AURORA DE DUAS VIDAS (Storm at Daybreak) — M.G.M. — Producção de 1933.

O Film tem um inicio interessante, apesar de já conhecido. Alguns shots bem curiosos contam com emoção, o assassinato de Saravejo.

Depois a pellicula toma um desenrolar normal só se elevando pelo bonito romance entre Nils Asther e Kay Francis. Devido ao dynamismo do inicio, certos trechos do resto do Film parecerão lentos e falhos de acção. Mas repito, isto é só devido á comparação que, insensivelmente, o "fan" fará com as sequencias iniciaes. O Film tem a sua vida, e movimento e o que é principal — romance, belleza e sentimento.

E' verdade que o final está um tanto esticado e o argumento merecia ser melhor aproveitado.

Em certos pontos lamento a direcção de Richard Boleslavsky. E' mais decorativa e espectaculosa do que sentimental. Mas um merito esta direcção inegavelmente tem: é a belleza immensa com que tratou a parte de Nils e Kay.

As scenas de romance entre ambos e do interesse amoroso do Film são admiraveis. São momentos cheios de uma belleza inesquecivel e que elevam o Film a algo fóra do commum. Todas as "nuances" deste delicioso romance estão apresentadas com uma delicadeza e uma poesia que encantam. E depois, a linda musica, a pittoresca belleza dos ambientes austros-servios, embora pouco convincentes, os bonitos dialogos, o "back ground" de odios raciaes, tudo accentua fortemente a fascinação do romance entre os heroes — romance que torna o Film tão seductor dando-lhe uma vibrante atmosphera de poesia e paixão.

Além disto o Film apresenta tambem os seus bons detalhes, algumas

REVISTA

cousas valiosas que relevam os convencionalismos da historia, mais frequentes no final. Aquelle bellissimo "close-up" de Kay Francis, que se prolonga em fusão com as rapidas scenas de guerra, é uma maravilha do Film.

A scena em que Kay canta para Nils, o baile de despedida em casa de Huston e a visita de Kay ao trem de feridos — eis sequencias cujas bellas imagens perduram na lembrança dos "fans". A interpretação é optima e outros artistas talvez não fizessem tanto pelo agrado do Film.

Kay Francis — adoravel e "exquise" — é a fascinação em pessoa. Que subtileza que seducção ha no seu desempenho! Nils Asther, esplendido como ha muito não o vimos, tem um trabalho cheio de romantismo. Walter Huston soberbo, principalmente nas scenas finaes. Este triangulo amoroso não é dos mais novos, mas, ainda consegue emocionar.

Phillips Holmes está interessante e agradabilissimo num papel que tem alegria e sentimento. Eugene Palette e a mallograda Louise Closser Hale fornecem um pouco de comedia, aliás de primeira ordem. A mimosa Jean Parker, Brantwell Fletcher, C. Henry Gordon, Lucien Prival, Mischa Auer, Reginald Barlow, Oscar Apfel, Clarence Vilson e a pequena dos annuncios de cigarros Margaret O'Connell, tambem figuram.

O Film, que se chamou anteriormente "Strange Rhapsody", é baseado na peça hungara "Black Stemmed Cherries" de Sandor Hunyady. Adaptação com um Bertran Milhauser e operador: George Folsey, com um magnifico trabalho. Os "fans" de Films romanticos que observem este drama. Pena o final, o convencionalismo de certos pontos da historia.

Cotação: — BOM.

O REBELDE (The Rebel) — Universal — Producção de 1932.

Historia de patriotismo dos tyrolezes quando Napoleão dominava a Europa.

O que o Film tem de notavel é a volta de Vilma Banky. Aquella loura suave de sorriso tão lindo que Max Linder descobriu, reapparece linda como nem mesmo nos romanticos Films com Ronald Colman e Valentino, ella esteve!

Luis Trenker, adaptado ao papel, agrada. Victor Varconi no seu genero. Paul Bildt, Olga Engl, Erika Dannhoff, Arthur Grosse, Reinhold Bernt, Emmerich Albert, Luis Gerald e Hans Jannig, completam o elenco.

Historia e scenario de Luis Trenker. Direcção do mesmo e Edw. H. Knopf. Photographia estupenda de Albert Behnitz, Willi Goldberger e Sepp. Algier.

No genero é bom e tem boas emoções.

Cotação. — BOM.

A VERDADE SEMI-NUA (The Half Naked Truth) — R.K.O.-Radio — Producção de 1932.

A verdade é que Lee Tracy está no seu genero e fala "pra burro" e a semi-nua é Lupe Velez.

Esplendidos momentos de comedia, scenas de resultam boas gargalhadas, concorrendo muito para isso, Eugene Palette. Optima a scena de neurasthenia de Lee Tracy no escriptorio e boas as scenas em que analysam alma dos artistas de circo. Frank Morgan tambem está esplendido e o seu caracter agrada. Boas piadas, não percam. A do nudismo é das melhores.

Cotação: — BOM.

CABELLEREIRO DE SENHORAS (Coiffeur pour Dames) — Paramount — Producção de 1932.

Outra peça photographada que Joinville nos manda... E não é por falta de movimentação da camera que o Film sahiu theatral. Absolutamente!

Nos Films de Charlie Chaplin, a camera quasi não se move e no emtanto os seus Films são os mais Cinematographicos que têm corrido o mundo...

E' theatral por falta de scenario e muitas outras cousas... se bem que nisso, seja muito melhor do que **Apaixonadamente** e tenha as suas scenas engraçadas.

Fernand Gravey de novo como galã, mas aqui peor do que no seu trabalho anterior... e apesar de ser uma peça de **espirito** parisiense, o cabellereiro de Jack Bauchanan em **Monte Carlo** e o de Menjou em **Desfrutando a alta sociedade**, eram mil vezes mais finos, maliciosos e elegantes do que este cabellereiro para senhoras, de **boulevard**...

O resto do elenco é composto de cavalheiras quarentonas, só se salvando um pouco... Mona Goya e Diana... E tambem duas musicas bonitas, cantadas por Gravey.

Cotação: — REGULAR.

O AZ DE SHANGHAI (War Correspondent) — Columbia — Producção de 1932 — (Programma United Artists).

Um dos mais fracos da dupla Jack Holt-Ralph Graves. Desta vez elles estão na China e Jack é o melhor aviador do oriente na revolução chineza. O trama amoroso offerece algum interesse e Ralph Graves está deslocado. Emoções para as platéas populares.

Cotação: — REGULAR.

AMOR NA CORTE (The King's Vacation) — Warners — Producção de 1933.

Não creio em que George Arliss seja uma figura de agrado mundial... Este seu Film póde ter sido um successo nos Estados Unidos, mas o mesmo não se dá entre nós.

E' um bonito, um optimo argumente revelando verdades sobre a vida dos reis desthronados, sobre a politica, sobre o jugo da corôa e tambem muita cousa sobre a alma humana.

A scena em que Arliss tenta reviver o passado e não encontra echo na mulher amada, é bonita. Mas Arliss não convence como o homem amado... A maior belleza do Film está nos dialogos que são ditos com agrado, de uma maneira muito bonita, particularmente por George Arliss. Mas isto não chega a elevar o Film, que aliás é um trabalho muito sem **it**... sem elementos de agrado... Embora com muita verdade e alguma psychologia.

Florence Arliss, Marjorie Gateson, Dudley Digges, Douglas Gerrard e O. P. Heggie têm papeis importantes. Mas interessam mais, a lindissima Patricia Ellis, Dick Powell e em duas pontinhas, na scena em que o rei assigna autographos no Casino, as figurinhas encantadoras de Pat e Toby Wing. Nesta scena tambem apparecem as veteranas Maude Leslie e Betty Blythe...

Historia de Ernest Pascal. Direcção de John Adolfi.

Cotação: — REGULAR.

GENERAL YORCK (Yorck) — Ufa — (Programma Art).

Film historico allemão como todos elles impeccavel em todos os detalhes de reconstituição como só elles sabem fazer.

Warner Krauss, Otto Walburg, Paul Otto, Theodor Loos, Gustav Grundgens, Raoul Aslan, Walter Hansen e outros são os interpretes. Mas é um Film para os apreciadores do genero, se bem que tenha feito successo entre a colonia allemã.

Gustav Ucicky dirigiu.

Cotação: — BOM.

FLOR DO HAWAII (Die Blume von Hawai) — Rio Pascal Prod. — Producção de 1032. — (Prog. Urania).

Mais um Film quasi opereta, allemão, mostrando Hawaii sem convenções e mais real. Estamos acostumado a ver Hawaii de uma maneira differente. Alguma ironia sobre o protectorado americano, tambem.

Martha Eggert, agrada. Hans Fidesser é tenor e mau artista. Ivan Petrovitch é melhor, mas não pode cantar. Outros artistas conhecidos tomam parte.

Cotação: — BOM.

DRAGÕES DA MORTE (The Eagle and the Hawk) — Paramount — Producção de 1933.

Mais um Film sobre os aviadores de guerra, com os matadores... de sempre, com motivos e scenas já muito, exploradas. Agradará, entretanto, pela emoção popular a certas platéas. Fredric March e Jack Oakie, optimos. Cary Grant deixa a desejar. Carole Lombard entra apenas numa sequencia e ha alguns detalhes bons e poucas piadas. Assumto muito batido, muito explorado.

Cotação: — REGULAR.

HAS DE SER MINHA MULHER! (Der Frechdachs) — Ufa — Producção de 1932 — (Programma Art).

Um Film allemão com Willy Frisch, Camilla Horn e alguma musica. Historia para divertir. Direcção de Carl Boose e Henzie Hiller.

Cotação: — BOM.

O Rebelde

Flôr de Hawaii

General Yorck

Dragões da morte

Espera-me coração

HOLLYWOOD

Harold Rosson, o novo marido de Jean Harlow. Ella e seus paes Snr. e Snra. Marino Bello.

(De GILBERTO SOUTO)

LÁ vem Tom Brown pelo Boulevard guiando o seu carro e espalhando cumprimentos para ambos os lados. Vivendo em Hollywood, menos do que dois annos, elle entretanto conseguiu um sem numero de amisades. E' porque Tom sabe se fazer querido e estimado por todos. Hoje, conhece meio mundo e em cada canto da cidade tem um amigo. Acena-me que deseja falar commigo e pára o seu carro, não sem antes lançar um olhar em direcção ao policia — aliás uma das personalidades de Hollywood. E' elle quem dirige o trafico no encontro do Boulevard com Vine Street e é popularissimo — tanto assim que a sua correspondencia é endereçada da seguinte maneira... "Hollywood and Vine!" Nada mais, pois o correio local o conhece de sobra. Sobre este policia de Hollywood, mais tarde eu falarei com vagar, pois elle já esteve no Rio de Janeiro e gostou a valer! Mas, voltemos a Tom Brown. Elle pára o seu auto num logar prohibido, mas apenas alguns minutos para que eu entrasse. Conversamos pelo caminho. Tom me fala na sua organização, um club cujos socios são jovens artistas de Hollywood.

Chama-se "Puppets Club" e a elle pertencem até agora além de Tom, seu presidente, William Janney, Earl Blackwood, Junior Durkin, Helen Mack, Patricia Ellis, Anita Louise, Ben Alexander, Grace Durkin, irmã de Junior, Dick Cromwell, Jacqueline Wells, Maurice Murphy, Bob Horner e outros.

Elles possuem um elegante bungalow, no Beachwood Drive, como séde social e nella se reunem em festas e alegres "parties".

Tom me fala no successo da sua idéa e do numero crescido de socios que o club conquista todos os mezes. Para pertencer ao club é necessario ser artista de Cinema e tomar parte activa em Films. Um novo socio será iniciado, dentro em breve. Chama-se elle Sterling Holloway e vocês, caros leitores, o conhecem. Sterling ficou conhecido dos productores de Hollywood pelo seu trabalho na Pasadena Cummunity Playhouse, instituição modelar theatral. Elle tem trabalhado muito em Films e, dia a dia, o seu nome fica mais conhecido e elle mais popular entre os "fans". Vocês viram "Loucura Americana?" Elle é aquelle rapaz louro, meio abobalhado que descobre o cadaver na manhã seguinte ao assalto! Ultimamente, elle tem tomado parte em "Além do Inferno", aquelle marinheiro que morre: "International House", onde tem um bailado sem graça alguma, mas por isse mesmo impagavel... Appareceu tambem em "Blondie Johnson", Film da Warner Bros. onde era um chauffeur e, agora, a Universal acaba de o contractar para uma serie de comedias de duas partes. E foi o entregador de chapéos em "As mordedoras".

O "Puppets" convidou-me a ir a Pasadena assistir a uma peça, onde tomavam parte varios dos seus socios. Trata-se de uma comedia interessante, leve, tão humana e tão sincera que é como que um instantaneo da vida de cada familia, onde ha creanças que co-[illegible]am a attingir a adolescencia. Junior Durkin, sua irmã, que trabalha sob o nome de Cynthia Lawton, Leon Holmes, hoje um rapazinho crescido, Dick Winsloe, Baby Peggy, dos velhos Films silenciosos — mas hoje uma garota bonitinha e com aquelles mesmos olhos grandes e expressivos! Pareceu-me um sonho! Eu via Baby Peggy moça feita, elegante, coquette na sua parte e me recordava de seus passados trabalhos, quando ella era a menina prodigio dos Films da Universal! E Leon Holmes... e o proprio Junior Durkin, que ha menos de dois annos, eu vira com Jackie Coogan em Tom Swayer e outros Films de garotos... Na hora do intervallo, a platéa elegantissima se reune no pateo do theatro. A Pasadena Community Playhouse é construida no estylo das missões hespanholas da California. Pateos, arcadas, lembrando velhos conventos e missões silenciosas... Grandes lages que em vez de serem pisadas pelas sandalias grosseiras dos monges piedosos — são tocadas de leve pelos saltos elegantes das damas ricamente vestidas. Uma verdadeira parada de belleza e elegancia. Pasadena é celebre nos Estados Unidos pelo maior numero de fortunas e constitue a communidade onde vivem mais millionarios! Pasadena é habitada por gente que tem fortunas orçadas em muitos e muitos milhões de dollares — tantos assim que a gente não póde contar pelos dedos... Pasadena é elegante, aristocratica, refinada — por isso não é de admirar encontrar-se um theatro tão elegante, tão interessante e fino como essa Playhouse!

Pessoal do "Puppets Club"

E quem é que estaria, naquelle mesmo pateo, a fumar um cigarro, saboreando-o com verdadeira satisfação? O nosso muito conhecido Frankie Darro! Sim, caros leitores, aquelle garoto de tantos Films silenciosos e que, agora, nos "talkies", continúa a obter successo. Está um rapazinho! E deixei a Pasadena Playhouse em meio um mundo de sensações deliciosas e inesqueciveis!

— —

Maurice Chevalier passou-se para a Metro Goldwyn-Mayer — pelo menos para um Film — e que Film não vae ser! "A Viuva Alegre", que vocês todos viram naquella inolvidavel versão silenciosa, voltará á tela, com sua valsa deliciosa e sua musica irresistivel. Chevalier será o principe Danilo, papel esse que ha muito se falava destinado a elle, mas que que, sómente agora, foi definitivamente decidido pela alta direcção da MGM.

Celebrando esse acontecimento magno, a Metro offereceu um "party" á imprensa, a que compareceram um numero pequeno e selecto de escriptores, jornalistas e representantes da imprensa americana e estrangeira. Desta, apenas quatro correspondentes foram convidados — dois de Paris, Carlos Borcosque do Chile e o de *Cinearte*. Os convidados foram recebidos pelas duas maiores figuras da direcção da Metro — Mr. Louis B. Mayer e Mr. Irving Thalberg. Este ultimo, que regressára semanas antes da sua prolongadas viagem á Europa, fazia o seu primeiro contacto com a imprensa depois de tantos mezes de ausencia, durante os quaes muitos e desencontrados foram os rumores sobre a sua volta. Dizia-se aqui que Thalberg não voltaria para a Metro e que estava tratando de um novo contracto com outra empresa... Mas, tal não se deu. Elle tornou a occupar o seu alto posto dentro do Studio e um dos seus primeiros passos foi conseguir a assignatura de Chevalier para o papel de Danilo.

Chevalier, entre Thalberg e Mayer, firmando contracto com a M. G. M. para a "Viuva Alegre"

Sou apresentado a Mr. Mayer e a Irving Thalberg. Com este demorei a palestrar e elle fala sobre o provavel elenco dessa super-producção a que pretende dar montagem magnifica e um luxo maravilhoso.

"O papel da "Viuva Alegre", diz-me elle, — ainda não está decidido. Talvez seja Joan Crawford a sua interprete. Mas ainda é prematura qualquer declaração a este respeito. Joan é uma das nossas melhores artistas e ella se adapta bem a essa parte. Estamos considerando tambem a Grace Moore ou Jeanette MacDonald — mas não ha nenhuma informação definitiva sobre este topico. Darei ao Film montagem moderna, mostrarei nelle todos os melhores e mais populares trechos da musica dessa opereta famosa. O seu assumpto é universal — a sua musica conhecida e admirada por todos os povos do mundo — por isso confio immenso no agrado que o espera.

No meu programma para a Metro, terei os seguintes trabalhos: *The Good Earth*, *Marie Antoinette* e mais outra historia que entregarei a Alice Brady. Para o primeiro, provavelmente consideraremos um authentico elenco chinez. O assumpto se passa na China e é universalmente conhecido, tanto como livro ou na sua fórma de peça theatral. *Marie Antoinette* será interpretada por Norma Shearer.

Incluirei tambem na lista dos Films que produzirei uma historia original para o Cinema, onde juntarei elementos humanos que possam tocar de perto a sensibilidade de qualquer platéa.

Mas, Chevalier chegava, sorridente, distribuindo cumprimentos e mostrando-se satisfeito. Mr. Mayer faz a saudação, bebendo em regosijo ao facto de ter Maurice incluido na lista dos grandes nomes do seu Studio. Diz elle, em breves palavras, o seguinte: "Mr. Chevalier nós nos sentimos immensamente satisfeitos de o ter na Metro Goldwyn... Esperamos que se sinta aqui tão feliz como nós o somos, neste momento. O sr. é um grande artista e uma personalidade extraordinaria!"

Chevalier, no seu inglez afrancezado, responde e agradece. Forma-se á sua volta um grupo de reporters, jornalistas e escriptores. Depois, elle vem para o nosso lado e inicia uma palestra agradavel e cheia de bom humor.

Conta-nos, então, o seu primeiro encontro com Irving Thalberg, ha mais de cinco annos, quando ainda não pensava em Cinema e facto este que, realmente, é de uma comicidade e um pittoresco sem egual.

Principia elle: "Certa noite, estava eu no Casino, á espera do ultimo acto da revista, quando me entregam um cartão. Leio o nome — *Irving Thalberg*. Aquelle nome ou o de um mandarim chinez para mim significava a mesma coisa. Eu nunca ouvira falar em Irving Thalberg. Pensei tratar-se de um americano, touriste em Paris. Recebo-o e vejo deante de mim um homem extremamente moço, bem apparentado, e que me falava em inglez. Eu comprehendia um pouco, mas não o bastante para entabolar ou acompanhar uma conversa longa. Irving diz-me que estava muito interessado em mim e que se eu desejava fazer um "test". A palavra "test" tambem era grego para mim e aquelle ar tão moço do joven americano não me inspirou muita confiança, tanto mais que, sinceramente, julguei ser elle apenas um americano rico e que talvez estivesse fazendo "blague". Falei com elle, muito "interessado" mas absolutamente não dei attenção alguma ao que elle me dizia.

Tratei-o muito bem, disse que sim, muitas vezes, mesmo sem entender o que elle me perguntava e esqueci o facto, meio minuto depois que elle se foi... Então, o meu secretario diz-me: "Esse Monsieur Thalberg é um dos maiores homens do Cinema de Hollywood!" Cahi das nuvens, tentei ver se o alcançava de novo, mas não foi possivel. Dias depois, Jesse Lasky contractava Maurice Chevalier para a Paramount! E sabem porque Chevalier deu attenção, quando foi procurado por Lasky — porque o nome delle estava ligado ao da Paramount, em todos os annuncios, em todas as apresentações dos Films dessa marca...

Contam então, que Irving quando soube deste facto commentou — "Acho que o melhor, daqui para o futuro é mudar o nome da fabrica para Metro-Thalberg-Mayer!..."

BOULEVARD

Realmente este incidente aconteceu entre Chevalier e Irving Thalberg que, no primeiro momento, nada mais foi para Maurice do que um americano rico e disposto a fazer "blague!"

Este caso foi revivido, na reunião que a Metro deu no Studio. Thalberg disse — "Você me escapou da primeira vez, mas agora está preso a nós por este contracto que vamos assignar. . . E, sob as luzes fortes de reflectores, sob as objectivas de varias cameras e uma bateria de machinas de photographos — Chevalier pôz a sua firma num novo contracto — contracto esse que é calculado em varias e varias centenas de mil dollares!

E — que muito de enthusiasmo não reinou naquella festa — ao som da valsa famosa da *Viuva Alegre?* E quanta alegria não está no coração dos "fans", esperando pela visão desse Film que será magnifico?. . .

— —

Lilian Harvey foi apresentada, officialmente á imprensa, após a "preview" de *My Weakness* aproveitando a Fox Film esse ensejo para offerecer uma ceia aos jornalistas de Hollywood.

Lilian não compareceu á "preview", mas logo depois de haver o publico de um enorme Cinema applaudido longamente o seu trabalho ella estava rodeada de um grupo consideravel de reporters e correspondentes estrangeiros.

Duas grandes salas, decoradas, encheram-se de uma multidão garrula, alegre e que commentava, com verdadeiro enthusiasmo, o debute artistico da interessante inglezinha, em Hollywood. O serviço foi primoroso e um gigantesco bolo, no alto do qual uma photo de Lilian a mostrava com o seu sorriso mais feliz — esperava que a faca de um garçon chinez o dividisse pelos convidados. . . Os "cock-tails" se succediam! O "brouhaha" attingia o auge e os grupos se formavam em torno daquella figurinha delicada, da silhueta elegante, encantadora da "estrella" de "Congresso se Diverte. . ."

Lilian é senhora de um "charme" unico. Suas maneiras são finas, e como se traja elegantemente! Estava linda, seductora na sua toilette e — como as noites já são frias — ella ainda mais fascinante se mostrava envolta num riquissimo capote de pelles!

Sou levado para junto da "estrella" da Fox. Aperto-lhe a mãozinha fina e delicada e ella me recebe com o seu habitual sorriso. . . Um sorriso que é um complemento á expressão brincalhona e garota dos seus olhos. Lilian não trazia joias, apenas um broche, cravejado de brilhantes e que me pareceu obra antiga e primorosa.

Ella me fala que recebe cartas do Brasil, admirando-se que os nossos patricios a conheçam tão bem e, principalmente, que falem em Films silenciosos, feitos na Allemanha. Digo-lhe então que muito antes della ser conhecida e querida dos americanos, nós os brasileiros já nos tinhamos habituado a aprecial-a.

Recordo-lhe, por exemplo, aquelle seu Film delicioso — uma comedia de que me não esqueço nunca. Vocês, bons "fans", devem-se recordar tambem. Chamava-se "Amor, a toque de Corneta" e foi exhibida no velho Odeon ha mais de oito annos. Lilian ri-se e fica interessada. Ella foi de uma gentileza excessiva para com todos e, num detalhe que muita gente reparou, dirigia-se a varias pessoas, falando varios idiomas.

Ouvi-a falar inglez, a que ella empresta um leve sotaque britannico, allemão e um francez delicioso. Só fiquei triste della não me poder dizer apenas uma phrase em portuguez. . . Mas — que mais poderia eu desejar e reclamar dessa figura cheia de encanto e belleza? Não bastou aquelle sorriso bonito, aquella expressão garota nos seus olhos?

E — *My Weakness* tambem deve muito do seu exito á direcção de David Butler. Elle deu todo o seu talento e o seu bom humor ás suas scenas de comedia. David Butler. Elle estava presente. Gordo e corado. Como elle engordou! Sempre a rir, sempre a pilheriar e, para não faltar ao seu velho costume, dando palmadinhas nas costas dos amigos mais intimos. . .

Dixie Frances, que toma parte no Film e que canta uma canção, durante a sequencia do desfile de modelos, tambem compareceu. Todos pediram que ella repetisse o "frox-trot" buliçoso do Film. Dixie não se fez de rogada. . . Cantou-o, com a mesma malicia e o mesmo ar levado com que o fez no Film. E. . . o enthusiasmo augmentava, em relação aos jarros de ponche que se esvasiavam!. . . Já ia alta a festa e chegavam mais convidados. . . Dick Cromwell, Susan Fleming, Lew Ayres, que interpreta o papel de galã no Film. E as horas passaram celeres, enfeixando nos seus segundos e minutos um mundo de sensações agradaveis, deliciosas, inesqueciveis!

Extra! Extra! — gritavam os garotos, vendedores de jornaes, pelo Hollywood Boulevard. De facto, a noticia era sensacional! Jean Harlow, a famosa sereia dos Films — a *platinum blonde*, casava-se novamente. Passado que foi um anno, após a morte de seu marido, Jean prendia-se pelos laços do matrimonio a Harold G. Rosson, "cameraman" e com quem ella era vista, ultimamente, por todos os lados, em festas, "parties" e premières.

Apesar de Hollywood estar preparada para tudo, de não se espantar com nenhuma noticia de sensação — o casamento de Miss Harlow veio encher de surpresa aos mais intimos da celebre "estrella". Ninguem suspeitava, ninguem sabia que ambos estavam planejando as bodas e assim foi, realmente. Num domingo, já ia alta a madrugada, Jean, o noivo, e um piloto, amigo de ambos, tomaram um avião e seguiram para a cidadezinha de Yuma, distante da cidade do Film varias horas.

Acordaram o juiz de paz, trataram de arranjar testemunhas, conseguiram a licença e ás quatro e meia da manhã de segunda-feira estavam casados! Voltaram, em seguida para Hollywood, onde, por esse tempo, uma onda de photographos e reporters os esperava, pois o pae da popular "estrella" tinha espalhado a noticia.

Jean Harlow assim commentou o facto: "Apesar de nos conhecermos ha mais de dois annos, o nosso romance começou, apenas, ha dois mezes. Harold photographou meus dois ultimos Films, e, recentemente, a convite de meu pae, Marino Bello, eu o acompanhei e a Harold a um jogo de "golf". Meu pae e elle costumavam jogar seguidamente. Certo domingo, insistiram para que eu fosse tambem. Harold tentou ensinar-me certas particularidades do jogo... e uma aproximação mais forte nos uniu!

Sentimos que nos estavamos apaixonando — mas o casamento só foi decidido, ha uma semana, depois de uma conferencia de nossa familia. Escolhemos este meio para realizar o enlace, afim de evitar curiosidade e porque desejavamos que tudo corresse na mais serena intimidade. Harold é uma pessoa esplendida e encantadora e nós nos amamos muito, muito mesmo! Tenho certeza de que o nosso casamento será duradouro!"

O novo marido declarou o seguinte: "Eu amava Miss Harlow ha mais de oito mezes, mas nunca tive coragem de lhe dizer tal coisa, senão quando ella veio tomar parte no jogo de "golf"!

Os noivinhos planejavam uma lua de mel, em Honolulu, mas como Rosson deverá seguir para o Mexico, onde photographará o Film "Viva Villa", no qual Wallace Beery encarnará a figura famosa a lua de mel foi adiada. Mas, Jean declarou que deverá seguir com o marido para o Mexico, estando junto delle, durante todo o tempo da Filmagem.

Jean Harlow deu a idade de 22 annos e o noivo declarou ter trinta e oito.

E, pelo Boulevard a garotada continuava a gritar — *Extra, Extra, Extra!*

— —

Durante a festa offerecida a Mae Robson.

Uma scena de "Flying down to Rio" da R.K.O., vendo-se Zacharias Yaconelli, como garçon. Reparem a vista ao fundo, as chicaras de café e o "Correio da Manhã".

Vocês todos conhecem Mae Robson, não é verdade? Ella é uma das maiores artistas do theatro americano, onde pelo espaço de quarenta e seis annos appareceu, ligando o seu nome a peças memoraveis e a desempenhos extraordinarios. Ha quatro annos, ella veio para Hollywood para ficar e, hoje, occupa um dos logares de mais destaque na admiração dos "fans", dos productores e junto aos criticos americanos.

No dia 16 de Setembro, ella celebrou cincoenta annos de actividade artistica e a Metro Goldwyn-Mayer, que a tem sob contracto não quiz deixar passar desapercebida tal data. Offereceram um lauto banquete para a imprensa, artistas e um mundo de gente de theatro e Cinema. Todos foram levar sua homenagem a essa Mae Robson, extraordinaria, a essa grande artista que, dia a dia, conquista ainda novos louros, numa carreira a que tem dado todo o seu talento, a sua arte, a sua sinceridade e o seu enthusiasmo. Imaginem—cincoenta annos de vida artistica! Meio seculo de actividade espantosa e infatigavel! E durante esses muitos annos, a bondade, o grande coração de Mae Robson só souberam conquistar amigos, uma verdadeira legião de amisades que a adoram e a veneram.

A essa festa compareceram entre outros os seguintes artistas de renome: Lionel Barrymore que, segundo a propria Mae Robson contou — era um garato levado e travesso quando ella o conheceu, pela primeira vez.

Henriquetta Crossman, que com Mae Robson trabalhou cerca de vinte e dois annos nos palcos de New York, e que já vimos em um Film da Universal; Zelda Sears, actualmente, scenarista e escriptora, mas que durante muitos annos esteve em companhias com Mae Robson; Taylor Holmes, o pae de Phil Holmes, Polly Moran, Frank Bealey, Lucille e James Gleason, Grant Mitchell, Frank Morgan, Bob Vignola, que recordou os velhos tempos, quando elle, ainda muito moço dirigia peças em Broadway, muito tempo antes de entrar para o Cinema, onde nos deu aquella serie inesquecivel de Films luxuosos com Marion Davies; Edgard Allan Wolf, escriptor de renome e que conheceu Mae Robson, seu pae, o celebre Allan Wolf, do theatro americano, era um dos maiores actores de New York. . .

Marie Dressler não compareceu, pois se acha em New York. Mas, não esqueceu a sua velha e maior amiga. Marie e Mae Robson são amigas ha mais de quarenta annos e Miss Robson recordou uma viagem que ambas fizeram á Europa, ha mais de trinta e cinco annos, num navio que levou cerca de tres semanas. . . Marie enviou um telegramma que foi lido durante o almoço.

Dizia elle: "Os primeiros cincoenta annos são os mais difficeis. . . depois, trabalhar é até uma pilheria!"

Louis B. Mayer, Irving Thalberg, Edmund Goulding tambem estiveram presentes. Mr. Mayer levantou-se e fez a saudação official — promettendo que cuidará dos futuros Films de Mae Robson, com o mesmo carinho com que trata dos de Marie Dressler. Elle prometteu o estrellato para Mae Robson. Declarou tambem que seu proximo trabalho será uma comedia onde Polly Moran tomará parte.

Esta, sempre esplendida nas suas brincadeiras, tomou a palavra e disse: "Eu, sinto-me verdadeiramente commovida. Quero que me levem a serio, pelo menos desta vez. Em todo o caso, sinto-me muito contente porque me deram este papel ao lado de Miss Robson. Fiquei tão contente, que fui agradecer a Mr. Mayer. Elle me disse: "Polly, não tens nada que agradecer. Em vez de cortarmos a scena para uma arvore ou uma pedra. . . usaremos a ti num *close-up!*...

Finalmente, Mae levantou-se para agradecer. Falou sentida, verdadeiramente agradecida por tanta homenagem. E contou por que veio para Hollywood. Disse então: "Certa vez, em New, York, eu disse a Marie Dressler, minha velha e boa amiga — "Marie, eu estou cansada. Não posso mais supportar esta vida de palco, trabalhando de noite e indo dormir tão tarde. Vou retirar-me do theatro." Marie suggeriu então o Cinema. Aconselhou-me a vir para Hollywood e deu-me uma carta de apresentação para Mr. Mayer. Eu disse commigo mesma: "E, Hollywood será como que umas ferias para mim, depois de tantos annos de trabalho activo!" Vim para cá e, deixem-me dizer-lhes, meus amigos — nestes quatro annos de Cinema tenho trabalhado tanto ou mais do que nos quarenta e seis que gastei no palco. Sim, e vocês, actores de theatro — vocês, velhos da ribalta se duvidarem venham para o Cinema. Levantem-se ás seis da manhã. Tratem do make-up, estejam promptos ás nove horas para entrar em scena. Fiquem o dia inteiro sob as luzes e. . . durmam depois da meia-noite!. . .

Mas, estou contente. Por estar aqui perto de tantos velhos amigos, por ter ainda a amisade dessa creatura extraordinaria que é Marie! Obrigado a todos, obrigado a Mr. Mayer e a Mr. Thalberg!"

Seus olhos estavam cheios de lagrimas. Tanto mais que a orchestra tocava velhas melodias, valsas e canções dos tempos idos. . .

(*Termina no fim do numero*)

A ultima entrevista de Valentino

(FIM)

fosse favoravel, Valentino sentir-se-ia então á vontade para expor o plano aos productores.

Offereceu-me tirar algumas photographias para o meu artigo. (Era, naturalmente, magnifico cavalleiro, possuindo bellissimos cavallos). Seria photographado de esporas, calças de couro e chapéo de aba larga. Provaria a toda a gente que poderia encarnar perfeitamente um typo romantico do Oeste!

— Talvez conseguissemos convencer os homens, exclamou. Preciso tanto de fazer um film assim! Talvez fosse a minha salvação...

Interrompeu-se bruscamente, para observar com amargura:

— E' escusado. Seria eu o primeiro a admirar-me, se conseguissemos isso. Porque, na verdade, nunca consegui satisfazer nenhum desejo meu! Nunca!

Mas que queria Valentino? Fama, já a tivera, uma fama de que elle proprio se admirara um pouco.

— Por que todo este barulho em torno de mim? — costumava exclamar, com sincero espanto. Só por causa da minha cara? Mas ha Valentinos em todos os cantos da Italia!

Dinheiro, já o tivera. Tranquillidade nunca. Pelo visto, nada entendia de problemas financeiros. Segundo dizia, tornara-se rico, por mero acaso, mas não sabia como conservar-se rico, nem de que modo comprar tranquillidade ou aquella coisa que era para elle tão importante: paz.

Valentino foi, para milhões de mulheres, o symbolo vivo do perfeito amante. Ellas seguiam-no na rua, interrompiam o transito para lhe verem o rosto, perseguiam-no com cartas, telegrammas, presentes. E, no emtanto, os romances de amor de Valentino só lhe trouxeram angustias e desassocego de espirito.

— *Nunca tive o que queria...*

Estou convencida de que o artista falava verdade. Penso que as coisas que realizou e conseguiu eram coisas que muita gente lhe invejava, mas que ao proprio artista só causavam espanto e perplexidade. Não que fosse insensivel aos bafejos da fama e da fortuna, mas e que não sabia simplesmente como aproveital-os ou gosal-os em proveito proprio.

Antes de morrer, Valentino andava preoccupado e inquieto. Defrontava, ou, pelo menos, assim o suppunha, a decadencia e o esquecimento. Talvez tivesse razão. E' hoje duma funebre ironia que a sua dramatica morte e o magistral e espectacular trabalho, realizado pelo seu "menager" George Ullman na obra posthuma "O filho do sheik", se tenham harmonizado de tal fórma para crear a mais romantica legenda, a mais fulgurante aura que até agora haja rodeado um actor do cinema.

Se Valentino sobrevivesse e tentasse os films com que sonhava teria alcançado o prestigio que ainda hoje lhe doura o nome? Cahiria no ostracismo que tanto o amedrontava?

Eram estas as coisas que o atormentavam, que o assustavam, quando da sua ultima entrevista commigo. Dez dias depois Valentino desapparecia do numero **dos vivos.**

OUVINDO CLARENCE BROWN

(FIM)

e ainda é tão grande. Pela sua maneira de falar, pude observar o quanto elle admirava o Cinema silencioso. Mas elle não poderia cortar a sua carreira, tinha que seguir e acceitar a mudança que se operou na arte das imagens tal qual ella se apresentava.

"Agora", continua elle, "voltei a acompanhar de mais perto o Cinema. *Possuida* deu-me margem a trabalhar com mais gosto. Nesse film pude voltar a usar antigos processos meus. *Night Flight* é um trabalho onde puz tudo quanto possuo. Gosto immenso desse film pela sua historia, pela sua idéa, pelo que de admiravel offerece o livro do escriptor francez. Elle é um piloto da aviação e, até hoje, esse livro é o unico que li que, de verdade, offerecer uma idéa exacta do que é *voar*. Intensamente humano, o livrinho de Saint Exupéry é uma obra prima!

"Li o livro e vim com elle para o studio. Tive uma conferencia com a direcção e houve gente contraria ao plano de filmal-o. Achavam que nada se poderia fazer da obra franceza. Um *executive*, porém, Mr. David O. Selznick deu-me ordem para que levasse ávante o meu projecto. Elle seria o productor. Juntei-me ao escriptor H. P. Garrett e com elle iniciei um trabalho insano. Fizemos juntos o primeiro esboço. Elle, depois, continuou a obra, tendo sempre commigo conferencias e discussões. Assim, costumo fazer em meus films. Converso com o scenarista e com elle troco idéas. Isto facilita immenso o trabalho ulterior de filmagem. Evitam-se as necessarias mudanças de scenas e o film não perde o seu caracter, a sua unidade de desenvolvimento".

Elle me fala, agora, de Helen Hayes: "E' uma grande artista. Extraordinaria, admiravel! Tive-a em "Amor de Mandarim" e "Night Flight" e ella deverá estar commigo no meu proximo trabalho — *The Wicked Woman*, que tenho em mãos e que estudo, neste momento. E' uma historia simples, mas extremamente humana, e não poderia achar-se interprete melhor do que essa Helen Hayes. Uma pobre mulher, com varios filhos e um marido brutal. Uma noite, em meio a uma disputa, ella o mata. Parece um sonho".

Tudo fôra tão rapido, tão cruel — brutal! Quando aquella mulher comprehende, olhando para os filhos, que elles estão orphãos, quando tem a visão completa de que ainda necessitam de seu conforto de mãe, do seu amparo, ella cahe de joelhos e óra a Deus. Pede-lhe que lhe dê mais alguns annos de liberdade, afim de deixar as creanças educadas, afim de completar a sua missão maternal. Depois, então sim, ella se entregará á justiça, para pagar pelo crime que commetteu.

E pelo espaço de dez annos, ella consegue escapar á justiça humana, ás leis da sociedade. Quando a sua missão se completa, ella vae ter á policia... Eis aqui, apenas, o esboço da historia. Suas linhas e contornos ainda não estão definidos com precisão.

"Terei margem, porém, a fazer um film humano, com muito sentimento e coração, contando para isso com o desempenho de Helen Hayes".

A nossa palestra continuava esplendida, cheia de incidentes e detalhes tão admiraveis quanto os que Clarence usa em seus films. Elle captiva, fascina pela sua palestra intelligente, agradavel e pela sua autoridade em poder falar sobre uma arte onde elle é mestre.

Falamos de musica e sobre este topico eu tinha uma pergunta a fazer-lhe.

Indaguei porque parece gostar tanto da *Melodie Exotique*, de Meyer, tendo-a usado por duas vezes em seus films: "Usei-a em *Inspiração*, pela primeira vez, como fundo musical para certa scena de Greta Garbo. Recebi, então, mais tarde, innumeras cartas de *fans*, indagando o nome dessa peça musical. Notei então haver publico que prestava attenção a certos detalhes. Fiz então escrever aquella canção que Joan Crawford cantava em *Possuida, How Long Will It Last?* E' o mesmissimo thema musical. E confesso-lhe — a *Melodie Exotique* é a minha musica favorita! Toco-a todas as vezes que necessito de tranquillidade para o meu espirito!"

Assim é Clarence Brown! Um espirito refinado, amante de coisas bellas e verdadeiro estheta, de uma sensibilidade que arrebata e de uma finura que encanta.

Antes de nos despedirmos, Clarence agradece o interesse de *Cinearte* em procural-o para uma palestra, e pediu-me que fosse o intermediario dos seus votos de felicidade para cada *fan* brasileiro, para os leitores desta revista.

CLARK GABLE ESTUDA A SUA ALMA

(FIM)

dos. Para estes, são bastantes um sorriso e um aperto de mão. Para aquelles, outro respeito e attenções maiores, que nos habilitem a conserval-os sempre.

"Sei que ha gente boa aqui em Hollywood, mas penso que a maioria é mais voluvel e variavel que a de qualquer outra parte.

Nessa altura, interrompi Clark.

— Quem sabe, exclamei, se a razão não assenta no facto de os individuos não se "atreverem" a ser sinceros? Se formos a aprofundar bem as coisas, a gente dos Studios só se póde dar com os que estão por cima. Exemplo: dois artistas são amigos e um delles, brigando com os mandões do Studio, é posto na rua. O que fica na companhia já não póde ser muito visto com elle em publico, porque esse facto lhe prejudica a carreira.

— Bolas, bolinhas e bolotas para semelhante raciocinio: explodiu Clark. Hei de ter os amigos que muito bem entender, sem me importar para nada com o que os outros pensem. Não quero saber se a amizade de Fulano convém ou não á minha carreira. Faço questão de me dar com as pessoas de quem gosto e cuja companhia me distrae.

"Estou convencido de que a maior coisa que Hollywood me ensinou foi talvez esta: as melhores coisas da vida são justamente as mais simples. Ás vezes, vou a festas, mas quando estou fora do Studio não é em festas ou em gente do Cinema que penso. Nem me lembra do Grove ou do Mayfair. Faço o possivel por me esquecer de tudo isso. Os meus mais intimos amigos, não nos têm nenhuma ligação com as fitas.

"Uma das phases mais felizes da minha vida foi ha pouco, na minha ultima viagem de caça. Ia commigo um rapaz que nunca me viu no Cinema.

— E não te sentiste despeitado por causa disso? perguntei, curioso.

— Qual despeitado! Ainda fiquei gostando mais delle. Quando estou em ferias e que começam a pedirme que fale a meu respeito, ahi, sim! é que me aborreço e nunca mais lá volto! Geralmente, trato de descobrir em que negocios se occupa quem está commigo e ponho-me a conversar sobre o assumpto, esforçando-me por dizer coisas acertadas. Isso tem duas vantagens: satisfaz-me a curiosidade, pois que tambem me interessam outros ramos de actividade, fora da minha, e evita as palestras que me são desagradaveis. Esse companheiro de caçada de que te falei ha pouco só discorria a respeito do preparo dos cães, da vida dos leões, dos differentes systema de armadilhas e de muitas outras coisas que me agradam!

"E' assim que conservo o que chamo a "minha perspectiva". Estive num logar como a floresta de Kaibab, no Arizona, e por lá me demorei duas semanas, sem ver nem ouvir falar de Films. Quando a gente volta, vem com a alma nova.

"Outra coisa que tambem aprendi em Hollywood foi a disfarçar os desapontamentos e as birras. Talvez uma das razões que concorram para a gente gostar tanto dos cães seja o facto de esses animaes se retirarem immediatamente, mal se sentem enfadados com uma pessoa. Quando estão proximo de nós é porque se sentem satisfeitos; fazem então tudo para nos agradar. Ha mais affeição nesses grandes bichinhos do que em toda a canstellação de Hollywood.

"Antigamente, quando me vinha algum aborrecimento ou desillusão, corria á procura de alguem para desabafar. Acabei por perceber que nada adeantava com isso e que o meu ouvinte na maioria dos casos se mostrava constrangido. Comecei a reflectir.

"Em primeiro logar, comprehendi que, para sairmos de alguma situação difficil, não se deve contar senão com os proprios recursos, uma vez que ninguem sabe melhor do que nós de que modo nos enredámos.

"Depois, lembrei-me das occasiões em que a mim me tocara ser confidente das magoas dos outros. A menos que não fossem amigos muito "intimos", sempre me sentia embaraçado. Ás vezes, succedia até experimentar uma grande surpresa ou desapontamento, com a revelação de alguma fraqueza de caracter que estava longe de suspeitar. Os proprios sujeitos eram os primeiros que se arrependiam, mais tarde, de me haverem mostrado a alma, succedendo depois começarem a esfriar as nossas relações.

"Accrescente-se a tudo isto a incontestavel força que a inescrutabilidade empresta á personalidade e facilmente se comprehenderá o prazer com que aprendi a lição".

Clark consultou o relatorio e teve um sobresalto.

Tenho que apparecer no "copo dagua" que o Sr. Mayer offerece á marinha japoneza. Chega por hoje?

Era a minha vez de sorrir. Tres annos antes, succedera o mesmo. Estavamos a conversar, quando, de repente, Clark se desculpara, dizendo ter que tirar alguns retratos a cavallo. E tambem demonstrara alguma ansiedade, ao perguntar se "chegava".

Diga Clark o que disser, Clark não está mudado. Não, senhores! Elle aprende, mas não muda. E nunca mudará, excepto para melhor, sempre para melhor.

Agora o repertorio de Clark no Cinema: — Cow-boy em "Painted desert" da Pathé. Como "gangster", o papel em que diga-se a verdade é o unico em que elle convence, vimol-o em: "Vendido", de Richard Barthelmess; "Triumphos de mulher", de Barbara Stanwyck; "Quando o mundo dansa", de Joan Crawford; e "Alma livre", de Norma Shearer.

Foi "Chauffeur" em "Tentação do luxo", de constance Bennett: Reporter em

Cinearte

FUNDADOR:
Dr. Mario Behring

DIRECTOR:
Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — (Registradas) 1 anno 60$000, 6 mezes 30$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Trav. Ouvidor nº 34 — Telephones: Gerencia: 3-4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro.

Representante em Hollywood. GILBERTO SOUTO.

"A guarda secreta" com Wallace Beery. Jogador em "Lealdade", com Madge Evans — e —"Casar por azar", com Carole Lombard. Millionario para soccorrer Garbo em "Suzan Lennox..." Soldado do exercito da salvação para converter Joan Crawford ao caminho do bem em "Almas peccadoras"... Politico em "Possuida", "Actriz de Circo", com Marion Davies. Medico em "Mentiras da vida", com Norma Shearer. Capataz de um seringal em "Terra de Paixão", com Jean Harlow. Official italiano na "Irmã branca" e neste mesmo papel de aviador em que o vimos tambem em "Gigantes do céo", o veremos em "Night Flight", o ultimo Film de Clarence Brown. Em "Amar e ser amada", o ultimo Film que vimos, elle estava como devia estar sempre...

E fechando este artigo, quando elle ainda nem sonhava em ser o "gangster" mais querido do Cinema, vimol-o muitas vezes nas comedias de Alberta Vaugh. Tambem nas de Guit Guard. Naquelles "Veteranos e calouros", da Universal. E naquelle Film de aviação da antiga F. B. O. — "O homem branco", com Alice Joyce e Frank Mayo. Lembram-se?

A Gata Borralheira

(FIM)

e achou-o terrivelmente bonito. Já está encaminhado.

Conhecendo-se os dois já ha tres annos, só ha tres mezes se começaram a namorar. E' o primeiro amor de Jean (Toque a musica!) Ella suspira e teme que nunca passem de simples companheiros, por exigencias da carreira. Vão ao Cinema e á praia, nas horas de folga e constroem castellos sobre o futuro.

— Não quero ser estrella, diz Jean energicamente, preparando-se para partir.

Ha pouco tempo, competiu valorosamente com as veteranas Hephurn, Dee e Joan Bennett no Film "Little Women".

— E espero sinceramente, accrescenta Jean, que Hollywood nunca me dê volta á cabeça. Podia citar os nomes de quatro estrellas aqui do Studio que já estão completamente perdidas. Encheram-se tanto de vento que nem parecem seres humanos.

Jean estava impaciente por se ir reunir na praia á sua "inspiração", que é como chama ao namorado. E como podia um entrevistador atrapalhar o Amor? Já lhe bastava ter aproveitado aquelle raro momento de folga de Jean.

Só accrescentarei que John Barrymore é, na opinião da joven actriz, o artista mais simples de todos os de primeira categoria que tem conhecido. Quanto ao nome das quatro estrellas, as taes que... Mais vale calar.

Mas, em summa, a leitora, que vive na obscuridade, deve alegrar-se. Pense na Gata Borralheira Jean Parker e não se esqueça que emquanto houver Hollywood ha esperança.

Os seus ultimos trabalhos no Rio foram em "Aurora de duas vidas" e "O despertar de uma Nação". E "What Price Innocence" e "Lady for a Day" são dois Films seus na Columbia, este ultimo ao lado de Warren William.

A S modas estão sempre em moda... E o magazine O MALHO, todas as semanas, publica supplementos com os ultimos modelos de vestidos para senhoras, além de riscos, moldes, letras, interiores, etc. Comprem, por experiencia, um MALHO, e ficarão satisfeitas. Asseguramos.

Quem sabia que Jean Harlow adivinhava o futuro?

(FIM)

"A primeira indicação que tive desse meu dom foi na época da minha infancia. Approximava-se a data do meu setimo anniversario e a familia cochichava pelos cantos acerca da grande "surpresa" que me ia fazer. Minha mãe e meus avós estavam tão convencidos da raridade do presente que me desafiavam a adivinhar o que era.

NÃO HA SURPRESAS PARA JEAN

Lembro-me de estar no meu lindo quartinho todo azul a pensar: "Já sei que me vão dar um cavallinho, no dia dos meus annos e, portanto, devo ter todo o cuidado em não falar em cavallinho. E' um cavallinho castanho, com uma estrella branca na testa. Chegará de manhã, mas elles só mo vão dar, depois de eu haver apagado todas as velas do bolo de anniversario". Quer dizer que já sabia de tudo, mas não o quiz dizer para não estragar a alegria da minha familia. Quando me apresentaram o cavallinho, fingi uma grande

"Quando fiz dezenove annos, aconteceu quasi a mesma coisa. Estava vivendo com minha mãe aqui na California e foi logo depois da fallencia do meu primeiro casamento. Tinha começado a trabalhar no Cinema. Meu avô fizera grande escarcéo ao saber da minha entrada para as fitas. Chegara a ameaçar de me desherdar, a mim e a minha mãe, e, portanto, não era de esperar que estivesse com muitas ganas de me mandar um presente de anniversario.

"Mas, dois dias antes, disse, de repente, a minha mãe:

— A que horas chegará o tal carro?

"Minha mãe ficou naturalmente espantada, sem atinar com o que eu queria dizer.

— O avô vae-me mandar uma "barata" azul de presente, prosegui. Que pena! Gostava mais duma limusine! Mas, em summa, serve!

"Minha mãe chamou-me de doida.

— Já te esqueceste que teu avô está furioso comtigo? Quem te metteu na cabeça que o "velho" te vae dar um automovel?

"Não consegui convencel-a de que ninguem me mettera na cabeça e que tinha certeza absoluta de que o carro viria.

"Na manhã do dia do meu anniversario, com effeito, parou uma "barata" azul á nossa porta, tendo preso a uma das rodas um cartão de meu avô!

SABIA QUE VOLTARIA BREVE

— Já sabe a historia do bahú. Na occasião, não pensava absolutamente em sair de Hollywood, mas estava sentada no salão de belleza a tratar do cabello, quando, de subito, me puz a dizer mentalmente: "Daqui a cinco dias, estarei em Philadelphia. Preciso tratar já da bagagem". Estava tão certa disso, sabia-o tão bem, que telephonei para casa a pedir que providenciassem sobre os bahús. A unica coisa que me impedio de me sentir ridicula era ter "certeza" de que ia partir para Philadelphia.

"Era caso, naquella época, para me causar desgosto. Estava convencida de que acceitar offerta, naquella altura,

HOLLYWOOD BOULEVARD

(Continuação)

Algumas das quaes foram dedicadas a Mae Robson ha mais de vinte ou trinta annos... Quantas memorias, quantas recordações e que exemplo bonito para a mocidade que ali estava ver aquella senhora de cabellos brancos, coberta de homenagens, de glorias — depois de haver conquistado os maiores triumphos nos palcos americanos ainda continuar trabalhando, engrandecendo a arte de representar!

A Metro offereceu-lhe um livro, encadernado em rica capa de couro e onde, em folhas de pergaminho, todos os artistas de Hollywood — que são as amisades dessa grande artista, assignaram seus nomes, num tributo ao seu genio!

Encontrei-me, ha dias com o Z. Yaconelli, um dos brasileiros mais sympathicos de Hollywood. Foi mesmo ali na esquina de Vine Street e o Boulevard — esta evenida immensa por onde passeiam suas glorias e suas aventuras os bonecos do celuloide.

(Termina no proximo numero)

para uma "tournée" de "personal appearance" seria o mesmo que dizer adeus a Hollywood para sempre. Seria o fim da minha carreira no Cinema. E, comtudo, apesar do que o bom senso me dizia, deixei Hollywood com um sentimento de estranha alegria. Embora a "tournée" tivesse um prazo marcado de quatro mezes, lembra-me de haver dito a uma amiga que estaria de volta ao cabo de seis semanas.

"Depois de havermos viajado umas quatro semanas, eu, minha mãe e Bello, comecei de repente a fazer perguntas a respeito dum telegramma. "Ainda não chegou?" perguntava eu. "Mas telegramma de quem?" indagavam, por sua vez, minha mãe e meu padrasto. "Ora de quem ha de ser?" respondia eu. "De Irving Thalberg! Estou convencida de que a M.-G.-M. já descobriu que não póde passar sem mim". Aquillo era quasi o mesmo que dizer que o rei da Inglaterra me ia mandar um telegramma a pedir-me que o ajudasse a governar. Minha mãe e meu padrasto acharam graça e todas as vezes que chegava mos a um novo hotel Bello falava em ir perguntar na gerencia se havia algum telegramma para mim do Sr. Thalberg.

E O TELEGRAMMA CHEGOU

— Nunca me esquecerei da expressão de meu padrasto, na manhã em que chegou o telegramma. Estavamos a almoçar, quando o creado bateu á porta com a mensagem telegraphica. No primeiro momento, ninguem se espantou, pois, durante a "tournée", recebiamos centenas de telegrammas de amigos, de admiradores, de gerentes de theatros e de agentes. Mas, quando Bello abriu e leu aquelle, fez-se logo muito vermelho. Minha mãe quiz saber o que era e meu padrasto respondeu: "Fala numa tal "Mulher de cabellos de fogo" e é do "Thalberg".

Depois das primeiras expansões de alegria, por haver a minha "brincadeira" batido certo, notei que minha mãe e meu padrasto me olhavam com curiodade. Eu havia predito a chegada do telegramma com muitos dias de antecedencia. A "tournée" foi logo interrompida, faltando ainda dois mezes para o seu termino, e voltámos immediatamente a Hollywood. Uma voz cantava dentro de mim, quasi em unisono com o barulho das rodas do trem: "Agora tudo vae mudar. Acabaram-se os aborrecimentos. O futuro tem coisas formidaveis á tua espera". Sentia a mesma sensação que se experimenta com uma ascenção muito rapida de elevador.

"De facto, a senhora já sabe o que então se seguiu... O successo da "Mulher de cabellos de fogo" o meu subito casamento com Paulo, logo depois...

Ao mencionar o nome de Paulo, a voz de Jean sombreou-se de tristeza.

— Tudo se passou com tanta rapidez, dum modo tão emocionante! Foram dias pelos quaes já esperava, dias que me tinham feito poupar todas as minhas energias, para os enfrentar, quando chegasse a hora.

O INESPERADO

— Não se lembra de lhe haver dito ha pouco que apenas se passou uma coisa na minha vida com que eu não contava? Bem. A morte de Paulo... foi a tragica excepção. Pela primeira vez, fui apanhada de surpreza. Póde crer que não houve um unico momento em que tivesse a intuição da tragedia que sobre mim pairava. Eu que sempre adivinhei tudo! Dê-lhe o nome de palpite, sexto sentido ou o que quizer, mas, seja o que fôr, esse conhecimento especial que tenho das coisas não me preparou para a crise terrivel!

"Foi como que um raio num céo todo azul. Qual seria o motivo por que falhou, desta vez, o meu "conhecimento"? Por ser a morte de Paulo tão tragicamente desnecessaria? Por ser o resultado duma passageira disposição de espirito? Por ser mero accidente?"

Perguntei, para desviar a conversa dum assumpto que abre uma ferida no coração de Jean:

— E tambem tem desses estranhos palpites a respeito de outras pessoas? Já alguma vez previu qualquer acontecimento que se relacionasse com conhecidos seus?

Jean meneou a cabeça.

— Se tambem tivesse esse dom com respeito aos outros, faria todo o possivel por me calar. Nem sempre é bom "saber" o que está para acontecer.

Quem era Renée Adorée

(*Continuação*)

Que lindos elles eram! Renée como chinazinha estava mais do que encantadora... ella reunia a ingenuidade e a delicadeza de Helen Hayes em AMOR DE MANDARIM e a delicadeza e a meiguice de Sylvia Sidney em MADAME BUTTERFLY...! E como Butterfly ella morria "com honra" pagando o peccado de ter amado um homem branco... Em MR. WU Renée Adoree roubou todo o Film para ella, com o seu trabalho, com o seu encanto, com a sua arte!

O NOVO RICO — Renee era a "caixa" de um café parisiense, casada com Lew Cody. Lew enriquecia e ficava pedante... conquistador. Namorava Dot Sebastian... Uma estupenda comedia!

DOMINIO DAS ILLUSÕES — Mais um Film em que Renée trabalhava com John Gilbert, mas era um John differente daquelle que a amara nos campos de França... O "chauffeur de Madame Baclanova" era um "barker" de um destes "shows" conhecidos em tantos Films, com a differença que era em Budapest. E John não pedia perdão a nenhuma senhorita que conquistava... Lionel Barrymore, que ainda nem sonhava em defender a alma livre de Norma Shearer, era o vilão. Renéezinha representava no "show" a "Salomé" de quem John "cortava" a cabeça... Um Film typico de Tod Browning, só faltando Lon Chaney...

DE VOLTA DO PARAISO — Da Universal. Neve em toda a parte... Um romance no Alaska, com os seus classicos vendedores de pelles. Renée era a "Renée de Bois", filha de Mitchell Lewis. Robert Frazer, o heróe que a amava. E o vilão, o Walter Long, pagava os seus crimes, na ultima parte, nas presas de um cão feroz... Um Film que teve dois directores e o que o iniciou, abandonou o "set" para morrer.

PARAISO NA TERRA — Refilmagem de ELLE E A CIGANA, com o mesmo Conrad Nagel. Renée revivia a linda ciganinha "Marcella". Lembram-se da scena em que Conrad abandonava Gwen Lee, no instante de tornar-se seu marido...?

HORAS PROHIBIDAS — Pela segunda vez Renée trabalhou com Ramon Novarro. Mais uma historia do reino imaginario e mais uma "frech-girl" que Renée interpretava para o Cinema... era a "Marie" que se casava com o principe e depois fingia não o amar, para que elle a desprezasse, satisfazendo os desejos do Estado. Mas elle a amava muito! Havia um idyllio delles, num caramanchão de rosas, que era um encanto...!

Como no outro Film em que Renée e Ramon trabalharam juntos, Harry Beaumont foi o director.

COSSACOS — A historia de Tolstoi e um novo romance de Jim e da Melissande... Renée era a "Maryana". John o filho do cossaco Ernest Torrence, que tinha um desgosto profundo porque o filho não "tinha" o sangue de cossaco. Chegára a ser apontado de covarde... Mas Renée Adorée, o seu amor, tornava-o o heroico e destemido "Lukashka"! Nils Asther fazia um principe que tentava atrapalhar o beijo final de John e Renée... "Cossacos" teve a direcção de George Hill.

(*Termina no proximo numero*)

CINEARTE

Uma Verdadeira Joia!

A direcção de MODA E BORDADO, incontestavelmente a mais bem feita revista de Modas que até hoje se publica na America do Sul, apresentará no fim do corrente anno, como demonstração de alto apreço ás suas innumeras leitoras, uma verdadeira joia que será o

Annuario das Senhoras

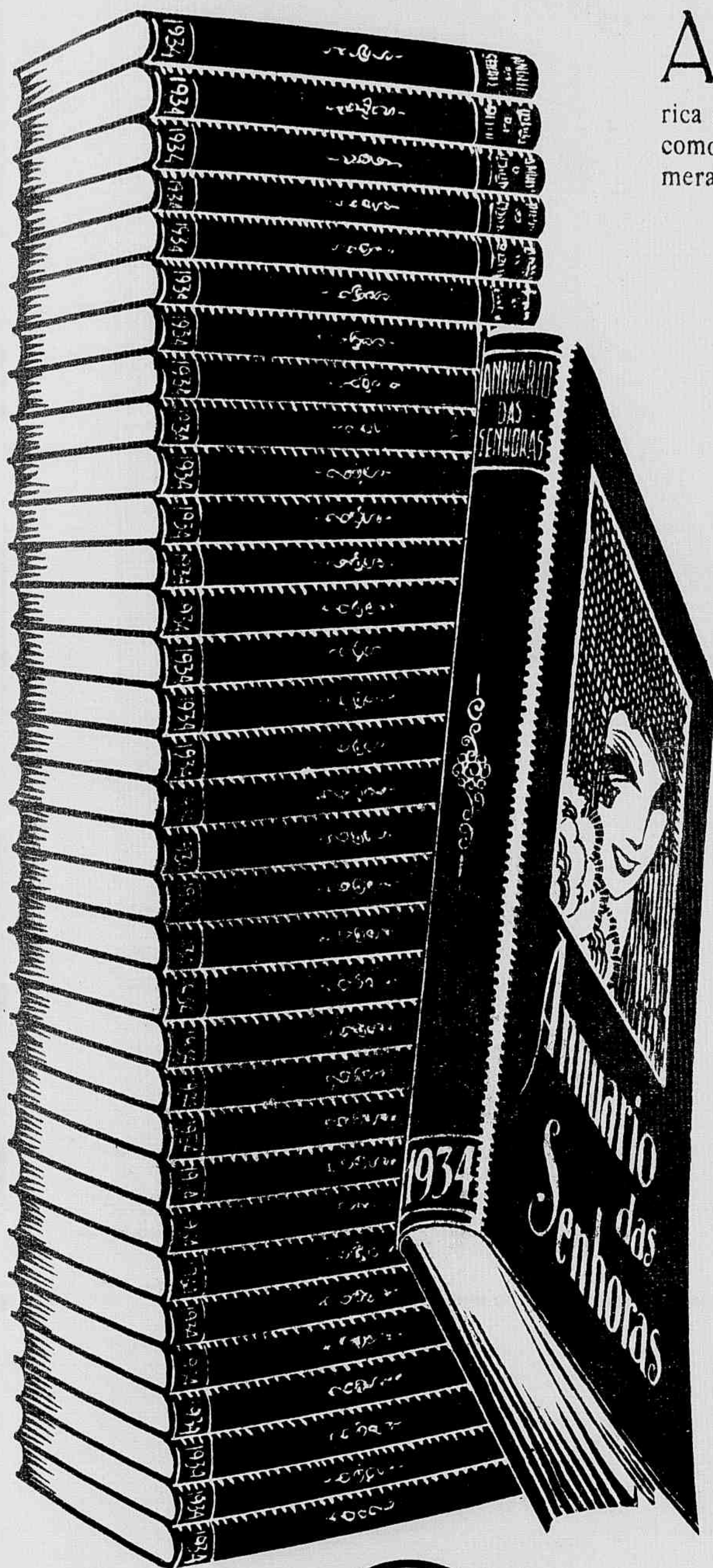
contendo, em suas bellissimas paginas em rotogravura, um milhão de assumptos para a mulher e para o lar.

Modas, Bordados, Crochet, Tricots, Decoração e arranjos da casa, Assumptos de Belleza, Receitas Culinarias, Penteados, Musica, Arte, Poesia, Contos, Novellas, Dialogos, Litteratura, Illustrações, Sport, Cinema, Chiromancia, Adornos em geral, Conselhos ás Mães e ás jovens, e uma infindavel quantidade de suggestivos assumptos que interessarão a todos os espiritos femininos.

Uma verdadeira joia

será, portanto, o "Annuario das Senhoras", que conterá perto de 400 paginas, em rotogravura, ricamente, artisticamente illustradas e com uma magnifica encadernação.

Annuario das Senhoras

deve ser desde já pedido ao seu fornecedor para a reserva do exemplar. Em todos os vendedores de jornaes e revistas e em todas as livrarias e casas de figurinos do Brasil será encontrado á venda em meados de Dezembro do corrente anno. Pedidos, desde já, á Empresa Editora de Moda e Bordado ou S. A. O MALHO, Travessa Ouvidor, 34 — Rio. Preço sem augmento para remessas para o interior do Brasil — **6$000 cada** exemplar.

PANDARECO,
PARACHOQUE
E VIRALATA
Luiz Sá
Rio - 33
INTERESSANTISSIMO LIVRO DE AVENTURAS, ESCRIPTO E ILLUSTRADO POR
MAX YANTOK
LEITURA PRIMOROSA PARA AS CREANÇAS.
Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E PONTOS DE JORNAES E REVISTAS.
LIVROS DA MESMA SERIE, JÁ PUBLICADOS:
"CONTOS DA MÃE PRETA", de Oswaldo Orico; "NO MUNDO DOS BICHOS", de Carlos Manhães; "RÉCO-RÉCO, BOLÃO E AZEITONA", de Luiz Sá; "CHIQUINHO D'O TICO-TICO", aventuras infantis; "QUANDO O CÉO SE ENCHE DE BALÕES...", de Leonor Posada; "HISTORIAS MARAVILHOSAS", de Humberto de Campos; "MINHA BÁBÁ", de J. Carlos; "ZE' MACACO E FAUSTINA", de Alfredo Storni.
PREÇO EM TODO O BRASIL
5$
A SEGUIR:
"PAPAE"
DE JORACY CAMARGO
Pedidos á Bibliotheca Infantil d'O TICO-TICO
RUA SACHET, 34 — RIO DE JANEIRO